Abrir portas onde se erguem muros Director: David Pontes **Segunda-feira, 12 de Agosto de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.520 • Diário • Ed. Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • **1,50€**

Entrevista
Ana Galvão: "Gosto da vida salpicada por momentos rock'n'roll"
P2 Verão

Guerra na Europa
Apanhado de surpresa pelo ataque da Ucrânia em Kursk, Kremlin recusa admitir fracasso
Mundo, 20

Animação
***Simpsons*, sátira e reverência na maior convenção mundial de fãs do império Disney**
Cultura, 26/27

Financiamento do PRR na habitação acelera, mas só estão prontas 132 casas

A distribuição do dinheiro do PRR destinado à habitação está a acelerar, mas a construção de novas casas continua muito atrasada. Alguns autarcas já falam em adiamento dos prazos de execução Economia, 18/19

ANDY CHUA/REUTERS

Olímpicos
Caiu o pano em Paris nos melhores Jogos de sempre para Portugal
Dos nossos enviados Diogo Cardoso Oliveira e Marco Vaza
Destaque, 2 a 7

Idadismo
Discriminação pela idade no trabalho afecta mais os jovens

Trabalhadores portugueses relatam baixos níveis de discriminação etária. Jovens são os que mais se queixam Sociedade, 14/15 e Editorial

Caso BES
Justiça já gastou 112 mil euros só para guardar arte apreendida

Estado aluga espaço em Santarém há oito anos. Ministério Público pede solução mais barata Sociedade, 16

Futebol
Benfica entra em falso na Liga com derrota em Famalicão

Famalicão repete triunfo da última época que "enterrou" as aspirações de a equipa de Roger Schmidt poder chegar ao título Desporto, 28

ISNN-0872-1548

Em Paris, Portugal acelerou a fundo no velódromo

Rui Oliveira e Iúri Leitão na cerimónia de pódio que confirmou o único título olímpico para Portugal

As duas medalhas no ciclismo de pista fizeram desta campanha olímpica um sucesso no mesmo patamar do que foram os anteriores Jogos de Tóquio

Marco Vaza e Diogo Cardoso Oliveira, em Paris

Uma medalha de ouro, duas de prata e uma de bronze. Em termos de colheita de metal precioso, os Jogos Olímpicos de Paris 2024 foram os melhores de sempre para Portugal, até melhores que os de Tóquio 2020, onde os atletas portugueses também conquistaram quatro medalhas (um ouro, uma prata e dois bronzes). Mas foi preciso esperar até aos últimos dias para que essa campanha fosse do regular ao excelente, quando Iúri Leitão brilhou no velódromo olímpico com uma prata no omnium e, dois dias depois, uniu forças com Rui Oliveira para a medalha de ouro.

Quatro medalhas era, de facto, o que estava contratualizado, mas talvez não fossem estas as medalhas esperadas. Pedro Pablo Pichardo seria sempre uma aposta segura para o pódio (não repetiu o ouro de Tóquio por dois centímetros), era expectável que viesse uma medalha desta equipa feita em Sangalhos (mas nunca duas) e o judo também estaria na lista (mais Catarina Costa e Jorge Fonseca do que Patrícia Sampaio). Houve diplomas saborosos (Maria Inês Barros no tiro, os do triatlo, Gabriel Albuquerque nos trampolins), outros que foram o mesmo que nada, como os da canoagem. Entre os 73 atletas portugueses em 15 modalidades diferentes, houve surpresas, desilusões, confirmações e os que passaram pelos Jogos sem darmos por eles.

Atletismo

O melhor momento do atletismo português veio, mais uma vez, de Pedro Pablo Pichardo, que foi segundo no triplo salto, a apenas dois centímetros do salto que valeu o ouro a Jordan Diaz. Pichardo parecia ter mais centímetros nas pernas — num dos ensaios, com a chamada para lá da tábua, pareceu voar para lá dos 18 metros. Ficou com a prata, que lhe sabe a pouco, por ter sido campeão olímpico e por ter perdido para um rival de quem gosta pouco.

A prata de Pichardo foi o ponto alto da equipa mais numerosa da comitiva portuguesa, que não tinha outros claros candidatos a posições de pódio — seriam Auriol Dongmo e Patrícia Mamona, mas as duas falharam os Jogos por lesão. Houve outros bons momentos, como as qualificações para as finais de Jéssica Inchude (peso) e Irina Rodrigues (disco), a chegada às meias-finais de Fatoumata Diallo nos 400m barreiras e um recorde de pessoal de Salomé Afonso nos 1500m, abaixo dos quatro minutos, a segunda portuguesa a fazê-lo depois de Carla Sacramento. A única semidesilusão terá sido Agate de Sousa, que competiu lesionada nas eliminatórias e falhou o acesso à final.

Breaking

O *breaking* passou pelos Jogos Olímpicos e talvez já não volte — não está no programa para Los Angeles 2028. Portugal esteve presente nesta provável aparição única com Vanessa Marina, a b-girl Vanessa, que perdeu todas as *"battles"* por larga margem e ficou-se pela fase de grupos. A *"arthlete"* de Leiria estava convicta de que ia lutar por medalhas na "dancinha", mas os júris não tiveram a mesma opinião.

Canoagem

Era uma das equipas com mais potencial medalhístico da comitiva portuguesa, com dois barcos campeões do mundo, o K1 de Fernando Pimenta e o K2 de João Ribeiro e Messias Baptista. Eram duas potenciais medalhas, mas acabaram por ser mais dois diplomas, um quinto lugar para o K2, um sexto para o K1, e são diplomas que sabem a muito pouco.

Ciclismo

O ciclismo foi, para Portugal, uma boa plataforma de sucesso. Rui Costa e Nélson Oliveira tiveram um desempenho fraco na prova de fundo de estrada, com a aposta da selecção, que seria sempre Costa, a furar na fase decisiva da corrida. Mas, no contra-relógio, Portugal cumpriu os mínimos: Nélson Oliveira leva para casa um diploma olímpico.

E a pista? Bom, a pista salvou Portugal. As quatro medalhas que o Comité Olímpico "combinou" com o Governo não eram, provavelmente, estas quatro — exceptuando Pichardo.Isto significa que Leitão, que era apontado pela federação de ciclismo a um mero diploma, e a dupla Leitão/Oliveira, acabaram por salvar a participação portuguesa com uma prata e uma medalha de ouro. E foi também no velódromo que competiu a última atleta portuguesa em Paris, Maria Martins, que foi 14.ª no omnium feminino, dentro do que era expectável.

Equestre

Na hora de montarem cavalos em contexto desportivo, os portugueses não tiveram desempenhos de primeiro nível.

Duarte Seabra falhou a final dos saltos e Manuel Grave, no concurso completo, teve ainda menos fortuna: partiu a clavícula numa queda feia num salto, incidente que o excluiu logo do concurso.

Na prova de dressage por equipas, a formação portuguesa também ficou pelo caminho na primeira fase.

Ginástica

A ginástica teve dois bons desempenhos de Portugal nestes Jogos. Filipa

MATTHEW CHILDS/REUTERS

Martins excedeu as expectativas, Gabriel Albuquerque cumpriu-as.

No caso da ginástica artística, Filipa foi a primeira portuguesa a apurar-se para uma final do *all-around*. É certo que o desempenho na final não foi ao seu melhor nível, mas a qualificação foi consistente e permitiu à portuense fazer mais do que se esperava. Depois, na final, tudo seria bónus.

O caso dos trampolins é diferente. Gabriel não era um candidato óbvio às medalhas e, nessa medida, o quinto lugar parece cumprir a expectativa de uma posição de diploma. Mas o próprio Gabriel colocava a si próprio a meta do pódio –nessa perspectiva, é uma desilusão pessoal. Mas, aos 19 anos e em estreia olímpica, o país não o verá dessa forma.

Judo

No mesmo dia em que o primeiro medalhado de Tóquio, Jorge Fonseca, foi eliminado ao primeiro combate, Patrícia Sampaio conquistou a primeira medalha para Portugal em Paris. A judoca de Tomar avançou até às meias-finais, falhou o acesso ao ouro, mas recompôs-se de forma brilhante para ficar com um dos bronzes na categoria. Sampaio era uma candidata a ter um dia longo no judo olímpico, mas não a mais óbvia. Catarina Costa, que chegara ao combate das medalhas há três anos, não passou do segundo combate, e Jorge Fonseca foi a prova de que os gigantes também choram, mas também ele prometeu continuar até 2028.

Natação

É difícil classificar a presença da equipa portuguesa de natação como um sucesso ou um fracasso. Por um lado, Paris não foi muito diferente de outros Jogos, em que os nadadores (com uma excepção) mergulharam na piscina para nadar a sua série de qualificação e ficaram-se por ali. Por outro, as expectivas eram bem maiores, sobretudo em relação a Diogo Ribeiro, um bicampeão mundial em Fevereiro passado, de poder chegar a uma final e igualar o feito de Alexandre Yokochi em Los Angeles 1984.

O nadador de Coimbra ainda passou a uma meia-final nos 50m livres (o que é sempre meritório), mas não passou das eliminatórias em 100m livres e 100m mariposa (um dos títulos mundiais que tem). É verdade que o nível nesta última prova era elevadíssimo (Caeleb Dressel, o recordista mundial, nem à final foi), mas Ribeiro, que já deu provas do seu imenso valor e potencial, disse que “ainda tinha mais para dar”.

Outra expectativa alta estava na prova de 10km em águas abertas, depois da medalha de bronze de Angélica André nos Mundiais. Ficou-se pelo 15.º lugar a nadar nas águas pouco higiénicas do Sena, mas sentiu que cumpriu o objectivo, o de melhorar o 17.º de Tóquio.

Skate

Gustavo Ribeiro era um claro e assumido candidato a uma posição de topo no *“street”* e a melhorar o excelente 8.º lugar de Tóquio (em que competiu lesionado na final). Em Paris, o *skater* de Almada caiu logo à primeira manobra e, mentalmente, já não se conseguiu levantar para o resto da prova. Ainda deu um ar da sua qualidade na parte final, mas o mal já estava feito e ficou bem longe da qualificação. Quanto a Thomas Augusto, entrou a arriscar e a cair nas qualificações do *“park”* e também não seguiu para a final.

Surf

A milhares de quilómetros de Paris, no Taiti, Teresa Bonvalot e Yolanda Hopkins entraram nas ondas olímpicas pela segunda vez e, tal como há três anos, foi Hopkins quem chegou mais longe, mas não tão longe como em Tóquio. Mas é sempre um bom sinal ter uma presença dupla numa modalidade onde o acesso olímpico é muito difícil.

Ténis

Para não variar, os tenistas portugueses tiveram uma presença quase anónima nos Jogos Olímpicos. Francisco Cabral e João Borges foram eliminados logo na primeira ronda no torneio de singulares e funcionaram ligeiramente melhor em dupla, avançando uma ronda no torneio de pares.

Ténis de mesa

Era difícil projectar algo mais do que os quartos-de-final para qualquer um dos quatro que participavam no torneio individual e para a equipa masculina. Não chegaram tão longe. Ainda assim, foram as duas mulheres que deixaram melhores impressões no ténis de mesa olímpico - Fu Yu e Jieni Shau mostraram grande competitividade e exibiram-se a grande altura frente às melhores do mundo. Não foi o caso de Marcos Freitas e de Tiago Apolónia, que saíram dos Jogos logo à primeira ronda no quadro de singulares e, com a companhia de João Geraldo, na competição por equipas.

Tiro com armas de caça

Maria Inês Barros era a primeira mulher portuguesa a participar no fosso olímpico e esteve bem perto de se apurar para a final, mas perdeu no *“shoot off”* pela última das seis vagas e ficou-se pelo 8.º. Ainda assim, foi uma estreia bem promissora (e com diploma) para esta estudante de veterinária de Penafiel.

Triatlo

Havia alguma expectativa sobre o que poderiam fazer os quatro triatletas portugueses em Paris, sobretudo Vasco Vilaça, que fora quarto no Mundial de 2023 e era apontado como candidato às medalhas por alguns especialistas. Nenhum deles chegou ao pódio, mas brilharam, tanto na prova individual, como na estafeta mista. Vilaça e Ricardo Baptista terminaram lado a lado (5.º e 6.º), Maria Tomé foi a melhor das mulheres (11.º), e, na prova de equipas, arrancaram um brilhante quinto lugar, a deixar muita promessa para os próximos Jogos.

Vela

Também longe de Paris, no porto de Marselha, pode dizer-se que a equipa portuguesa de vela cumpriu os objectivos e não defraudou expectativas. Como esperado, Carolina João e Diogo Costa tiveram o barco mais competitivo, chegando à medal race em 470 - onde foram segundos, mas a distância para a frente já era demasiado grande para recuperar e fazer muito melhor do que o quinto lugar final. Quanto aos outros barcos, Eduardo Marques foi 11.º em ILCA 7 e Mafalda Pires de Lima fez 14.º na estreia do kite como classe olímpica.

Balanço

Atletas pedem apoios, COP diz que é suficiente o financiamento público

Diogo Cardoso Oliveira, em Paris

Acabou ontem a participação portuguesa nos Jogos Olímpicos 2024 e o Comité Olímpico de Portugal (COP) prestou-se a fazer um balanço, em Paris. Entre elogios aos atletas, à imprensa que esteve na capital francesa e ao Governo, ficou uma dúvida: como assim, elogios ao Governo?

Após as provas, os atletas olímpicos têm-se desdobrado em críticas ao Governo por falta de apoios – fizeram-no os que tiveram bons resultados e os que tiveram desempenhos menos fortes. Pedro Pichardo, Filipa Martins, Rui Oliveira, Iúri Leitão, Diogo Ribeiro e Maria Martins foram atletas que criticaram as condições dadas aos atletas. E mesmo que não o tivessem feito em Paris, é uma retórica recorrente em grande parte das entrevistas que dão.

Questionado sobre como se explica a dissonância entre os atletas e o COP, o organismo olímpico foi claro: “Embora possa haver algumas observações de atletas sobre determinados momentos, o que sentimos é que eles, em geral, reconhecem que o apoio que recebem do COP no âmbito do contrato-programa com o Governo é significativo para o seu alto rendimento. Ao dizer isto estou a dizer também que o que vem do Governo para o COP distribuir é, a nosso ver, suficiente”, apontou José Manuel Araújo, secretário-geral do COP.

E detalhou: “Pode ser mais? Claro que pode. Temos de ter espírito de reivindicação e de procurar mais. E os resultados positivos ajudam-nos a explicar isso ao Governo. É verdade que todos temos algo mais a pedir, mas não vemos como reivindicação na lógica de ‘não temos o suficiente’, mas sim na lógica de ‘queremos mais porque queremos dar mais ao país’. Não temos uma visão negativa, mas sim positiva de impulso ao financiamento.”

José Manuel Araujo

Diversificação *vs* nichos

Questionado sobre se a médio/longo prazo faria mais sentido diversificar as modalidades com representação olímpica ou apostar num nicho, como fez o ciclismo de pista com o complexo de Sangalhos, o COP começou por dizer que “não há uma receita” infalível, mas acabou por reconhecer que a prioridade deve ser mais variedade.

“Na minha opinião, termos mais modalidades é termos mais referências, mais atletas e um desporto melhor”, apontou Marco Alves, chefe de missão, numa visão assinada por José Manuel Araújo: “Mais modalidades é importante para nós.”

O dirigente apontou ainda que as federações que tenham projectos, como a de ciclismo teve em relação a Sangalhos, podem e devem apresentá-los. Não será, portanto, o COP a comandar um apoio a um nicho específico, mas vai entrar no processo das federações que avançarem nesse sentido.

“O COP está aberto a que todas as federações tenham um planeamento e nós podermos concretizar esse apoio. A lógica é o COP estar com 35 modalidades olímpicas e estar disponível para que federações que tenham projectos de qualidade possam avançar.”

Mais mulheres que homens

No que diz respeito a resultados, o COP não quis falar apenas de medalhas, mas assumiu que, a esse nível, o objectivo foi cumprido: quatro medalhas conquistadas.

Apesar de o número de diplomas ter ficado ligeiramente abaixo do que havia sido estipulado – um a menos –, Marco Alves, chefe de missão, destacou que todas as outras metas foram alcançadas ou superadas.

E destacou a forte presença de estreantes e mulheres. “O facto de termos mais de 50% dos atletas estreantes nesta edição dos Jogos Olímpicos deve ser realçado”, apontou, acrescentando: “Esta missão foi representada por mais atletas femininas do que atletas masculinos. É um virar de página também neste capítulo.”

Ciclismo de pista

Portugal fecha presença em Paris com Maria Martins no 14.º lugar

Diogo Cardoso Oliveira, em Paris

Depois de duas medalhas e um 14.º lugar, o ciclismo fez, em Paris, mais do que se pedia. Iremos ter uma romaria a Sangalhos?

HUGO DELGADO/LUSA

Maria Martins fechou ontem a participação portuguesa no ciclismo

Depois de Iúri Leitão e Rui Oliveira – o primeiro em dose dupla –, ver Maria Martins competir no ciclismo de pista fez soar os sensores de sonho. "Se somos assim tão bons nisto, ela se calhar ainda lá vai", terão pensado os mais afastados do contexto do ciclismo. Mas não seria justo, por muito embebedados que estivéssemos pelos sucessos de quinta-feira e sábado.

Numa prova ganha pela norte-americana Jennifer Valente (dominou do início ao fim), o 14.º lugar conquistado ontem pela atleta portuguesa, na prova feminina de *omnium*, está ajustado ao nível actual de "Tata" Martins, à falta de competição de estrada nos últimos meses e, sobretudo, à análise ao valor de quase duas mãos cheias de rivais que teve.

Maria poderia ter chegado mais longe? Poderia – a própria disse depois da prova que queria um pouco mais, igualando pelo menos o sétimo lugar de Tóquio. E assumiu que não sabe bem o que se passou a nível físico, apontando, ainda assim, que as emoções das conquistas de Leitão e Oliveira foram muito difíceis de gerir e lhe enevoaram a "paz interior", mesmo que por um bom motivo. Diz, no fundo, que não se sentiu pressionada a conquistar algo, mas que foi difícil manter-se focada.

Para quem gosta de se guiar por aqui, o nome de Maria Martins rolava, nas casas de apostas, entre o 14.º e o 20.º lugares no favoritismo para a prova feminina de *omnium* olímpico. Estamos a falar de uma prova com 22 atletas. Nesse sentido, ela cumpriu a previsão, apesar de ter ficado a 41 pontos de arrecadar um diploma. Sim, saiu de Tóquio com um diploma patrocinado pelo sétimo lugar, mas fê-lo em condições particulares: na prova de *scratch*, uma queda atirou ao chão sete ciclistas, três delas favoritas.

Depois de duas medalhas e de um 14.º lugar, o ciclismo de pista português fez, em Paris, muito mais do que se lhe pedia. Será que Sangalhos vai deixar de ter espaço para tantas crianças que lá vão bater à porta? Quem não quererá ser a nova Maria, o novo Iúri ou o novo Rui?

41

pontos foi a distância que separou Maria Martins de um diploma olímpico no *omnium*

Mas vamos rever a corrida de ontem. Durante a manhã, Maria Martins passou por quatro provas de ciclismo de pista, de preceitos e regras diferentes. A primeira, chamada *scratch*, é fácil de explicar: é como se fosse uma corrida de estrada, mas na pista. O primeiro a cruzar a meta depois de 7,5 quilómetros vence e soma pontos.

A portuguesa começou discreta, com uma corrida feita quase sempre na cauda do grupo e com muitas idas à parte superior da pista, possivelmente a medir o pulso às rivais e ver quem se sentiria melhor.

Abordou as últimas cinco voltas em posição muito recuada e não conseguiu ir ao *sprint*, acabando em 13.º lugar – não foi excelente, mas minimizou perdas nos últimos metros, até pela queda da inglesa Neah Evans. A campeã olímpica e do mundo, Jennifer Valente, ganhou o *scratch*.

"Tata" modesta

Depois, a *tempo race*, na qual há *sprints* em todas as voltas e o primeiro ciclista a passar a meta ganha um ponto. Mas atenção: quem der uma volta de avanço ganha 20 pontos e quem levar uma volta de avanço perde outros tantos.

Maria Martins voltou a ter um desempenho modesto, sem capacidade – ou interesse – em ir buscar pontos a *sprints*. A corrida também não facilitou, dado que teve três fugitivas durante muito tempo, que nem davam volta de avanço nem eram neutralizadas.

Depois, a prova de eliminação. No fundo, a última ciclista a passar a meta, de duas em duas voltas, é eliminada e deve abandonar a pista. Mais do que quem passa em primeiro, importa quem não passa em último – lógica oposta à da maioria das corridas. É intenso, mas divertido.

Habitualmente forte nesta corrida – foi assim em Tóquio, nos Mundiais e nos Europeus –, "Tata" não confirmou essa premissa em Paris.

Na eliminação, até pareceu estar bastante confortável, quase sempre em posições seguras e de pouco risco – cruzou a meta quase sempre ali entre a quinta e a oitava posições. Mas acabou, na nona eliminação, por se deixar ficar numa posição interior e sem margem para acelerar, caso precisasse. E precisou. Não deu para entender se achava que estava mais segura do que estava ou se apenas ficou presa. Seja como for, saiu.

Quem não saiu foi Jennifer Valente, que voltou a ficar no topo.

Corrida final

Por fim, a prova de pontos, influenciada pelo que for somado até então, e que vai definir as posições finais e as medalhas. É uma corrida mais longa, que distribui pontos às quatro primeiras a cada dez voltas – e tem a tal regra das voltas de avanço.

Maria Martins começou a prova discreta, como já tinha sido nas anteriores, não se colocando ao vento para ataques ou sequer para liderar perseguições – chegou a abrandar na cabeça do grupo numa fase crucial, baralhando a perseguição à francesa Fortin, que foi buscar 20 pontos.

A primeira movimentação da portuguesa foi a 47 voltas do fim, sem sucesso, e outra a 24, novamente sem sucesso – e nesta última ficou bastante claro que "Tata" não estava nos seus melhores dias, sem capacidade de colocar uma boa cadência na pedalada.

Na frente, não havia como bater Jennifer Valente, que dominou o *omnium* do início ao fim.

Breves

Atletismo

Sifan Hassan vence maratona com recorde olímpico

A atleta neerlandesa Sifan Hassan sagrou-se ontem campeã olímpica da maratona em Paris2024, juntando a medalha de ouro ao bronze conquistado nas provas de 5000 e 10.000 metros. Sifan Hassan, de 31 anos, completou a prova em 2h22m55s, um novo recorde olímpico, superando a etíope Tigst Assefa, medalha de prata, por três segundos, e a queniana Hellen Obiri, terceira, por 15. Até 10km do fim, a corrida manteve-se muito disputada, com todas as favoritas em grupo: Assefa liderava enquanto Hassan se mantinha atenta, atacando na última volta. Susana Santos, única representante portuguesa na prova, terminou no 57.º lugar, depois de ter completado o percurso em 2h35m57s.

Basquetebol

EUA conquistam oitavo título feminino consecutivo

Os EUA conquistaram com enorme sofrimento o oitavo título olímpico consecutivo feminino de basquetebol, ao vencerem a anfitriã, França, por 67-66, numa final intensa. A anunciada superioridade da equipa comandada por Cheryl Reeve nunca se confirmou, com as francesas, agressivas na defesa, a lutarem pelo ouro "literalmente" até ao último segundo, num jogo que acabou de forma dramática. Na última jogada, iniciada a 3,8 segundos do fim, com os EUA na frente por três pontos, Gabby Williams ainda lançou e marcou em cima da "buzina", mas "dentro" da linha de três pontos, pelo que o "tiro" só valeu dois. E a derrota.

Altos e baixos dos Jogos de Paris em dez momentos

Com o fim dos Jogos Olímpicos de 2024, é tempo de balanço. E fazer um balanço implica olhar para alguns dos momentos mais relevantes desta edição que tomou conta de Paris e que, desde a água poluída do rio Sena às queixas sobre o alojamento na aldeia olímpica, se revestiu de peripécias várias. Mas concentremo-nos no essencial, que é a produção dos atletas, nas diversas frentes. Aqui fica um resumo, com a noção clara de que várias outras referências ficarão sempre por fazer.

O adeus: Mikkel Hansen

Que melhor forma poderia haver de terminar uma brilhante carreira internacional do que com a conquista de um título olímpico? Pois bem, foi isso que Mikkel Hansen conseguiu, ao ajudar a Dinamarca a chegar ao ouro, depois de uma campanha dominante no torneio de andebol, em Paris. Aos 36 anos, o lateral esquerdo sai de campo com três medalhas olímpicas (e dois títulos) e outros tantos títulos mundiais, um Europeu e uma mão-cheia de outras medalhas pela selecção. Isto para não mencionar o palmarés nos clubes que representou e que ultrapassa os 30 troféus. Um ícone que brilhou durante anos a fio e agora vai passar para a sombra.

A desistência: Eliud Kipchoge

É certo e sabido que os maratonistas são atletas de longa duração, mas, aos 39 anos, as baterias do campeoníssimo Eliud Kipchoge estão a chegar ao fim. As últimas maratonas já não lhe tinham corrido propriamente de feição e a maratona olímpica confirmou que está em quebra (como será, de resto, natural): pela primeira vez na carreira, desistiu (aos 31km) e não conseguiu defender até ao fim o título olímpico. Ele, que tinha alcançado o ouro em 2020 e em 2016, com um registo ímpar na mais generosa distância do atletismo, prepara agora a retirada, depois de 21 anos ao mais alto nível. E que caminhada foi esta!

O atraso: Jordan Chiles

Regras são regras. Estipulam os regulamentos da ginástica que as atletas têm o máximo de um minuto após a prova para pedirem a revisão da nota, se entenderem que foram prejudicadas de algum modo. Ora, na final da prova de solo da ginástica artística, a norte-americana Jordan Chiles usou o expediente para, depois do aval dos juízes, saltar do quinto para o terceiro lugar, roubando o pódio à romena Ana Barbosu. Acontece que o recurso aconteceu fora do prazo, o que motivou o protesto de Barbosu e uma posterior decisão do Tribunal Arbitral do Desporto, a favor da romena. Conclusão: voltou tudo à estaca zero.

A(s) lenda(s): Lisa, Kate, Mijaín

É difícil escolher (e mesmo assim ficarão algumas de fora) e, por isso, juntámos três lendas num só texto. A neozelandesa Lisa Carrington merece o rótulo porque alcançou a oitava medalha de ouro olímpica (tem nove, no total), com nada menos do que três títulos na canoagem em Paris. A norte-americana Katie Ledecky continua a engrossar o palmarés e o estatuto ímpar nas piscinas, depois de ter elevado para 14 o total de medalhas olímpicas (dois ouros, uma prata e um bronze nesta edição); e o cubano Mijaín López continua em grande forma, aos 42 anos, arrecadando nada menos do que o quinto título olímpico consecutivo na luta greco-romana. Simplesmente inédito.

A redenção: Novak Djokovic

À quinta tentativa foi de vez. A Novak Djokovic, um dos gigantes do ténis e estrela habituada a arrebatar títulos por onde quer que passe, faltava um título olímpico no currículo antes de chegar a Paris. Já não falta. Numa final emocionante, diante da coqueluche Carlos Alcaraz, o sérvio de 37 anos impôs-se por 2-0 e arrecadou o ouro que lhe faltava no currículo. Esta conquista permite-lhe não só preencher mais um objectivo pessoal, mas juntar-se a Rafael Nadal e a André Agassi na restrita galeria dos detentores do chamado Golden Slam (título olímpico mais os quatro torneios do Grand Slam). E percebeu-se a dimensão do feito pela forma como celebrou.

CHARLES MCQUILLAN/GETTY IMAGES

A superação: Armand Duplantis

A fasquia continua a subir e o céu continua a ser o limite para Armand Duplantis. Já há muito que deixou de ser uma questão de saber se ganha o concurso do salto com vara, seja qual e contra quem for. É apenas uma questão de como o ganha. E com que marca. Em Paris, confirmou o ouro com um salto de 6,00m e depois limitou-se a rasgar novos horizontes. Num misto de ousadia e diversão, superou primeiro o recorde olímpico (6,10m) e pouco depois o recorde do mundo (que obviamente já lhe pertencia), com um ensaio a 6,25m, mais um centímetro do que alguma vez tinha saltado. Foi o segundo título olímpico consecutivo para este norte-americano que compete pela Suécia. E só tem 24 anos.

A esperança: Cindy Ngamba

Não foi uma medalha de ouro, mas tem uma dimensão simbólica que a ultrapassa. Quando Cindy Ngamba se apurou para as meias-finais do peso médio (-75kg) do pugilismo olímpico, escreveu-se uma página de história. A atleta nascida nos Camarões e a residir no Reino Unido desde os 11 anos garantiu, desde logo, a medalha de bronze, a primeira de sempre de um representante da equipa de refugiados nos Jogos. Uma equipa que tem crescido desde 2016 e que já começou a deixar marca também nas folhas de resultados. E a derrota de Cindy no combate de acesso à final não beliscou minimamente esta proeza.

A surpresa: Canadá (4x100m)

Coloquemos as coisas nestes termos: quando as oito selecções se apresentaram na pista para discutir a prova masculina dos 4x100m, o Canadá era o país que apresentava a pior marca da qualificação (38,39s). Sugeria a lógica, portanto, que teria reduzidíssimas possibilidades de chegar a uma medalha na final, especialmente com potências da estafeta como os EUA como concorrentes. Pois bem, o desporto de alta competição nem sempre se rege pela racionalidade. E, contra todas as expectativas, os canadianos não só chegaram ao pódio como se apoderaram do ouro (37,50s), à frente da África do Sul e da... Grã-Bretanha. Uma tarde que Aaron Brown, Jerome Blake, Brendon Rodney e Andre de Grasse jamais esquecerão.

A referência: Rebeca Andrade

Fazer um brilharete nos Jogos Olímpicos é algo de tremendamente difícil. Ser glorificado como a estrela da ginástica em Paris, num concurso em que compete também a incontornável Simone Biles, é toda uma outra façanha. Foi isso que conseguiu a brasileira Rebeca Andrade. Ela, que ao longo da carreira já superou três roturas de ligamentos, exibiu-se na capital francesa com a leveza, graciosidade e autoridade que o talento e a experiência lhe permitem. E coleccionou quatro medalhas (um ouro, duas pratas, um bronze), transformando-se na atleta brasileira mais laureada de sempre nos Jogos.

A desilusão: natação dos EUA

Já destacámos aqui Katie Ledecky e poderíamos juntar-lhe o sensacional francês Leon Marchand (quatro títulos e um bronze) como glórias da natação em Paris, mas não podemos ignorar quem pesa no outro prato da balança. A equipa masculina dos EUA foi uma completa desilusão. É preciso recuar a 1956, em Melbourne, para encontrar outra comitiva norte-americana com apenas uma medalha de ouro nas provas masculinas individuais. O triunfo de Bobby Finke nos 1500m livres está muito longe de conseguir apagar a má imagem global nas piscinas francesas, especialmente para quem estava habituado aos furacões Michael Phelps e Caeleb Dressel.

EUA bateram a China no último dia

Só o ouro, o total de medalhas ou a população – como medir o êxito?

Nuno Sousa

O medalheiro olímpico não é consensual e têm surgido outros modelos, incluindo um que cruza a população com as probabilidades

CAROLINE BREHMAN/EPA

Os EUA terminaram os Jogos em primeiro, pela métrica do ouro e do total de medalhas

A Grã-Bretanha encerrou a prestação em Paris 2024 com um total de 65 medalhas, mais do que os Países Baixos, a França, a Austrália ou o Japão, tudo países que ficaram em melhor posição no medalheiro final. Os britânicos terminaram no sétimo posto e, na prática, só a China (em segundo lugar, com 91 medalhas) e o campeão EUA (126) somaram mais presenças no pódio. Porquê? Simples. Porque o Comité Olímpico Internacional (COI) utiliza como métrica o número de títulos conquistados.

A discussão é recorrente e, em rigor, não há uma fórmula que seja consensual. Os EUA, por exemplo, não concordam com este critério e usam a sua própria bitola, que privilegia o conjunto das medalhas conquistadas. Ou seja, o Comité Olímpico norte-americano ordena o medalheiro em função do total de medalhas arrecadadas por cada país, o que significa que a Grã-Bretanha, só para utilizar a referência de há pouco, fechou os Jogos no terceiro posto.

Podemos considerar que seja por uma questão de conveniência, tendo em conta que em muitos casos a China acaba por ganhar o braço de ferro porque coloca mais ouro na balança, mas isso não retira interesse à discussão. É especialmente delicado encontrar parâmetros que reflictam efectivamente o potencial e as condições de cada país se atendermos somente a qualquer uma destas duas abordagens. Mas qual seria a alternativa?

Bem, antes de mais, é imperioso notar que a escala faz toda a diferença. Basta ver que neste século só a China e os EUA lideraram o medalheiro no final de cada edição dos Jogos, dois países que integram o top três dos mais populosos do mundo e que, curiosamente (ou talvez não), também encabeçam a lista quando o tema é Produto Interno Bruto (PIB). Talvez por isso existam sites que permitem uma leitura comparada, que considere, por exemplo, as medalhas per capita.

E o que aconteceria se fosse este o barómetro usado? Bem, o primeiro do ranking seria Granada, país do Caribe que em Paris 2024 somou duas medalhas apenas, mas tem uma população pouco superior a 112 mil habitantes. A título de curiosidade, Portugal terminaria em 46.º (no ranking oficial foi 50.º), enquanto as grandes potências do desporto, os EUA e a China, terminariam num improvável 47.º e 75.º postos.

Há, porém, uma "corrente" alternativa na contabilização do mérito olímpico. O astrofísico aposentado Robert C. Duncan e o consultor de estratégia Andrew Parece publicaram, no *Journal of Sports Analytics*, um artigo em que sugerem um ranking distinto, que trabalha essencialmente com probabilidades. Chamaram-lhe rankings nacionais de probabilidades ajustadas, um nome complexo para um sistema que procura minimizar os desequilíbrios na análise.

> **O modo como eu descrevo o modelo é: quantas medalhas esperaríamos que um país ganhasse se a única coisa que soubéssemos dele fosse a população**

No fundo, pretende seriar os países nos Jogos Olímpicos segundo uma lógica que calcula quão provável seria ganhar uma medalha se todos os competidores tivessem a mesma propensão *per capita* para a vitória. Ou, traduzido de forma mais simples, procura fazer corresponder a expectativa de medalhas à população residente em cada território. Um exemplo: como Espanha tem um número de habitantes sensivelmente quatro vezes superior ao de Portugal, teria quatro vezes mais possibilidades de vencer medalhas.

Andrew Parece, citado pelo jornal *Guardian*, ajuda a compreender o raciocínio: "O modo como eu o descrevo é quantas medalhas esperaríamos que um país ganhasse se a única coisa que soubéssemos sobre ele fosse a sua população." E para isso cruza duas perspectivas: quantas medalhas é expectável que um país ganhe e quão improvável é que venha a ganhar mais do que se projectava. Com recurso, claro, a fórmulas matemáticas e estatísticas assentes no conceito de distribuição binomial.

E o que acontece, na prática, quando aplicamos este método? A Portugal, nada de muito diferente, já que terminaria em 48.º lugar. O mesmo não se pode dizer da China, que passaria do segundo lugar para o penúltimo, só atrás da Índia (para este efeito, a equipa olímpica de refugiados e os atletas que competem como neutros não são contabilizados). Lá está, é a escala populacional a fazer a diferença. O vencedor, já agora, seria a Austrália, enquanto a França e a Grã-Bretanha fechavam o pódio. Os EUA terminariam em quinto, atrás também dos Países Baixos.

Medalheiro PARIS 2024

	●	●	●	Total
1. **EUA**	40	44	42	126
2. **China**	40	27	24	91
3. **Japão**	20	12	13	45
4. **Austrália**	18	19	16	53
5. **França**	16	26	22	64
6. **Países Baixos**	15	7	12	34
7. **Grã-Bretanha**	14	22	29	65
8. **Coreia do Sul**	13	9	10	32
9. **Itália**	12	13	15	40
10. **Alemanha**	12	13	8	33
11. **Nova Zelândia**	10	7	3	20
12. **Canadá**	9	7	11	27
13. **Uzbequistão**	8	2	3	13
14. **Hungria**	6	7	6	19
15. **Espanha**	5	4	9	18
(...)				
50. **Portugal**	1	2	1	4

Cerimónia de encerramento

Sob o céu de Paris, os Jogos acabaram cansados

Marco Vaza, em Paris

Numa cerimónia bastante formal, bem diferente do que foi a de abertura, a capital francesa passou a batata olímpica a LA

Começaram a chover e cheios de energia, chegaram ao último dia cansados e previsíveis. Acabaram os Jogos da XXXIII Olimpíada. Foram os Jogos do regresso à normalidade, os Jogos do regresso do público às bancadas, os Jogos alegadamente mais ecológicos de sempre. Foram os Jogos de Leon Marchand, de Simone Biles, de Mijaín López, de Snoop Dogg e de Khingzam Lhamo, a atleta do Butão que correu a maratona feminina abaixo das quatro horas e bateu um recorde pessoal. Tudo aconteceu sob o céu de Paris (e de Marselha e do Taiti), tudo chegou ao fim no Stade de France.

Se a cerimónia de abertura se pretendia diferente, realizada no Sena em noite de dilúvio, cheia de estilo e risco, a de encerramento aconteceu confinada num estádio e a tocar em todas as teclas do protocolo e do previsível. Costuma ser uma festa mais popular, menos cerimonial, mais dedicada aos atletas e menos preocupada com os organizadores – aqui o padrão são os Jogos Olímpicos de Londres 2012, que apresentaram George Michael, Pet Shop Boys, Queen e as Spice Girls.

Um *set* de meia hora dos Daft Punk (que podiam bem voltar ao activo só para este efeito) e era festa garantida. Em vez disso, até meio da cerimónia já tínhamos ouvido o hino da França, o hino dos Países Baixos (por Sifan Hassan, vencedora da maratona feminina) e o hino da Grécia, já tínhamos ouvido um *karaoke* colectivo de Charles Aznavour, Joe Dassin, Gala e dos Queen. Ouvimos duas vezes que Thomas Bach, presidente do Comité Olímpico Internacional (COI), foi campeão olímpico de esgrima em 1976 (e iríamos ouvir mais vezes).

Enquanto passava nos ecrãs gigantes uma selecção de momentos de glória e de desespero em 17 dias de competição, os atletas, aborrecidos com tudo isto, subiram ao palco para mexerem as pernas. Foi uma coincidência cósmica. O vídeo acabou com um “obrigado atletas” e, logo a seguir, ouviu-se pelos altifalantes, “queridos atletas, saiam do placo para que o espectáculo continue”. Eles não saíram, mas o espectáculo continuou na mesma – e eles lá acabaram por sair.

E a cerimónia chegou ao momento mais popular, com um *mini-set* dos Phoenix, dos Air e dos Vampire Weekend. O guia da cerimónia disse que, nesta altura, “a festa sobe em intensidade” – uma projecção muito optimista. Depois, desceu de intensidade com os discursos protocolares de Bach (campeão de esgrima em 1976), de Tony Estanguet, presidente do Comité Organizador dos Jogos. Ouve-se mais um hino (o olímpico) e entrega-se a batata olímpica a Los Angeles, que vai ter os Jogos por sua conta em 2028.

Los Angeles trouxe Snoop Dog a Paris para ver as vistas, andar pelas competições (até apareceu no judo no dia em que Patrícia Sampaio ganhou a medalha de bronze) e ainda fez uma aparição em palco, tal como os Red Hot Chilli Peppers e Billie Eilish (os três actuaram em LA, ao vivo, e o povo parecia bastante mais animado à beira da praia), e Tom Cruise, que pegou na bandeira olímpica e levou-a de moto para fora do estádio e para a Califórnia.

Daqui a quatro anos, todo o arraial olímpico muda-se para lá, para o outro lado do Atlântico. Podem deixar cair o *“cheerleading”*, o lacrosse e o futebol humano. Mas não se esqueçam de Snoop.

A cerimónia de encerramento contou com vários momentos de transição para a próxima edição, em Los Angeles

MAST IRHAM/EPA

ATHIT PERAWONGMETHA/REUTERS

1950-2024

José Manuel Constantino, a vida dedicada ao desporto

Obituário

Morreu ontem, dia de encerramento dos Jogos de Paris, o presidente do Comité Olímpico de Portugal (COP), José Manuel Constantino. O dirigente, de 74 anos, estava há dias internado num hospital de Lisboa e não resistiu a doença prolongada, confirmou o PÚBLICO.

José Manuel Constantino era uma das figuras mais respeitadas do desporto nacional, tendo assumido a liderança do COP a 26 de Março de 2013, já depois de ter comandado também os destinos do Instituto Português do Desporto e da Juventude.

Durante os primeiros dias da edição dos Jogos Olímpicos de Paris ainda acompanhou o evento e a comitiva nacional, mas a doença que o foi fragilizando nos últimos anos obrigou ao internamento.

Licenciado em Educação Física, José Manuel Constantino praticou futebol durante a juventude, no Leões de Santarém (1962-67), iniciando posteriormente, em 1985, a sua ligação ao dirigismo, inicialmente como secretário técnico do Sport Algés e Dafundo (1985) e mais tarde como membro do Conselho de Fundadores da Fundação do Desporto (2001).

José Manuel Constantino desempenhou diversos cargos de decisão no tecido desportivo nacional

Um ano mais tarde, passava a liderar o Instituto do Desporto de Portugal, já depois de ter presidido também à Confederação do Desporto de Portugal (2000-02). Até essa altura, manteve também a actividade de docente universitário (e antes no ensino secundário) e assumiu funções como membro do Conselho Superior de Desporto, entre 2001 e 2005.

Muito interventivo no espaço público, escrevia regularmente em vários jornais, como o PÚBLICO, com uma perspectiva crítica das opções governamentais em relação às políticas para a área do desporto, considerando que ficavam permanentemente aquém das necessidades do país.

Os jovens não estão a envelhecer bem

Editorial

David Pontes

O estudo que divulgamos hoje da Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS) sobre idadismo no local de trabalho é um contra-senso em relação às discussões que costumamos ter sobre idade. O que é habitual nas sociedades ocidentais é que o termo idadismo esteja principalmente relacionado com o preconceito em relação a quem é mais velho e não em relação a quem é mais novo. Por essa razão, os resultados deste estudo acabam por ser surpreendentes.

Interrogados sobre se já sentiram algum tipo de discriminação moderada ou grave no emprego por causa da idade, 42,3% dos trabalhadores entre os 18 e os 35 anos relataram níveis moderados ou elevados de discriminação em função da idade, que só foram referidos por 28,6% dos trabalhadores de meia-idade e por 25,6% dos trabalhadores mais velhos.

Os "jovens são o futuro", ouvimos regularmente, numa sociedade em que, genericamente, os padrões de beleza, de dinâmica, de ambição, de inovação, estão quase sempre associados à juventude, e seria de esperar que, de alguma forma, isso aparecesse reflectido também no mundo laboral.

Mas aquilo para que aponta o trabalho da FFMS é que há muitos jovens a viverem o presente com uma sensação de injustiça motivada por estereótipos, o que tem impacto na sua saúde mental e que pode prejudicar a sua actividade profissional.

O estudo deixa-nos perante mais interrogações que certezas, mas com uma ideia positiva e uma perspectiva negativa. As interrogações são especialmente sobre como estão a funcionar os nossos espaços de trabalho. Será que existe um bloqueio ao que é novo e que pode ser mais disruptivo? Temos estruturas demasiado hierarquizadas onde a experiência é sobrevalorizada em relação ao conhecimento? O mérito é suficientemente ponderado nas escolhas que são feitas ou as estruturas são avessas às mudanças?

A ideia positiva é que, apesar de tudo, o estudo revela que, em média, os trabalhadores portugueses relatam "níveis relativamente baixos" de discriminação etária. Um contraponto, se considerarmos que para os mais novos se perspectiva uma situação ainda mais agreste no futuro. Somos um país em que, até 2050, mais de um terço da população deverá ultrapassar os 65 anos, o que resultará em carreiras profissionais mais longas e, previsivelmente, maiores bloqueios para a progressão dos mais jovens.

Quando uma geração já sofre tanto em áreas cruciais da sua vida, como no acesso à habitação, este estudo é um sinal de alerta, que deve obrigar a reforçar o diálogo intergeracional, se queremos sociedades mais coesas, que beneficiem, sem preconceitos, do melhor de cada um.

Há muitos jovens a viverem o presente com uma sensação de injustiça motivada por estereótipos, o que tem impacto na sua saúde mental e pode prejudicar a sua actividade profissional

CARTAS AO DIRECTOR

Dois anos depois, limpeza dos órgãos consultivos do Estado ficou na gaveta

QUEBRAMAR

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles
cartasdirector@publico.pt

Governo de Israel: o horror não tem limites?

"Ninguém nos permite matar à fome dois milhões de pessoas, mesmo que isso seja justo e moral até eles devolverem os reféns." Esta afirmação não pertence a Hitler, nem a Estaline, nem a Pol Pot, mas sim a Bezalel Smotrich, influente ministro de um governo que muitos insistem em considerar democrático. Perante tal afirmação, não sei se hei-de espantar-me pelo incómodo que a mesma terá causado em diversas instituições, designadamente na Comissão Europeia, cúmplice na ultrapassagem da "ignomínia" a que Josep Borrell se referiu, se pelo descuido dessas mesmas instituições e da referida Comissão em relação a algumas das "pérolas" discursivas a que o sr. Smotrich nos habituou.

Entre essas "pérolas", vale a pena referir o descartar da existência de um povo palestiniano além do povo hebreu, proclamando que os "verdadeiros palestinianos" eram ele e os antepassados (20/3/2023), a existência de árabes israelitas em Israel simplesmente "porque Ben Gurion não acabou o serviço" (21/9/2023), o "extermínio" da cidade de Huwara, na Cisjordânia (1/3/2023), e a "emigração voluntária" dos árabes de Gaza para outros países (14/11/2023).

O mais grave, no meio disto tudo, consiste em que não estamos perante palavras inconsequentes, mas perante a expressão de uma estratégia a que é preciso pôr cobro: a expulsão dos árabes palestinianos da sua terra. Entretanto, perante o silêncio cúmplice de muitos, as Forças Armadas de Israel acabam de matar mais de 100 pessoas numa escola ou, como se diz na novilíngua dos senhores da guerra, num "centro de comando do Hamas".
Luís Pardal, Lisboa

Faltam professores

As notícias sobre a aposentação de professores estão na ordem do dia, com consequências nefastas: muitos alunos vão ficar sem aulas no próximo ano lectivo. Este problema não é novo, já há uma década se previa este desfecho. Todos aqueles que, nos próximos três anos, se vão reformar fazem parte da vinculação maciça de professores decorrente da implementação do ensino obrigatório até aos 18 anos.

As sucessivas políticas educativas não acautelaram a renovação em tempo devido da classe docente e até se referiu o excesso de quadros, situação que contribuiu para a desconsideração generalizada da profissão. O que irá acontecer nas escolas? Voltamos aos tempos do PREC, quando professores sem qualificação davam aulas?

Assim, em pleno século XXI, estas interrogações não anunciam um futuro educativo promissor e revelam, como apontava Camões, "a austera, apagada e vil tristeza" em que Portugal está mergulhado.
José Manuel Ventura, Entroncamento

As sucessivas políticas educativas não acautelaram a renovação em tempo devido da classe docente e até se referiu o excesso de quadros, situação que contribuiu para a desconsideração generalizada da profissão
José Manuel Ventura
Entroncamento

Torga, o que quer Coimbra de ti?

Fazes hoje 117 anos. Sei que em Chaves (e em S. Martinho de Anta), a nossa amiga Assunção Enes já se lançou num projecto para te homenagear em 2025, por ocasião do 30.º aniversário da tua partida

A opinião publicada no jornal respeita
a norma ortográfica escolhida pelos autores

ZOOM LONDRES, REINO UNIDO

MARK THOMAS/EPA

Milhares de manifestantes saíram à rua em Londres num protesto contra a extrema-direita, em especial os motins com motivações racistas e xenófobas observados ao longo da semana passada no Reino Unido

(parabéns, Assunção!). Mas, na tua “Agarez alfabeta”, o silêncio sobre a tua obra impera. Acontece que era normal termos no dia 12 de Agosto um passeio na tua Coimbra e visita guiada na tua casa, que terminava com um pequeno evento cultural. Contudo, este ano nada disto tem lugar; pior, ainda: a Casa-Museu Miguel Torga continua como era quando foi inaugurada, há 17 anos! Onde está a cozinha; e a garrafeira; e o quarto de dormir?

Meu caro Miguel, é triste dizer-te isto no dia dos teus anos, mas tu, “sinaleiro da esperança”, sabes que para atingir a “tríada bendita” (amor-verdade-liberdade) é necessário denunciar todos os dias os erros cometidos pela cidade que escolheste para viver e escrever.
José Cymbron, Lisboa

Onde fica a Sé de Lisboa?

Sé é a designação dada em Portugal à igreja onde funciona a sede de uma diocese, o local onde está a cadeira do bispo. Daí que em quase toda a Europa a designação dada a essas igrejas seja a de catedral.

Mas, em Lisboa, o edifício conhecido como Sé funciona seis dias por semana como museu com entradas pagas, sendo as entradas gratuitas aos domingos à hora da missa. Nenhum serviço da diocese funciona na Sé de Lisboa, mas na Igreja de São Vicente de Fora, edifício remodelado pelo rei espanhol Filipe II. Na prática, é esse o edifício espanholado que funciona como Sé e não o edifício construído aquando da conquista da cidade aos mouros. É triste!
Carlos Anjos, Lisboa

PÚBLICO ERROU

O PÚBLICO Errou
Na notícia “Portal das Matrículas continua aberto para inscrições no pré-escolar”, publicada na edição de 10 de Agosto, afirma-se erradamente que este serviço só abrange escolas públicas. Na verdade, também contempla estabelecimentos do ensino privado e instituições particulares de solidariedade social (IPSS) ou equiparados. Pelo erro, o nosso pedido de desculpas.

ESCRITO NA PEDRA

As casas são construídas para que se viva nelas, não para serem olhadas
Francis Bacon, político e filósofo (1561-1626)

O NÚMERO

milhões é o número de bilhetes vendidos para os Jogos Olímpicos de Paris

A crónica de Miguel Esteves Cardoso regressa a estas páginas a 1 de Setembro

publico.pt

Lisboa
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

publico@publico.pt

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira,
Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Julho **18.970 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Douro: uma crise social anunciada

André Lage

Não gostaria de estar na pele daqueles que integram o conselho interprofissional do Instituto dos Vinhos do Douro e Porto. Ano após ano, antecedendo cada vindima, são eles que estabelecem o quantitativo de mosto que poderá ser transformado em vinho do Porto (benefício). Nos anos de maior crise, como é aquele que a Região Demarcada do Douro (RDD) está hoje a viver, esses representantes do comércio e da produção têm uma responsabilidade ainda maior. É que as decisões que tomam podem empurrar para o abismo muitos viticultores que se encontram já em situações aflitivas. E aí está um novo empurrão, com a fixação de 90.000 pipas de generoso para a vindima de 2024, reduzindo 14.000 pipas face a 2023. Mais uma vez, os viticultores veem o seu rendimento amputado e enfrentam uma dificuldade ainda maior em vender as uvas que se destinem a vinho DOP [Denominação de Origem Protegida].

A RDD vive do visível e do invisível. O visível é a paisagem deslumbrante,

NELSON GARRIDO

Património Mundial da UNESCO, as suas quintas, hotéis e miradouros, os seus festivais, feiras e eventos ligados ao vinho e à multiplicidade de marcas e categorias, cujo expoente máximo é o vinho do Porto, conhecido nos quatro cantos do mundo. Depois temos o lado invisível: o do viticultor, em particular o pequeno e médio, que cuida da sua vinha como se de um jardim se tratasse, independentemente das vicissitudes climáticas, dos custos de produção, do maior ou menor rendimento da sua colheita e da escassez de mão de obra.

A RDD vive crises há décadas. Há um contínuo sobe e desce no quantitativo de mosto a transformar em vinho do Porto que interdita ao produtor qualquer vislumbre de estabilidade e previsibilidade. Depois, vêm as destilações de crise, anunciadas por governantes como grandes medidas, tiradas a ferros dos corredores de Bruxelas, mas que não passam de pensos rápidos e não podem ser a regra para fazer face aos excedentes de produção e aos desequilíbrios da região. Acresce que o beneficiário delas é fundamentalmente o comércio. Afinal, que apoios se destinarão efetivamente à produção, se entrarmos numa crise social grave, como aquela que se prevê?

Tudo isto nos leva a pensar que a região precisa de reformas estruturais profundas, que conduzam ao aumento do preço dos néctares produzidos, em lugar da costumeira conversa da procura de novos mercados para vender, uma vez mais, a preços de saldo. Que se fixem, se necessário, limites de produção, adequando o que se produz às necessidades do mercado, mas garantindo uma melhor remuneração ao viticultor. Olhemos o exemplo da Região Vinícola de Champagne. Com sensivelmente a mesma área de vinha, esta região fatura cinco vezes mais do que o Douro.

Também cumpre aos autarcas dos municípios que compõem a RDD assumirem publicamente posições contundentes. Eles não estão dispensados de defender medidas concretas para acudir ao Douro, pressionando o Governo a agir rapidamente. Manifestar preocupação não basta. Preocupados estamos todos e o conformismo é um mal ainda maior do que o despovoamento do interior.

Haja coragem. Caso contrário, não nos admiremos se, no espaço de alguns anos, a paisagem da região vitícola demarcada mais antiga do mundo, de que tanto nos orgulhamos, iniciar um definhamento irreversível. Não nos espantemos se, mais cedo do que tarde, esses “socalcos que são passadas de homens titânicos a subir as encostas”, como os retratou Miguel Torga, deem lugar a outra coisa qualquer.

Presidente do PS de Murça, viticultor e dirigente associativo na Região Demarcada do Douro

Pacto de Regime pela Juventude para cumprir a Constituição

Francisco Porto Fernandes

Todas as forças políticas reconhecem as dificuldades com as quais se veem confrontados os jovens e concordam sobre a necessidade de serem desenvolvidas políticas públicas que deem resposta às suas preocupações e expectativas. Porém, na cultura política portuguesa, mesmo em temas como este, é mais frequente encontrar-se divisões, mais ou menos artificiais, do que alcançar-se entendimentos. Mas, perante este contexto tão adverso, é urgente alcançar um consenso político em torno de um Pacto para a Juventude, assegurando-se a estabilidade e continuidade nas políticas públicas dirigidas e, portanto, respostas mais eficazes às necessidades dos mais jovens.

Só com um Pacto de Regime entre, pelo menos, os principais partidos será possível cumprir a Constituição e criar as condições para os jovens construírem o seu projeto de vida em Portugal. O primeiro passo deste pacto deverá ser a criação de uma comissão de acompanhamento e avaliação dos resultados das políticas do Governo direcionadas aos jovens, com representação dos diversos quadrantes políticos e da sociedade civil.

Em Portugal, segundo o Instituto Nacional de Estatística, 75% dos jovens ganham menos de 1000€ por mês. Ainda que a taxa de desemprego geral venha a apresentar valores baixos, sistematicamente abaixo dos 7%, no final de 2023, o desemprego jovem encontrava-se acima dos 20%, fazendo de Portugal um dos países com as taxas mais elevadas registadas na Europa. Os jovens portugueses ganham menos 36% do que a média europeia, um valor que é ainda mais acentuado entre as jovens mulheres, que se encontram 39% abaixo, por comparação com os homens, cujos dados apontam para 31%. As dificuldades económicas levam a que os jovens portugueses se encontrem entre os jovens europeus que mais tarde saem da casa dos pais. Mais de metade dos jovens portugueses entre os 25 e os 34 ainda vivem com os pais. Se observados os dados relativos à pobreza ou exclusão social, um em cada quatro jovens está em risco de pobreza.

Esta é a “Geração Trinta”, uma geração que perdeu 30% do poder de compra, sai de casa aos 30 anos, em que 30% dos jovens estão emigrados. As políticas de juventude adotadas pelo Governo vão no caminho certo, mas a complexidade do problema é tal que todos têm de ser convocados: é preciso gerar consensos, tendo PSD e PS responsabilidades acrescidas de se entender.

As décadas de 80 e 90 colocaram Portugal na liderança dos países que apostavam em políticas de juventude mais avançadas do planeta. Foram décadas que inauguraram os apoios à habitação, a criação e alargamento de redes de pousadas de juventude, apoios ao primeiro emprego, entre outros. Esta dinâmica teve o seu expoente máximo na realização da Conferência Mundial de Juventude, em 1998, que formulou a base da Declaração Mundial de Juventude que ainda hoje é utilizada pelas Nações Unidas pela dimensão progressista das políticas de juventude nela espelhadas. Porém, as últimas duas décadas ficam marcadas por sucessivas crises que fizeram do dia a dia dos jovens uma geração sempre condicionada, sem recursos e em muitos casos sem esperança. Não será de admirar que muitos desta geração se sintam seduzidos por movimentos populistas que contestam a democracia. Não podemos perder gerações para os inimigos da democracia liberal.

Precisamos de amplos consensos na sociedade portuguesa e de estabilidade nas políticas públicas para cumprirmos objetivos que assegurem a igualdade de oportunidades no acesso à educação, o trabalho digno e a retenção de talento, o acesso à habitação, a promoção da saúde e do bem-estar dos jovens em Portugal. Urge diminuir o desemprego jovem, aumentar os salários reais, aumentar o parque público habitacional, mas, para isso, é fundamental um compromisso entre os diferentes partidos porque, embora a discórdia e as diferenças sejam saudáveis, é no diálogo e no consenso que se constroem as reformas que podem mudar Portugal.

Presidente da Federação Académica do Porto

Pluralismo nos *media* 2024: situação agrava-se em Portugal

F. Rui Cádima, Carla Baptista, Luís Oliveira Martins, Marisa Torres da Silva, Patrícia Abreu

Em 2024, mercê de uma crescente debilidade da indústria dos media e do jornalismo em Portugal, o ranking europeu do MPM – Media Pluralism Monitor, coordenado a nível europeu pelo CMPF – Centre for Media Pluralism and Media Freedom do EUI – Instituto Europeu de Florença, coloca Portugal na 11.ª posição, três lugares abaixo do que havia sucedido no ano passado. Em 2022 Portugal encontrava-se em 7.º lugar no ranking europeu, descendo para 8.º em 2023.

A avaliação do MPM, que é hoje uma ferramenta decisiva para as políticas dos *media* da União Europeia, tem vindo a identificar o agravamento da situação dos meios de comunicação social em Portugal, sobretudo nas duas últimas edições. Refira-se que os parâmetros de avaliação que integram esta análise são extensivos ao sistema de media em geral e também ao digital, indo desde a proteção fundamental (direitos básicos) à pluralidade do mercado dos media e terminando nas questões da independência política e da inclusão social.

"Tendências alarmantes"

A tendência agora registada em Portugal é, de certo modo, paralela ao que sucede no contexto da União Europeia. Atendendo às conclusões do relatório do MPM, verifica-se um movimento idêntico de agravamento das condições dos *media* na Europa. O CMPF/EUI considera existirem "tendências alarmantes para os jornalistas e a independência editorial na Europa". Concretamente no caso português, temos um risco geral inferior à média europeia, única exceção para a área da Inclusão social (risco médio, 61%). Nas áreas das Proteção fundamental e da Independência política registamos risco baixo, ambas com 31%, e na Pluralidade do mercado um risco médio, com 56%.

Importa referir que a tendência de agravamento registada pelo MPM 2024, pela sua especificidade, metodologia, questionário e tratamento algorítmico, pode não retratar em toda a sua extensão a atual crise dos media em Portugal, que nos parece mais crítica, designadamente no plano da sustentabilidade financeira (prejuízos, pré-falências, insolvências, falta de transparência, etc.), e, consequentemente, no plano da precariedade dos jornalistas e da debilidade do "quarto poder". A necessidade de intervenção do Estado com políticas públicas reforçadas de apoio indireto aos *media* é aqui e agora absolutamente necessária.

Proteção fundamental

É uma área tradicionalmente equilibrada. Portugal acompanha em geral as boas práticas europeias, com duas ou três exceções: na legislação sobre difamação, que continua a ser crime punível com prisão em Portugal. O subindicador

SEBASTIÃO ALMEIDA

A tendência de Portugal é paralela ao que sucede no contexto da UE. Segundo o relatório, há 'tendências alarmantes para os jornalistas e a independência editorial na Europa'

Equilíbrio entre a proteção da liberdade de expressão e a dignidade retrata isso mesmo: 67% (risco alto). Outra grande preocupação incide na situação dos jornalistas. As condições de trabalho dos jornalistas, agora com risco de 63%, estão quase no vermelho. E falta em Portugal legislação "anti-SLAPP" que previna ações judiciais intentadas por indivíduos ou entidades no sentido dissuadir críticos, jornalistas, etc.

Quanto à Independência e eficácia dos órgãos reguladores nacionais (25%), o sector continua dividido por várias entidades (ERC, Anacom, AdC, IGAC). Importa rever, modernizar e "consolidar" o modelo regulatório, as práticas de nomeação dos conselhos, e, enquanto esta lógica difusa predominar, reforçar o financiamento e a capacidade de investigação aprofundada, designadamente da ERC.

Refira-se que Portugal deveria ter aproveitado a transposição da diretiva de denúncias da UE (EU Whistleblowing Directive) para dar aos denunciantes a possibilidade de o fazerem diretamente às autoridades. A questão é que apenas estão protegidos por lei os denunciantes que atuam com base em dados obtidos no exercício da sua atividade profissional.

Pluralidade do mercado

Se, no conjunto, esta área apresenta risco médio-alto (56%), em determinados indicadores críticos tem um risco elevado, sobretudo nos domínios da Pluralidade dos media (79%) e da Pluralidade nos mercados digitais (78%), isto porque, por um lado, o quadro regulatório não está atualizado de forma a considerar o *cross-media* com os mercados digitais, e por outro lado o número de *players* dominantes é reduzido, atua num mercado difícil, tem evidentes debilidades e é pouco resiliente.

Outro aspeto tem a ver com a questão da Lei da Transparência e a Plataforma da Transparência da ERC. Aqui existem desafios claros no sentido de se reforçar o modelo, evitando situações ocorridas ao longo dos últimos anos, em que fundos de investimento, cuja origem é indecifrável, se tornaram proprietários problemáticos de empresas ou grupos de comunicação social portugueses, como aconteceu recentemente no caso do Grupo Global Media.

Áreas de risco para o pluralismo dos *media* em Portugal

Risco: Baixo, Médio, Alto

Área	Risco
Protecção fundamental	
Independência e eficácia da autoridade para os *media*	25%
Protecção do direito à informação	25%
Profissão de jornalista, normas e protecção	26%
Protecção da liberdade de expressão	36%
Acesso universal aos *media* e acesso à Internet	42%
Pluralidade de mercado	
Transparência da propriedade dos *media*	19%
Viabilidade dos *media*	49%
Influência comercial e do proprietário sobre o conteúdo editorial	53%
Pluralidade nos mercados digitais	79%
Pluralidade dos media	78%
Independência política	
Regulação estatal dos recursos e apoio ao sector dos *media*	13%
Meios audiovisuais, plataformas *online* e eleições	20%
Independência do serviço público de *media*	21%
Independência política dos *media*	40%
Autonomia editorial	63%
Inclusão social	
Protecção contra a desinformação e o discurso de ódio	52%
Literacia mediática	57%
Representação das minorias nos *media*	63%
Media locais/regionais e comunitários	67%
Igualdade de género nos *media*	68%

Fonte: MPM 2024 PÚBLICO

Independência política

No contexto da Independência política o risco global é baixo (31%). De uma maneira geral, o quadro legal não somente defende os *media* de eventuais manipulações do poder político, como proíbe publicidade partidária durante períodos eleitorais.

Mas existem preocupações quanto às salvaguardas relativas a conflitos de interesses, ao papel dos acionistas privados na Lusa (agora devolvida ao Estado) e sobretudo à Autonomia editorial (63%), cada vez mais ameaçada pela degradação da profissão e pelas limitações de investigação e escrutínio dos diversos poderes. Quanto ao Apoio estatal ao setor dos *media*, mantém-se inalterado há décadas, sendo urgente rever e alargar os apoios indiretos ao jornalismo e repensar o serviço público de *media*, com um financiamento adequado.

Inclusão social

O campo da Inclusão social (61%) apresenta um risco médio-alto, é o mais gravoso face aos restantes grandes indicadores do MPM 2024. Tal deriva em boa parte do que sucede com os *media* locais/regionais e comunitários (69%) e os chamados desertos de notícias, questão que se agrava em Portugal devido ao contexto e às dificuldades, sobretudo económicas, no panorama mediático português, as quais afetam particularmente os meios de comunicação social locais.

A Igualdade de género nos *media* (68%) constitui outro fator de risco agravado, isto porque as mulheres continuam a não ter representação equitativa, quer na cobertura mediática, quer no comentário político e em cargos de liderança. Também a Representação das minorias nos *media*, a promoção de uma estratégia nacional de prevenção do discurso de ódio *online*, e uma política pública consequente em matéria de literacia mediática e digital no ensino tornam-se obrigatórias no atual contexto.

Investigadores do Icnova, Instituto de Comunicação da Nova FCSH

OE condiciona prioridades dos maiores partidos, que preferem esperar para ver

PSD, PS, Chega, Bloco e PCP não querem abrir o jogo sobre temas a tratar antes do Orçamento do Estado. Para o resto da sessão legislativa, as prioridades andam entre a justiça, migrações, impostos e saúde

Maria Lopes

À espera do que poderão representar as negociações para o Orçamento do Estado para 2025 (OE2025) depois de um ensaio no final de Julho, os partidos não querem abrir muito o livro sobre os temas que tencionam discutir entre a reabertura dos trabalhos da Assembleia da República (AR), a meio de Setembro, e o arranque do debate orçamental, em meados de Outubro.

O PÚBLICO perguntou a todos os partidos com assento parlamentar quais os assuntos e propostas que querem levar ao plenário no regresso ao Parlamento e só os pequenos mostram ter o caderno de encargos mais definido. Entre as bancadas dos três protagonistas do Orçamento – PSD, PS e Chega – a ideia que prevalece parece ser a de esperar para ver o que a concorrência vai fazer.

Assim, ao contrário de anos anteriores em que os partidos iam sinalizando, ainda durante o mês de Agosto, as suas prioridades prévias à discussão orçamental, a incerteza em torno do OE2025 faz com que, sobretudos as maiores forças políticas, escondam o jogo.

Os trabalhos são retomados no dia 11, com uma reunião da comissão permanente, e o primeiro plenário será a 18, mas estão também marcadas jornadas parlamentares de vários partidos que ocupam calendário disponível da AR.

Depois de ver aprovados os temas que Pedro Nuno Santos anunciara no Programa do Governo como as prioridades socialistas – IRS, alojamento estudantil, Complemento Solidários para Idosos (CSI), portagens e IVA da luz –, o PS respondeu ao lado da questão. Em vez de apontar as prioridades para a *rentrée*, a direcção da bancada parlamentar diz que no regresso aos trabalhos parlamentares vai estar empenhada nas questões da Justiça – no debate do estado da nação o líder socialista Pedro Nuno Santos disponibilizou-se para colaborar com o Governo na reforma do sector – e das migrações.

O objectivo, dizem os socialistas, é "assegurar que os estrangeiros que residem, trabalham e fazem os seus descontos em Portugal possam ter acesso a um instrumento justo e digno de regularização". O partido pediu a apreciação parlamentar do decreto que extinguiu a autorização de residência com base na manifestação de interesses que permitia a entrada de imigrantes sem contrato de trabalho, e deverá discuti-la a curto prazo.

Por seu lado, o Chega afirma apenas que tenciona agendar projectos de lei seus para discutir antes do OE2025, mas não revela os temas. Também a resposta da direcção da bancada social-democrata foi lapidar: "O PSD não antecipa a agenda política pela comunicação social." É possível, no entanto, que na Festa do Pontal, na próxima quarta-feira, Luís Montenegro anuncie alguma medida urgente que o Governo pretenda levar ao Parlamento.

> **PS revela apenas que, no regresso aos trabalhos parlamentares, justiça e migrações serão prioridades**

IRS Jovem, IRC e IVA

Não tendo actualmente projectos de lei da sua autoria sobre assuntos urgentes à espera para serem discutidos, o PSD terá, no entanto, que se ocupar a curto prazo com o debate de propostas de lei com pedidos de autorização do Governo que chegaram ao Parlamento em Junho e Julho, nomeadamente a reforma do IRC (redução faseada da taxa geral de 21 para 15% até 2027, e para as pequenas e médias empresas de 17 para 12,5%), o regime do IVA de caixa e o IRS Jovem de 15%. A intenção do executivo é ter estes regimes em vigor no início de Janeiro do próximo ano.

O CDS-PP, parceiro de Governo do PSD, tem o caderno mais assumido: o líder parlamentar Paulo Núncio prioriza a intervenção do partido na discussão da descida do IRC, que os centristas classificam de "fundamental para o crescimento económico e para a competitividade do país", e do IRS Jovem, que contribuirá para "reter quadros jovens qualificados e criar condições para permitir o regresso dos que emigraram nos últimos anos".

Ainda à direita, a Iniciativa Liberal responde que vai apostar nas áreas da simplificação administrativa (por exemplo, na renovação de passaporte, na obtenção de diversas declarações e obrigações burocráticas para empresas), da adopção (permitir que a família de acolhimento também possa adoptar) e da saúde.

O Bloco vai fazer duas audições públicas em Setembro "das quais resultarão iniciativas legislativas que pretende ver debatidas antes da entrega do OE2025", mas cujo tema não revela. O partido assinala que as suas prioridades são "a resposta à crise da habitação, a melhoria do acesso a cuidados de saúde, a correcção das desigualdades sociais e a redução do tempo de trabalho, a promoção de uma transição climática justa aliada à modernização da economia portuguesa, e o alargamento dos direitos, liberdades e garantias de quem vive e trabalha em Portugal".

Se o PCP ainda está a analisar que assuntos vai tentar levar ao plenário, a prioridade do Livre é agendar um projecto de resolução sobre a tributação de grandes fortunas e algumas iniciativas relacionadas com o tema da qualidade de vida, disse o partido ao PÚBLICO. Entre elas estão o horário de trabalho de 35 horas e os 25 dias de férias, a regulação do teletrabalho e outras propostas que o partido ainda entregará.

O foco da deputada única do PAN, Inês de Sousa Real, será nos direitos das mulheres e nos direitos dos animais.

DANIEL ROCHA

Primeiro plenário após a interrupção para as férias de Verão será no dia 18 de Setembro

Discriminação em função da idade no trabalho afecta mais os jovens

Estudo mostra que, em Portugal, os trabalhadores relatam níveis baixos de discriminação com base na idade. São os jovens que mais dizem sofrer com isso

Cristiana Faria Moreira

"Quando chegou a altura de anunciarem quem ficaria com o cargo, chamaram-me ao gabinete e informaram-me de que tinham atribuído o lugar a outro funcionário. Quando perguntei porquê, disseram-me que ele era mais velho e que, por isso, seria à partida mais respeitado pelos funcionários e pela administração." O testemunho é de um jovem trabalhador que diz já ter sofrido algum tipo de discriminação moderada ou grave no emprego por causa da idade. Em Portugal, um em cada três trabalhadores diz já ter passado por situações semelhantes, mas essa percentagem é bem maior no caso dos mais jovens: 42,3% dos trabalhadores entre os 18 e os 35 anos relataram níveis moderados ou elevados de discriminação em função da idade, que só foram referidos por 28,6% dos trabalhadores de meia-idade e por 25,6% dos trabalhadores mais velhos. E isso tem consequências na forma como estão no mercado de trabalho.

Esta é uma das conclusões de um estudo da Fundação Francisco Manuel dos Santos sobre idadismo no local de trabalho, que é hoje publicado, Dia Internacional da Juventude, e que teve como grande objectivo estudar este fenómeno pela lente dos trabalhadores mais novos e compreender melhor a forma como as várias gerações convivem no mercado de trabalho.

O estudo "Compreender o idadismo em relação aos trabalhadores mais jovens e mais velhos" concluiu que, em média, os trabalhadores portugueses relatam "níveis relativamente baixos" de discriminação etária: apenas 33,5% relataram níveis moderados e elevados deste tipo de discriminação. Os autores consideram que estes resultados – que contrastam com outros estudos internacionais – se podem dever ao facto de os participantes terem sido apenas inquiridos sobre "formas flagrantes" de comportamento discriminatório, como por exemplo não terem sido considerados para uma promoção por causa da idade, e não sobre formas mais subtis, acreditando que, desta forma, os valores poderiam ser mais elevados.

"Esta discriminação em relação aos trabalhadores mais jovens verifica-se em todas as fases do emprego, do recrutamento à promoção e ao despedimento. Além disso, quando os chefes são mais jovens do que os membros da sua equipa, a equipa tende a atribuir-lhes classificações mais baixas em termos de competência profissional", refere o resumo do estudo.

No lote de estereótipos dirigidos aos trabalhadores mais jovens está o facto de serem considerados menos empenhados, com pouca ética de trabalho, arrogantes e argumentativos. Mas, numa nota mais positiva, também orientados para objectivos, conhecedores de tecnologia, inovadores e inteligentes. "Além destes, há a generalização de que os jovens devem aceitar um estatuto inferior na organização e não desafiar a hierarquia ou o *statu quo*", nota o mesmo resumo. Com o estudo, sabe-se agora que estes estereótipos são mais susceptíveis de serem partilhados por trabalhadores de meia-idade e, sobretudo, mais velhos.

No entanto, os autores concluíram também que o idadismo é bidireccional: se, por um lado, os jovens se sentem mais discriminados pelos trabalhadores mais velhos, são também eles que alimentam estereótipos associados às gerações mais velhas. Isto acontecerá porque os trabalhadores mais jovens e mais velhos partilham, precisamente, alguns desafios comuns: dispõem de menos recursos e exercem menos influência do que os trabalhadores de meia-idade.

Rendimentos pesam

É um fenómeno que continua a ser muito menos estudado do que outros tipos de discriminação, como o sexismo ou o racismo, e, realça o coordenador do estudo, o professor catedrático de Liderança na belga Vlerick Business School, David Patient, "é uma das formas de discriminação mais socialmente aceites".

Produzir mais informação sobre o tema foi um dos objectivos do estudo que, além de uma extensa revisão de literatura, inclui resultados de vários inquéritos, caso de um com uma amostra de 1002 trabalhadores, que os autores consideram representativa da população portuguesa.

Nem o género nem o nível de educação revelaram ser determinantes na percepção de idadismo. No entanto, avaliando o estatuto socioeconómico declarado pelos próprios inquiridos e a sua percepção de discriminação, a conclusão é diferente: quem é mais vulnerável a ser vítima deste tipo de preconceito no local de trabalho tem menos recursos económicos.

No lote de estereótipos dirigidos aos mais jovens, está o facto de serem considerados menos empenhados, arrogantes e argumentativos

Os autores tentaram também compreender o perfil dos comportamentos idadistas em relação aos trabalhadores mais jovens. Concluíram que estes estereótipos estão mais presentes em "trabalhadores de meia-idade e, sobretudo, mais velhos e trabalhadores com opiniões ligadas ao espectro ideológico da direita conservadora". Por outro lado, são os trabalhadores mais jovens os que têm crenças, estereótipos e atitudes mais negativas em relação aos mais velhos.

> **Estamos pouco conscientes do quão dispendiosa pode ser a discriminação com base na idade**
>
> **David Patient**
> Académico e autor do estudo

Ao contrário do que se poderia pensar, a dimensão, o sector de actividade e a localização das organizações revelaram não ter influência nessa atitude idadista. Porém, foram os trabalhadores de empresas que têm uma "cultura mais flexível e moderna" que relataram menos discriminação em função da idade e até atitudes positivas em relação aos trabalhadores mais velhos, sobretudo nas regiões da Área Metropolitana de Lisboa e Sul do país. "Verificou-se que a crença que advoga que os trabalhadores mais velhos devem retirar-se e dar lugar aos mais novos era mais preponderante nas empresas privadas do que na administração pública", realça o estudo.

Agarrada a estes preconceitos com a idade está uma série de consequências para os trabalhadores: estão menos satisfeitos, com menor envolvimento e desejam mais deixar o emprego. E isso causa-lhes mais stress, sobretudo no caso dos trabalhadores mais jovens e de meia-idade. David Patient alerta para isto mesmo: "Depois da pandemia, talvez estejamos um pouco mais conscientes dos problemas de saúde mental e do quão prejudiciais e dispendiosos

MANUEL ROBERTO

podem ser para a sociedade. Mas talvez estejamos menos conscientes do quão dispendiosos podem ser a discriminação e o conflito no trabalho com base na idade."

Os autores concluíram que este tipo de discriminação pode ser "um obstáculo significativo à retenção de talento e ao pleno aproveitamento dos trabalhadores mais velhos, podendo levar à reforma antecipada". Em relação aos mais jovens, o facto de se sentirem pouco valorizados, menos competentes, com menos oportunidades de desenvolvimento ou de terem um salário mais alto pode levá-los a abandonar o emprego.

Em Portugal, o envelhecimento da população é particularmente preocupante, já que se prevê que, até 2050, mais de um terço da população ultrapasse os 65 anos. E, previsivelmente, estará mais presente, de forma activa, no mercado de trabalho.

Por isso, os autores consideram que o combate ao idadismo deve ser uma prioridade no país. "As diferentes respostas ao idadismo sugerem que as intervenções devem ser pensadas à medida dos trabalhadores mais velhos e mais jovens." E isso passaria por ter nas empresas mais equipas intergeracionais e programas de mentoria e de mentoria inversa.

Estudo sobre idadismo no local de trabalho

"O preconceito à volta da idade é uma das formas de discriminação mais aceites"

Entrevista

Cristiana Faria Moreira

David Patient Académico responsável pelo estudo diz que a conversa em torno das diferentes gerações é profundamente divisiva

David Patient é professor catedrático de Liderança na Vlerick Business School, na Bélgica, e tem-se dedicado a estudar os comportamentos e as relações de trabalhadores e empresas, a diversidade etária e a comunicação no mercado de trabalho. Neste novo estudo que coordena para a Fundação Francisco Manuel dos Santos, procura mostrar como os estereótipos e preconceitos em relação à idade – o idadismo – afectam os jovens portugueses. E afecta-os de forma clara, tendo impacto na sua saúde mental. "O preconceito à volta da idade é uma das formas de discriminação mais socialmente aceites", diz o investigador, que acredita que toda a conversa feita sobre as diferentes gerações – ao jeito de "no meu tempo é que era bom" – são profundamente divisivas.

Neste estudo, os participantes revelam não sentir muita discriminação em função da idade, ao contrário do que outros estudos internacionais mostram. Porque é que acha que isso aconteceu?

Os níveis são razoavelmente baixos e uma razão poderá ser termos apenas questionado as pessoas sobre actos de discriminação muito flagrantes, como se foi tratado de forma desrespeitosa ou se não foi considerado para uma promoção ou um cargo. Se tivéssemos perguntado sobre formas mais subtis de discriminação, talvez esses relatos fossem mais frequentes. Por outro lado, também perguntámos às pessoas se se sentiam estereotipadas e, de facto, muitos dos trabalhadores mais jovens e mais velhos sentem-se assim.

Uma coisa que o estudo confirmou é que, em Portugal, são os mais jovens que mais se queixam de níveis mais elevados de discriminação em função da idade.

É consistente com o que foi encontrado noutros países. É algo que surpreende, mas há de facto um grande número de jovens que diz não ter tido acesso a algumas oportunidades apenas por causa da idade. Os trabalhadores de meia-idade são os que tendem a sofrer menos preconceito com base na idade. Já as pessoas mais idosas sofrem, de facto, muita discriminação, mas isso tende a acontecer perto das idades em que normalmente se reformam, por exemplo, depois dos 70 anos.

Este conceito de idadismo já é reconhecido pela maioria das pessoas ou ainda é algo desconhecido?

Infelizmente, penso que o preconceito à volta da idade é uma das formas de discriminação mais socialmente aceites, especialmente quando se dirige a trabalhadores mais jovens. O idadismo é ainda menos reconhecido devido a muitas das discussões que temos sobre as gerações [*baby boomers*, *millenials*, Z, etc.]. A investigação mostra muito claramente que as diferenças entre gerações não são assim tão significativas, mas toda esta conversa sobre gerações pode ser muito divisiva. Quando dizemos, por exemplo, que há uma geração que está sempre ao telemóvel ou que não gosta de trabalhar... para ser sincero, acho que este enfoque na questão geracional está a contribuir para a criação de mais estereótipos e para a discriminação no local de trabalho.

Como é que esta falta de informação pode afectar os jovens no seu trabalho e mesmo no dia-a-dia?

Há um tipo de estereótipo, a que chamamos prescritivo, que são as crenças sobre como os grupos se devem comportar. E podem ser especialmente negativos porque, se um grupo não se comporta como pensamos que se deve comportar, pode ser alvo de muitas críticas e punido socialmente. O que ficou demonstrado é que a discriminação é quase sempre negativa. Os estereótipos, porém, podem ser positivos e negativos.

Como assim?

Podemos acreditar, por exemplo, que os trabalhadores mais jovens são muito bons com a tecnologia, e isso pode, de facto, melhorar o seu desempenho no local de trabalho quando percebem que as pessoas pensam assim. Por outro lado, mesmo que os estereótipos sejam positivos, também podem ter consequências negativas: podem criar stress e pressão e limitar as contribuições das pessoas e a forma como as vemos como indivíduos.

Ficam reféns de expectativas?

Há certos estereótipos que limitam trabalhadores mais jovens, como o dever de respeitar a hierarquia e acatar o que dizem, sem contestar. Isto é semelhante ao que encontramos, por exemplo, no sexismo em relação às mulheres. Por um lado, espera-se que os trabalhadores mais jovens se comportem de forma a não demonstrarem estatuto ou liderança. Mas, ao mesmo tempo, queremos que tenham iniciativa e que apresentem soluções criativas. Somos críticos se não cumprirem ambos, e eles ficam presos nesta coisa: como é que satisfaço estas expectativas positivas sem desobedecer a estas outras expectativas sobre como me devo comportar?

E isso pode afectar – até bloquear – a carreira destes jovens, certo?

Detectámos uma série de consequências a nível individual. Quando as pessoas se sentem estereotipadas e discriminadas, isso pode afectar negativamente a sua motivação e o seu desempenho e até a sua relação com os outros trabalhadores. Por isso, é provável que isto limite o quanto as pessoas se desenvolvem profissionalmente.

Outra coisa que não foi ainda estudada nos países europeus, tanto quanto sei, são as consequências que sentir-se discriminado tem para a saúde. Não encontrámos quaisquer consequências para a saúde física, mas observamos consistentemente que a saúde mental é afectada negativamente quando os trabalhadores se sentem estereotipados e discriminados. Depois da pandemia, talvez estejamos um pouco mais conscientes dos problemas de saúde mental e do quão prejudiciais e dispendiosos podem ser para a sociedade, mas talvez estejamos menos conscientes do quão dispendioso pode ser, em termos de saúde, a discriminação e o conflito no trabalho com base na idade.

As empresas, os governos estão conscientes dos problemas que surgem do idadismo? O que devem fazer?

Penso que há muita conversa sobre gerações, que muitas vezes não são assim tão exactas. Mas vejo, por outro lado, como um sinal positivo o facto de algumas empresas pensarem em formas de motivar e apoiar pessoas de diferentes grupos etários. Acho que esse é o caminho, mas precisa definitivamente de receber mais atenção.

Em Portugal há uma população que está a envelhecer rapidamente, por isso o mercado de trabalho terá muitas pessoas com mais de 50 anos. Além disso, num mercado onde há muita procura de mão-de-obra e de competências, é provável que haja uma maior concorrência pelos melhores trabalhadores jovens. Que, se estiverem a trabalhar numa empresa onde sentem que estão a ser retidos ou a ser tratados de forma desrespeitosa devido à idade, é provável que se vão embora. Por isso, espero que seja um imperativo das empresas garantir que os trabalhadores de todas as idades, incluindo os mais jovens e os mais velhos, estão a ser motivados e apoiados.

DR

David Patient é professor catedrático na área da Liderança

Justiça pagou 112 mil euros para guardar obras de arte apreendidas no caso BES

Mariana Oliveira

Espaço está alugado há anos, mas altos custos levaram MP a pedir que se encontre uma solução mais barata com o Ministério da Cultura

SARA MATOS

Desde 2016 que um instituto na alçada do Ministério da Justiça paga 1129 euros por mês para guardar peças de arte apreendidas no processo

O Ministério da Justiça já pagou mais de 112 mil euros por uma "*box*" onde está guardado um conjunto de obras de arte que foram apreendidas no âmbito do processo que apura responsabilidades criminais no colapso do Banco Espírito Santo, que ocorreu há uma década.

Desde 2016, ou seja, há oito anos, que o Instituto de Gestão Financeira e Equipamentos da Justiça (IGFEJ) assegura o pagamento de uma despesa mensal de 1129 euros à empresa Sala Branca, em Santarém, para guardar quadros e outras peças de arte que foram apreendidas para acautelar a existência de bens que pudessem compensar o Estado ou os lesados dos prejuízos que tiveram com os crimes que terão sido praticados pelos arguidos.

Isso mesmo resulta da consulta de parte dos 134 volumes do principal anexo do caso BES dedicado aos arrestos. Em Fevereiro do ano passado, foi elaborado um relatório com todos os pagamentos feitos até esse momento à empresa Sala Branca, que contabilizavam os gastos em 94.814,55 euros. A este valor o PÚBLICO acrescentou a despesa relativamente aos 16 meses que se seguiram, num total de 18.066,24 (a última factura existente no processo era referente a Junho). A soma das duas parcelas resultou num valor global de 112.880,79 euros.

Na sequência da apresentação de mais uma factura da Sala Branca, no final do ano passado, o Ministério Público pediu ao tribunal que solicitasse ao Gabinete de Administração de Bens (GAB) do IGFEJ que encontrasse um "espaço com condições adequadas ao depósito destes bens, com menores custos de manutenção, designadamente oficiando os serviços do Ministério da Cultura".

Tal foi feito, tendo, no início de Março deste ano, a directora do GAB, Ana Marcolino, informado o tribunal que o gabinete estava "em conversações com a Museus e Monumentos de Portugal, EPE, com vista a encontrar novo local para o depósito das obras de arte".

Umas semanas depois, o Ministério Público quis saber se já existiam "resultados das conversações mantidas com a Museus e Monumentos de Portugal, EPE, no sentido de se encontrar solução alternativa e a menor custo".

> **Não se sabe quanto valem os bens arrestados no caso BES, já que nunca foi feita qualquer avaliação global**

A resposta da directora do GAB veio já em Junho. "Relativamente à questão das obras de arte, informa-se que o GAB se encontra a aguardar uma resposta do instituto Museus e Monumentos de Portugal, EPE, para avançar com um protocolo de colaboração entre as duas entidades", explicava Ana Marcolino.

O Ministério Público não desmobilizou e, no mês passado, voltou a pedir ao tribunal que o GAB, que tem como missão administrar e gerir este bens arrestados ou apreendidos em processos, informasse "sobre a data previsível para a realização do protocolo".

Nas mais de 47 mil páginas do apenso relativo aos arrestos principais do BES, o PÚBLICO não conseguiu localizar a lista das obras que foram entregues à Sala Branca, que foi nomeada pelos tribunais fiel depositária desses bens. Tentou, contudo, entrar em contacto com a empresa, que, no seu *site* na Internet, se apresenta como uma "leiloeira exclusiva de belas-artes", mas o número de telefone que aparece associado à firma diz não estar atribuído. As redes sociais da Sala Branca também não são actualizadas há vários anos. Facto é que a empresa continua a apresentar as facturas mensalmente ao tribunal.

Acordo sem data prevista

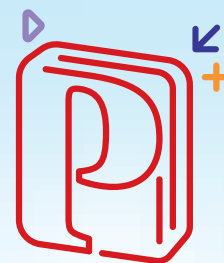
Contactado pelo PÚBLICO para saber em que ponto de situação se encontram as negociações com o Ministério da Cultura, o IGFEJ respondeu: "Na sequência do pedido do Ministério Público, foram desenvolvidos contactos com o Ministério da Cultura, através da Museus e Monumentos de Portugal, EPE, com vista ao estabelecimento de um protocolo entre ambas as entidades. Em Maio deste ano foi preparado um *draft* [esboço] de protocolo para a concretização desta parceria."

O instituto não avança, contudo, com nenhuma data previsível para a assinatura do acordo, acontecendo o mesmo com o Ministério da Cultura. A Museus e Monumentos de Portugal informa apenas que "já decorreram reuniões entre as partes, encontrando-se em análise uma minuta de protocolo entre as duas entidades". O Ministério da Justiça adianta que, entretanto, a secretária de Estado da Justiça, Maria José Barros, solicitou ao IGFEJ o texto do protocolo para que possa também analisar o tema.

No âmbito de um pedido de informação anterior, o GAB já tinha explicado ao PÚBLICO que as obras de arte apreendidas apenas poderiam ser vendidas após haver uma decisão final no processo, "uma vez que se trata de uma tipologia de bens que não preenchem os requisitos legais para uma venda antecipada por não serem susceptíveis de desvalorização".

Não foi isso que aconteceu com 285 imóveis cuja venda foi acompanhada pelo IGFEJ desde que começaram os arrestos, em 2015. As vendas renderam mais de 123 milhões de euros, actualmente depositados em contas bancárias à guarda do processo, como o PÚBLICO noticiou recentemente.

Ninguém sabe quanto valem os milhares de bens que estão arrestados no caso BES, já que nunca foi feita qualquer avaliação global do que foi confiscado. Tal vai sendo feito à medida que aparecem interessados em comprar bens ou que há interesse em vendê-los para liquidar dívidas que lhes estão associadas. Nestes casos, é o GAB que avalia os imóveis, sendo habitual o tribunal apenas autorizar a respectiva venda quando a proposta é superior ao valor da avaliação.

O último balanço de bens confiscados foi feito em Março de 2019 pelo Ministério Público. O mesmo indicava que, nessa altura, estavam arrestados 477 imóveis e 231 fracções de *time-sharing*, duas unidades hoteleiras, 11 veículos automóveis, o recheio de seis casas e das instalações de uma sociedade, incluindo 143 obras de arte. Muitas, contudo, permaneceram nas residências dos arguidos, tendo estes ou alguém próximo sido nomeado fiel depositário das mesmas. Apenas uma minoria foi apreendida.

Financiamento do PRR para a habitação acelera, mas falta construir: só estão prontas 132 casas

A distribuição do dinheiro do Plano de Recuperação e Resiliência destinado à habitação está a acelerar, mas a construção de novas casas está atrasada. Alguns autarcas já falam em adiamento dos prazos de execução

Rafaela Burd Relvas

Cerca de metade dos fundos do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) destinados a dar resposta às carências habitacionais já está alocada, numa altura em que o Governo procura coordenar-se com os municípios para acelerar as candidaturas e desbloquear as casas previstas. Mas, se a distribuição do dinheiro parece estar a alcançar uma velocidade de cruzeiro, o mesmo não está a acontecer, para já, com a construção dos novos fogos. Até agora, das mais de 3000 casas que já têm financiamento garantido para serem construídas no âmbito do programa 1.º Direito, só 132 tinham, até Junho, as obras já concluídas.

Estas são as conclusões que se retiram do levantamento feito pelos investigadores Aitor Oro, do Centro de Estudos em Arquitectura e Urbanismo da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, e Sílvia Jorge, do Centro para a Inovação em Território, Urbanismo e Arquitectura do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa. Num estudo recente disponibilizado no portal *O Contador*, e partilhado com o PÚBLICO, os dois investidores analisam os dados públicos sobre a execução dos programas abrangidos pelo PRR que são dirigidos à habitação, consultados nos portais *Base* e *Mais Transparência*, bem como no *Diário da República*.

Depois de alguns reforços substanciais da dotação orçamental disponível, os vários programas da componente de habitação do PRR contam agora com um financiamento proposto de mais de 4,18 mil milhões de euros (incluindo-se, neste montante, programas que pertencem a outras componentes do PRR, mas que também terão impacto no campo da habitação, como os chamados "vales-eficiência", destinados a melhorar a eficiência energética de edifícios residenciais).

Por esta altura, de acordo com os dados mais recentes levantados pelos investigadores, relativos a 19 de Julho de 2024, está contratualizado um financiamento superior a 2,1 mil milhões de euros, o equivalente a cerca de 50% dotação total.

O 1.º Direito é o programa que concentra a maior fatia destes fundos. Na

MANUEL ROBERTO

Há mais de 3000 casas já com financiamento garantido do programa 1.º Direito

Fogos do 1.º Direito, por tipo de solução

	N.º de fogos	Valor contratualizado (€)
Aquisição	402	59.086.000
Aquisição de terrenos para construção	517	72.082.948
Aquisição para reabilitação	889	135.659.899
Arrendamento	7	107.795
Construção	2804	356.719.149
Reabilitação	8888	369.741.531
Total	**13.507**	**993.397.322**

Estado das operações de construção

Fontes: Mais Transparência, *Diário da República* e Base. Dados recolhidos pelo portal *O Contador* PÚBLICO

data em análise, este programa tinha um financiamento previsto de quase 2,2 mil milhões de euros, para a disponibilização de 26 mil casas para famílias em situações habitacionais consideradas indignas. Até ao mês passado, tinham sido contratualizados mais de 1,1 mil de euros no âmbito deste programa, abrangendo um total de 14.891 fogos.

A distribuição da restante dotação financeira ainda disponível poderá, entretanto, conhecer nova aceleração, depois de o Governo ter lançado uma nova medida com esse objectivo, no âmbito do novo pacote legislativo dirigido ao sector da habitação. Em concreto, foi criada a possibilidade de assinatura de termos de responsabilidade entre o Governo e as autarquias, permitindo a aprovação das candidaturas que estavam pendentes no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU) a acelerando, assim, o processo para a construção de novas casas.

Em Junho, o Governo assinou os primeiros 83 termos de responsabilidade com os municípios e, no mês seguinte, assinou outros 18 termos de responsabilidade.

Maior parte para construção

Com a aceleração dos processos de contratualização dos fundos, resta construir. E essa, mostra o estudo dos investigadores, está a revelar-se uma tarefa demorada, um problema que se torna ainda mais grave quando se tem em conta que as soluções de construção concentram a maior fatia dos fundos destinados ao 1.º Direito. E, se as obras não estiverem concluídas dentro dos prazos estipulados, os municípios arriscam-se a ter de devolver as verbas recebidas.

O 1.º Direito destina-se a financiar vários tipos de soluções habitacionais para dar casa a famílias que estejam identificadas como estando em situações indignas.

Há seis tipos de soluções que podem ser incluídas neste programa: aquisição de habitações já disponíveis; arrendamento; aquisição de terrenos para construção; construção; aquisição e reabilitação de casas; ou reabilitação de casas.

Os últimos dados dos investigadores (ainda relativos a Junho) apontam para que, nessa altura, dos cerca de mil milhões de euros já então contratualizados no âmbito do 1.º Direito, mais de 41% estavam destinados a soluções de construção ou de aquisição de terrenos para construção: ao todo, perto de 430 milhões de euros estavam alocados a este tipo de solução, num total de 3321 novos fogos.

A execução destes fundos ainda está, contudo, numa fase muito inicial. Dos 3321 fogos que já têm financiamento aprovado para serem construídos no âmbito do 1.º Direito, só 132 estavam concluídos à data da recolha destes dados. Outros 1416 tinham o contrato de empreitada já celebrado, mas a maioria (1741 fogos) ainda tinha o concurso de empreitada a decorrer ou por lançar. Esta última situação abrange 957 milhões de euros dos fundos já contratualizados no 1.º Direito, o que representa 24% do montante total distribuído no âmbito deste programa.

Neste cenário, os investigadores alertam para o risco de não-conclusão das obras no prazo estabelecido, o que "poderá obrigar alguns municípios a abdicar dos projectos ou a devolver as verbas contratualizadas", bem como para o número "muito elevado" de candidaturas nesta situação. Por outro lado, avisam, "os prazos para execução das obras são muito reduzidos", o que agrava "os riscos dos municípios que decidam avançar" com as candidaturas aos fundos europeus.

Os riscos de atrasos já são, aliás, reconhecidos por alguns autarcas, que se preparam para pedir o adiamento de prazos ao Governo. "O alargamento do prazo do PRR, neste momento, já está em cima da mesa", afirmou, no final do mês passado, após uma reunião no Conselho Metropolitano do Porto, o presidente da Câmara de Vila Nova de Gaia, Eduardo Vítor Rodrigues. "Corremos o risco de desperdiçar o maior pacote na área da habitação que alguma vez tivemos", avisou então o autarca socialista.

Desde o final de Junho que o PÚBLICO tem contactado o Ministério da Coesão Territorial, que tem a tutela do PRR, bem como o Ministério das Infra-Estruturas e Habitação, sobre esse assunto, mas não obteve respostas até à publicação deste artigo. Entre outras questões, procurou saber-se o que justifica os atrasos na construção de casas no âmbito do 1.º Direito, a que se devem os atrasos na aprovação de candidaturas pelo IHRU que conduziram à opção pelos termos de responsabilidade municipais e se serão implementadas medidas para proteger os municípios de eventuais prejuízos decorrentes de atrasos nas obras.

Apanhado de surpresa pelo ataque da Ucrânia, Kremlin recusa admitir fracasso

Avisos dos serviços secretos militares terão sido ignorados pela cúpula militar da Rússia, que confiou a defesa da fronteira da região de Kursk com a Ucrânia a soldados acabados de sair da recruta

Paulo Narigão Reis

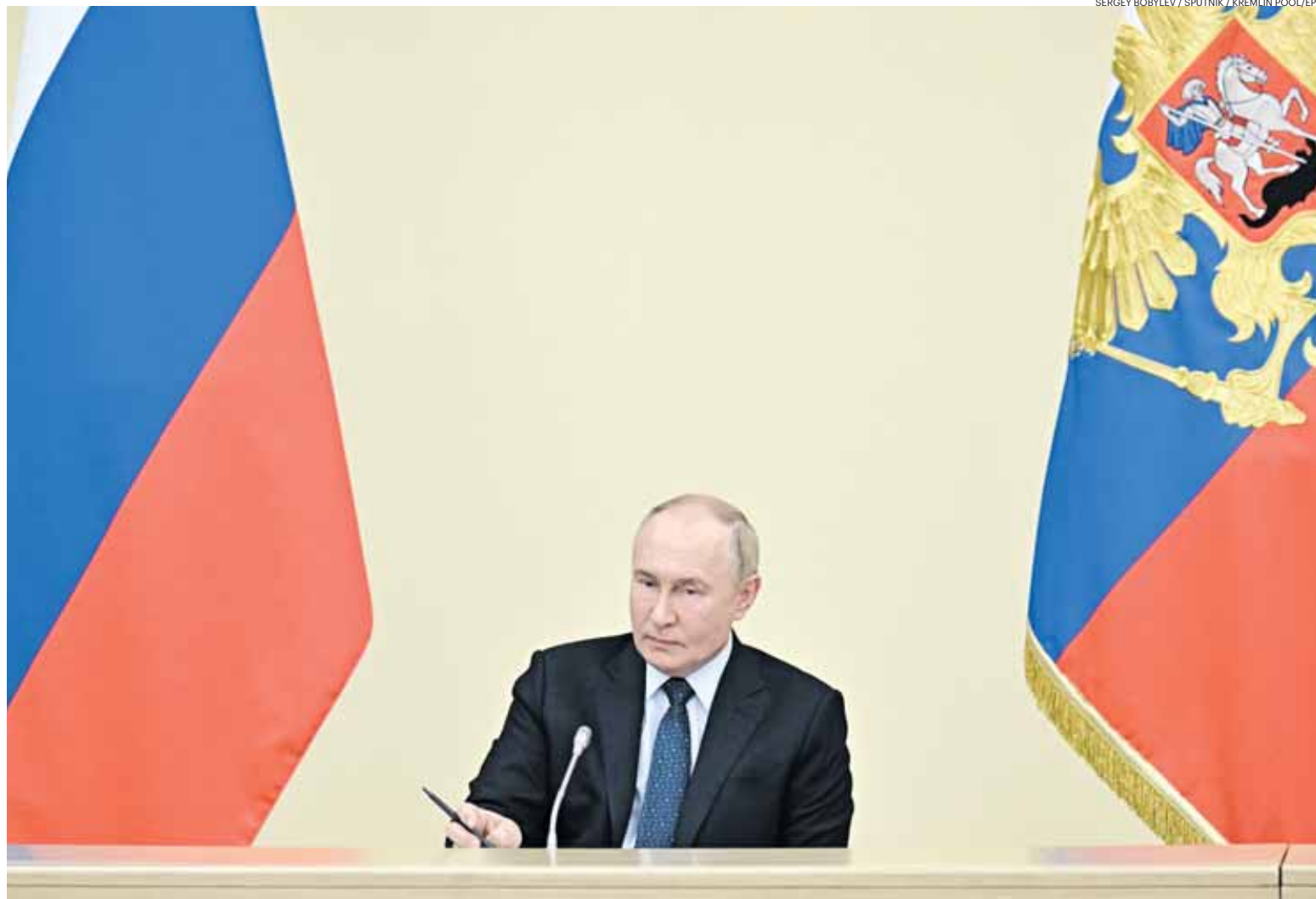
A pergunta que os russos, e não só, fazem é: como é que o Exército ucraniano entrou tão facilmente por território da Rússia adentro? Apanhado de surpresa pela ousadia de um ataque inesperado que cumpriu ontem o sexto dia, o Kremlin ainda não conseguiu encontrar uma resposta capaz de repelir um inimigo que já terá avançado pelo menos 20 quilómetros na região fronteiriça de Kursk.

A incursão ucraniana em território russo foi tão chocante que forçou o Presidente Vladimir Putin a abordar publicamente uma questão que costuma deixa para os seus porta-vozes comentarem, dizendo que o ataque da Ucrânia, país que invadiu em Fevereiro de 2022, era uma "provocação". O próprio Presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, geralmente menos dado ao silêncio, só no sábado comentou pela primeira vez o ataque a Kursk, afirmando que Kiev estava a "empurrar a guerra para o território do agressor".

Ninguém pode tirar a Zelensky o êxito, pelo menos inicial, da audaz operação. Em menos de uma semana, obrigaram as autoridades russas a retirar apressadamente mais de 80 mil pessoas das zonas de fronteira e forçaram Moscovo a impor um regime especial de "medidas antiterroristas" não só em Kursk como nas regiões de Belgorod e Bryansk.

E embora tenha reconhecido que a Rússia enfrenta um problema em Kursk, Putin absteve-se de classificar a incursão ucraniana como uma falha do seu Exército. Na quinta-feira, voltou a comentar o ataque apenas como uma "situação".

No entanto, um funcionário russo próximo do Ministério da Defesa, citado pelo jornal independente *The Moscow Times*, caracterizou o ataque ucraniano como um "fracasso" capaz de custar a cabeça do chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da Rússia, o general Valery Guerasimov, que na quarta-feira afirmou, prematuramente, que o avanço das forças ucranianas tinha sido detido.

Segundo relata a Bloomberg, Guerasimov teria ignorado alertas feitos pelos serviços secretos militares que davam conta da concentração de tropa ucraniana na fronteira. Alguns *bloggers* militares russos disseram mesmo que as linhas de defesa em Kursk estavam mal equipadas e dependentes de recrutas pouco treinados para enfrentar o ataque.

SERGEY BOBYLEV / SPUTNIK / KREMLIN POOL/EPA

Vladimir Putin disse que o ataque ucraniano em território russo foi uma "provocação"

Num relato publicado no *site* independente Verstka, os recrutas estacionados na fronteira deram conta do "caos" que se seguiu à entrada dos soldados ucranianos em território russo. "Não houve instruções, o comandante do esquadrão, um soldado contratado, mandou-nos recuar quando estávamos sob fogo de morteiros. Entrámos numa floresta e continuámos a ser atacados. Ficámos deitados durante provavelmente uma hora", contou ao Verstka um recruta de nome Alexander.

"O tiroteio começou, mais o fogo de morteiros. Não tínhamos sequer metralhadoras para responder", disse outro recruta, Alexei, numa conversa telefónica com a mãe publicada pelo mesmo *site* independente.

As baixas entre os recrutas a quem Moscovo tem confiado a defesa das zonas de fronteira com a Ucrânia poderão tornar-se numa dor de cabeça para o Kremlin. No sábado, a oposição russa e os meios de comunicação social independentes começaram a divulgar as primeiras queixas dos familiares dos recrutas russos por causa do envolvimento destes nas operações de defesa fronteiriça, segundo escreve o *think tank* Instituto para o Estudo da Guerra (ISW, na sigla em inglês).

Embora as queixas sejam, para já, em número limitado e não tenham dado origem a um movimento unificado, o Kremlin já manifestou anteriormente grande preocupação com as reacções dos russos relativamente à utilização de recrutas em operações de combate, principalmente na Primavera de 2022, quando o envio de novatos para as linhas da frente na Ucrânia levou Vladimir Putin a prometer às mães dos recrutas que a Rússia não os utilizaria em operações de combate.

Lei marcial

Ontem, o Kremlin voltou a prometer que a resposta da Rússia aos ataques ucranianos "não se fará esperar" e será "dura", nas palavras da porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Maria Zakharova.

Mas, para já, subsistem dúvidas em relação à escala da resposta russa ao que pode ser definido como uma pequena invasão pelo Exército ucraniano. Mediante a "operação antiterrorista" anunciada no sábado, está prevista a deslocação de material bélico e o reforço de efectivos na região de Kursk, a que se juntam, entre outras medidas, restrições à circulação de pessoas e veículos.

Algumas vozes da comunidade de *bloggers* militares sugeriram, no entanto, que a Rússia deveria declarar oficialmente guerra à Ucrânia e criticaram o Kremlin por não ter imposto a lei marcial em vez da chamada "operação antiterrorista". Porém, segundo os analistas do ISW, haverá em Moscovo a relutância em adoptar medidas mais radicais para tentar minimizar a escala do ataque na região de Kursk e evitar o pânico ou uma reacção negativa da opinião pública.

Independentemente da resposta da Rússia, a Ucrânia promete continuar o ataque. Este domingo, Volodymyr Zelensky pediu aos parceiros ocidentais da Ucrânia que tomem "decisões fortes" que permitam atacar território russo com armas ocidentais. "Quando as capacidades de longo alcance da Ucrânia não tiverem limites, esta guerra terá definitivamente um limite", escreveu o Presidente ucraniano na rede social X.

"A Venezuela não é uma questão de esquerda ou direita." Corina quer respeito pelo voto

Leonete Botelho

A líder da oposição no país diz, em entrevista ao *El País*, que "o mundo sabe" quem ganhou as eleiçõe. E pede o fim da repressão

María Corina Machado, a líder da oposição na Venezuela e candidata presidencial escolhida em primárias que o regime impediu de concorrer, passou à clandestinidade depois de a justiça ter aberto uma investigação criminal contra ela e Edmundo González Urrutia, o candidato oficial que terá vencido as eleições de 28 de Julho, segundo um apuramento paralelo dos votos. Foi a partir de um lugar desconhecido que deu uma entrevista ao *El País* em que defende que "a melhor opção de Maduro é aceitar uma "transição negociada".

"O mundo sabe que vencemos"; "as nossas actas estão à disposição para quem quiser analisá-las", afirma María Corina, sublinhando que, hoje, a situação na Venezuela "não é uma questão de esquerda ou direita", mas de "questões essenciais de direitos humanos", "liberdade *versus* totalitarismo", da "estabilidade democrática face a um regime que abala a estabilidade não só da Venezuela, mas da região".

Para a fundadora do partido Vente [Vamos] Venezuela, neste momento a prioridade número um é que "pare a repressão" e pede à comunidade internacional que faça "a denúncia que [a situação] merece": "Estamos a falar de Maduro, que se vangloria diariamente de ter mais de 2000 detidos. Estão a tirar testemunhas eleitorais das suas casas, procuram aqueles que foram voluntários no dia das eleições."

Depois, "é fazer Maduro compreender que a sua melhor opção é aceitar os termos de uma transição negociada", em respeito pelos resultados eleitorais, porque "a soberania popular não é negociável".? "Em 25 anos nunca tínhamos estado aqui, com o regime tão fraco e nós tão fortes. Está a cair a farsa de que este é um país polarizado. As bases do chavismo estão connosco, as bases das Forças Armadas estão connosco. Já lhes tínhamos dado a derrota social, precisávamos ratificá-la com números para que o mundo inteiro soubesse o que já sabíamos", afirma.

Os números a que se refere são os que resultaram do apuramento paralelo de votos feito através de uma rede de *"comanditos"* que, distribuídos nas cerca de 30.000 mesas de voto, conseguiram obter mais de 24 mil actas eleitorais que depois foram analisadas detalhadamente por académicos de renome internacional. Trata-se da iniciativa AltaVista Parallel Vote Tabulation (PVT), e, segundo essa análise, o candidato da oposição Edmundo González obteve mais de 66% dos votos, enquanto Maduro conseguiu apenas 31%.

MIGUEL GUTIERREZ/EPA

A líder da oposição a Maduro corre o risco de ser presa pelo regime

Este sistema foi já verificado por dezenas de outros especialistas de renome internacional, como Francis Fukuyama e órgãos de comunicação social como o *Washington Post* e a *Associated Press*. E cuja divulgação contrasta com a ausência de transparência dos resultados anunciados pelo Conselho Nacional Eleitoral, que só entregou as actas ao Tribunal Supremo da Venezuela (TSV) depois de intimado a fazê-lo, sem que até agora tenham sido divulgadas, como já pediram muitos outros países (EUA, Brasil, Colômbia e México, assim como a UE).

"As actas que temos são documentos oficiais da CNE. Sob as regras deles. Vencemos, o mundo sabe que vencemos", prossegue María Corina na entrevista ao *El País*. "Acredito que é uma posição que une todos os países do mundo quando dizem que devemos ter uma verificação imparcial das actas. As nossas estão disponíveis para que quem quiser analisá-las, verificá-las, possa fazê-lo. É para isso que serve o nosso banco de dados aberto", continua.

Mas, para o Supremo Tribunal, é como se não existissem. "Os membros da Plataforma Unitária [coligação da oposição liderada por Edmundo González] não apresentaram qualquer material eleitoral" ao tribunal, declarou a juíza Caryslia Rodriguez aos jornalistas e diplomatas no sábado, advertindo que a sua decisão de determinar o vencedor seria definitiva.

Questionada sobre as posições dos três países da esquerda moderada que têm estado a tentar uma solução negociada com o regime de Maduro – Brasil, Colômbia e México –, a líder da oposição diz "compreender que há países que tenham uma posição mais prudente para manter o canal de comunicação com o regime". Mas também afirma que estes três países "compreendem o enorme perigo para a América Latina" de Maduro se manter no poder "pela força": "Isso produziria uma onda migratória de três ou quatro milhões de pessoas no curto prazo."

Questionada sobre se receia ser presa pelo regime, a liberal não rejeita o cenário: "Na Venezuela, tudo é possível. Sinto que, no seu desespero, Maduro escolheu o caminho mais perigoso, entrincheirando-se, cercando-se de um alto comando militar. Acho que é um grande erro da parte dele e um grande risco para os venezuelanos."

Biden diz que desistiu da recandidatura para evitar ser "distracção" na campanha democrata

André Certã

O Presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, afirmou numa entrevista ao programa da CBS *Sunday Morning* que desistiu da candidatura às eleições presidenciais de Novembro deste ano para evitar ser uma "verdadeira distracção" para o Partido Democrata, que escolheu Kamala Harris para o substituir na corrida.

Naquela que foi a primeira entrevista de Biden desde que desistiu da candidatura no passado mês de Julho, o Presidente dos Estados Unidos afirmou não ter nenhum problema "sério" de saúde e apontou à derrota de Donald Trump, o seu antecessor que se está a recandidatar ao cargo pelo Partido Republicano.

Sobre o debate que levantou preocupações sobre a sua capacidade mental, Biden revelou que teve "um dia muito, muito mau" porque estava "doente", afastando, no entanto, quaisquer problemas de maior gravidade.

O democrata acrescentou que alguns colegas seus "na Câmara dos Representantes e no Senado" acharam que, se ele se mantivesse na corrida presidencial, isso iria prejudicar as suas próprias campanhas, o que levou Biden a admitir que a pressão interna do Partido Democrata foi a principal razão para desistir.

"Estava preocupado com que, se me mantivesse na corrida, o tema fosse esse", disse Biden. E exemplificou, dirigindo-se ao jornalista da CBS: "[Nesse caso] Estaria a entrevistar-me sobre o que disse Nancy Pelosi (que se opôs a que Biden se mantivesse na corrida) e eu achei que seria uma verdadeira distracção."

A derrota de Trump é, para Joe Biden, algo fundamental pelo "perigo genuíno para a segurança americana" que o ex-Presidente representa.

Joe Biden afirmou, numa entrevista à CBS, que não tem qualquer problema "sério" de saúde

Por essa razão, o democrata assegurou que estas eleições são um "ponto de inflexão" para os próximos anos.

Comentando a dupla de candidatos Kamala Harris e Tim Walz, Biden afirmou que são uma "equipa fantástica".

"Falo com [Harris] frequentemente e, já agora, sei que o seu companheiro de candidatura é um tipo fantástico. Como costumamos dizer, se tivéssemos crescido no mesmo bairro, teríamos sido amigos. Ele é o meu tipo de homem. É real, é inteligente. Conheço-o há várias décadas", disse.

Sobre o que o motivou na candidatura à Presidência em 2020, o Presidente norte-americano lembrou as violentas manifestações de supremacistas brancos de extrema-direita na cidade de Charlottesville em 2017.

"Todas as outras vezes que o Ku Klux Klan (KKK) esteve envolvido, eles usaram capuzes para não serem identificados", afirmou, relevando que, durante a Presidência de Trump, os membros do KKK "saíram do seu esconderijo sem capuzes, sabendo que tinham um aliado. É assim que eu leio. Eles sabiam que tinham um aliado na Casa Branca. E ele deu um passo em frente por eles", acrescentou.

Na entrevista, Biden disse ainda que quer ser lembrado por mostrar que a "democracia americana funciona".

"Tirou-nos de uma pandemia. Produziu a maior recuperação económica da história americana. Somos a economia mais poderosa do mundo. Temos mais para fazer. E demonstrou que podemos unir a nação", afirmou, sublinhando que o seu único erro foi "não ter posto cartazes a dizer '*Joe did it*'".

Hezbollah mantém-se determinado enquanto o Líbano se prepara para a guerra

Kareem Fahim e Mohamad El Chamaa

O grupo apoia-se no estatuto de força militar sem rival no Líbano, no seu vasto arsenal e nas dezenas de milhares de homens

Um ataque de Israel que matou um combatente do Hezbollah numa estrada rural em Wadi Jilo, na semana passada, deixou um carro destruído, um pedaço de terra queimada e a afirmação israelita de que o ataque tinha desferido um "golpe significativo" no seu inimigo do outro lado da fronteira.

Mas parecia haver muitos jovens dispostos a tomar o lugar do combatente, Ali Abdul Ali, na sua cidade natal, no Sul do Líbano, a menos de três quilómetros do local onde foi morto. Foram vistos em redor do seu caixão decorado com flores nas imagens do seu funeral, na semana passada, onde a dor e a raiva se misturaram com o zelo dos apoiantes do grupo. "Hezbollah", cantavam.

Dez meses depois de ter entrado no conflito entre Israel e o seu aliado Hamas, o Hezbollah, o grupo militante libanês e partido político, parece não se ter deixado abater, depois de ter absorvido os golpes violentos dos ataques israelitas e de ter perdido cerca de 400 combatentes e comandantes. O Hezbollah só fez uma pausa nos seus ataques no Norte de Israel uma vez, em Novembro. Mais recentemente, aumentou a intensidade dos seus ataques e alargou a sua lista de alvos de modo a incluir cidades israelitas que, segundo afirma, não tinha atingido anteriormente.

A persistência do Hezbollah tem atormentado a administração Biden, o principal aliado de Israel. Os esforços dos EUA para evitar uma guerra regional –na qual estariam inevitavelmente envolvidos –incluíram tentativas falhadas de mediar cessar-fogos tanto no Líbano como na Faixa de Gaza. O Hezbollah afirma que não quer a guerra, mas só deixará de atacar Israel quando for alcançado um cessar-fogo em Gaza.

Na quinta-feira, os EUA, o Qatar e o Egipto emitiram uma declaração conjunta instando o Hamas e Israel a retomarem as negociações, enquanto Israel se preparava para a retaliação do Hezbollah e do seu Estado patrono, o Irão, pelo assassínio de um alto comandante do Hezbollah nos subúrbios de Beirute e de um dirigente do Hamas em Teerão.

"Não há mais tempo a perder", afirma a declaração.

Enquanto combate, o Hezbollah tem sido o porta-estandarte do "eixo de resistência" aliado do Irão, impulsionado pelo seu estatuto de força militar sem rival no Líbano, pelo seu vasto arsenal de armas e pelas dezenas de milhares de homens armados. No Líbano, o Hezbollah tem tentado atenuar a oposição às suas operações militares, argumentando que as suas tácticas limitaram o alastramento da violência e impediram que as suas batalhas com Israel se transformassem num conflito mais vasto.

Ao confinar em grande parte os combates às regiões fronteiriças do Sul do Líbano, "criou menos problemas do que se tivesse iniciado um grande conflito", diz Michael Young, editor principal no Centro Carnegie para o Médio Oriente, sediado em Beirute. Houve uma "separação" no Líbano, entre a destruição que os ataques de Israel causaram no Sul e a realidade noutras partes do país onde "a vida continua", refere. Devido a essa separação, bem como à repulsa largamente partilhada no Líbano pela "brutalidade" da ofensiva israelita em Gaza, o Hezbollah conseguiu manter "o descontentamento sob controlo", afirma Young.

O custo da guerra

Mas Ibrahim Mneimneh, deputado independente no Parlamento libanês, considera que o custo da guerra no Sul do Líbano é suficientemente grave para questionar a estratégia do Hezbollah. "Não acredito que tenham conseguido proteger o Líbano através daquilo a que chamam a 'equação da dissuasão'", diz, referindo-se à noção de que nem Israel nem o Hezbollah queriam uma escalada para além de um determinado ponto.

E manter o equilíbrio que o Hezbollah procurava estava a tornar-se muito mais difícil. Os receios de que as hostilidades pudessem entrar numa espiral aumentaram no final de Julho, após um ataque que matou 12 crianças nos montes Golã, ocupados por Israel. Israel e os EUA culparam o Hezbollah, que negou ter sido o responsável. Alguns dias mais tarde, um míssil israelita destruiu um edifício residencial nos subúrbios do Sul de Beirute, matando Fuad Shukr, um alto comandante do Hezbollah.

"Não enveredámos por uma escalada, mesmo quando os nossos queridos líderes foram mortos", afirmou o secretário-geral do Hezbollah, Hasan Nasrallah, num discurso proferido na terça-feira, mencionando as duas realidades no Líbano. "Durante dez meses, houve uma frente, mártires e funerais, e outra parte do Líbano, onde houve concertos, lazer, almoços e jantares", disse. Mas a "agressão" contra Shukr, a poucos quilómetros do centro de Beirute, foi diferente. "Foram os israelitas que escolheram esta escalada com o Líbano", acrescentou.

"Estamos numa situação em que o ritmo imposto pelo Hezbollah para tentar conter o conflito já não é possível, ao que parece, em parte porque os israelitas parecem dispostos a expandi-lo", diz Young. O discurso centrou-se menos no papel do Hezbollah na constelação de grupos armados apoiados pelo Irão, explicando antes a um público libanês mais vasto por que razão Israel era uma ameaça para a região e a luta do Hezbollah era necessária, disse.

Ibrahim Al Moussawi, deputado libanês em representação do Hezbollah, reconhece que o sofrimento no Sul e as deslocações em massa tinham exercido pressão sobre o movimento. O Líbano, no meio de uma longa crise económica marcada pelo aumento da inflação e da pobreza, mal consegue assistir os deslocados e muito menos conceber a reconstrução das zonas destruídas pelo conflito sem uma ajuda externa maciça.

"Teríamos gostado que a nossa situação no Líbano estivesse numa posição melhor ou mais positiva para nos envolvermos na guerra", afirma, acrescentando que o Hezbollah estava a prestar assistência às pessoas deslocadas, incluindo o pagamento de rendas. O grupo está a tentar equilibrar as "vulnerabilidades" do Líbano com a sua decisão de continuar a lutar, ao que ele chama "dever moral, dever religioso, dever nacional, responsabilidade como seres humanos".

Mneimneh, o deputado independente, diz que as questões de peso que o Hezbollah estava a decidir – sobre guerra e paz e política externa – eram coisas que deviam ser discutidas no Parlamento ou pelo Governo do país.

"É nosso dever apoiar os palestinianos na sua luta pelo seu próprio Estado e opormo-nos ao genocídio que teve lugar em Gaza", afirma numa entrevista no seu gabinete, referindo-se à ofensiva militar de Israel. Mas cabe a todos os libaneses – e não a um partido – "reunir-se e discutir as melhores formas de cumprir estes objectivos, protegendo o país e apoiando ao mesmo tempo a causa palestiniana", acrescenta Mneimneh.

Exclusivo PÚBLICO/The Washington Post

WAEL HAMZEH/EPA

Funeral de um combatente do Hezbollah no Líbano

Israel atacou cerca de 30 alvos na Faixa de Gaza

O Exército israelita atacou cerca de 30 alvos na Faixa de Gaza no espaço de 24 horas, entre sábado e ontem. Infra-estruturas de militantes do Hamas, depósitos de armas e locais de lançamentos de *rockets* estão entre as zonas atacadas, informou, ontem, um comunicado das Forças de Defesa de Israel (IDF, na sigla em inglês).

As operações militares israelitas centraram-se em Rafah e Khan Younis, ambas no Sul da Faixa de Gaza, que têm sido objecto de ofensivas terrestres e bombardeamentos.

Em Rafah, no extremo sul do enclave que faz fronteira com o Egipto, os soldados israelitas identificaram uma célula de presumíveis militantes do Hamas que saía de um túnel atacado pela Força Aérea israelita. O Exército israelita também bombardeou uma "estrutura militar" nas proximidades de um grupo de soldados, onde se abrigava, segundo as IDF, outra célula do grupo islamista.

Ontem, o Exército israelita ordenou a evacuação de mais partes da designada "zona humanitária" a norte de Khan Younis, reduzindo ainda mais o espaço "seguro" do enclave, dois dias depois de lançar uma nova ofensiva terrestre na localidade.

Edif. Diogo Cão, Doca de Alcântara Norte, 1350-352 Lisboa
pequenosa@publico.pt
Tel. **21 011 10 10/20** Fax **21 011 10 30**
De seg a sex das 09H às 19H
Sábado 11H às 17H

CLASSIFICADOS

EDITAL

ROCHA NEVES, Presidente do Conselho de Deontologia do Porto da Ordem dos Advogados Portugueses, em cumprimento do disposto nos artigos 174.º e 202.º do Estatuto da Ordem dos Advogados, aprovado pela Lei 145/2015, de 9 de setembro, com as alterações introduzidas pela lei 6/2024, de 19 de Janeiro;

Faz saber publicamente que, por Acórdão do Conselho de Deontologia do Porto de 16 de junho de 2023, foi aplicada ao **Sr. Dr. Jorge Rocha e Silva**, atualmente com a inscrição como Advogado suspensa e que, enquanto com a inscrição ativa, foi portador da cédula profissional n.º 6367P, com último domicílio pessoal conhecido na Rua Álvares Cabral, 465, Valongo, **a pena disciplinar de suspensão pelo período de 5 (cinco) anos,** por violação dos deveres previstos nos artigos 83.º, 85.º/1/2 al. a) e g), 86.º/a, 92.º/1/2, 95.º al. a) e b) e 96.º do Estatuto da Ordem dos Advogados em vigor à data dos factos – Lei 15/2005, de 26 de janeiro – a que correspondem os deveres previsto nos artigos 88.º, 90.º/2 al. a) e g), 91.º/a e 97.º do Estatuto da Ordem dos Advogados em vigor.

O Acórdão do Conselho de Deontologia do Porto, formou caso resolvido na ordem jurídica interna da Ordem dos Advogados em 5 de abril de 2024 e o cumprimento da presente pena teria o seu início findo o prazo previsto no artigo 173.º, n.º 1 do Estatuto da Ordem dos Advogados (Lei 145/2015, de 9 de setembro). Porém, encontrando-se o Sr. Dr. Jorge Rocha e Silva suspenso por motivos não disciplinares, nos termos do artigo 173.º, n.º 3 do Estatuto da Ordem dos Advogados (Lei 145/2015, de 9 de setembro), o cumprimento da presente sanção apenas terá início no dia imediato ao levantamento da suspensão.

Porto, 7 de agosto de 2024

Rocha Neves
Presidente do Conselho de Deontologia do Porto

Margarida Santos
Chefe de Serviços

EDITAL

ROCHA NEVES, Presidente do Conselho de Deontologia do Porto da Ordem dos Advogados Portugueses, em cumprimento do disposto nos artigos 174.º e 202.º do Estatuto da Ordem dos Advogados, aprovado pela Lei 145/2015, de 9 de setembro, com as alterações introduzidas pela lei 6/2024, de 19 de Janeiro;

Faz saber publicamente que, por Acórdão do Conselho de Deontologia do Porto de 7 de dezembro de 2024, **foi aplicada ao Sr. Dr. Hugo Hermes,** portador da cédula profissional n.º 9409P, com domicílio profissional na Rua do Rio Vizela, 419, Vizela, **a pena disciplinar de suspensão pelo período de 2 (dois) anos e 6 (seis) meses,** acrescida da sanção acessória de restituição à interessada, Rosa Jesus Sala Gomes, da quantia de €16.347,00 (dezasseis mil trezentos e quarenta e sete euros), por violação do disposto nos artigos 88º, 90º, n.º /1/2/a, 97º/1/2, 100º/1/a/b e 101º/1/2, todos do EOA por violação dos deveres previstos nos artigos 88.º e 91.º, al. e) do Estatuto da Ordem.

O cumprimento da presente pena teve o seu início a 21 de junho de 2024, findo o prazo previsto no artigo 173.º, n.º 1 do Estatuto da Ordem dos Advogados atualmente em vigor, desde a data em que o aludido Acórdão do Conselho de Deontologia do Porto, formou caso resolvido na ordem jurídica interna da Ordem dos Advogados.

Porto, 7 de agosto de 2024

Rocha Neves
Presidente do Conselho de Deontologia do Porto

Margarida Santos
Chefe de Serviços

EDITAL

ROCHA NEVES, Presidente do Conselho de Deontologia do Porto da Ordem dos Advogados Portugueses, em cumprimento do disposto nos artigos 174.º e 202.º do Estatuto da Ordem dos Advogados, aprovado pela Lei 145/2015, de 9 de setembro, com as alterações introduzidas pela lei 6/2024, de 19 de Janeiro;

Faz saber publicamente que, por Acórdão do Conselho de Deontologia do Porto de 16 de junho de 2023, foi aplicada à **Sra. Dra. Anabela Pinto Santos,** atualmente com a inscrição como Advogada suspensa e que, enquanto com a inscrição ativa, foi portadora da cédula profissional n.º 46053P, com último domicílio profissional na Rua Capela de Baixo, 5, Braga, **a pena disciplinar de suspensão pelo período de 2 (dois) anos e 6 (seis) meses,** por violação dos deveres previstos nos artigos 88.º, 89.º, 90.º, n.º 1 e 2, alíneas d) e g), 91.º, alínea a) e 97.º, n.º 1 do Estatuto da Ordem dos Advogados em vigor.

O Acórdão do Conselho de Deontologia do Porto, formou caso resolvido na ordem jurídica interna da Ordem dos Advogados em 8 de abril de 2024 e o cumprimento da presente pena teria o seu início findo o prazo previsto no artigo 173.º, n.º 1 do Estatuto da Ordem dos Advogados (Lei 145/2015, de 9 de setembro). Porém, encontrando-se a Sra. Dra. Anabela Pinto Santos suspensa por motivos não disciplinares, nos termos do artigo 173.º, n.º 3 do Estatuto da Ordem dos Advogados (Lei 145/2015, de 9 de setembro), o cumprimento da presente sanção apenas terá início no dia imediato ao levantamento da suspensão.

Porto, 7 de agosto de 2024

Rocha Neves
Presidente do Conselho de Deontologia do Porto

Margarida Santos
Chefe de Serviços

AVISO

Recrutamento e Seleção – Assistentes Técnicos(as) – Serviço de Aprovisionamento e Logística (M/F)

(extrato)

Torna-se público que, por deliberação do Conselho de Administração de 11 de julho de 2024, se encontra aberto, pelo prazo de 5 dias úteis, a contar da data de publicitação do presente extrato, o procedimento concursal com vista ao recrutamento de dois Assistentes Técnicos(as) para exercer funções no Serviço de Aprovisionamento e Logística, para celebração de Contrato Individual de Trabalho ao abrigo do Código do Trabalho.

Os requisitos, gerais e especiais, e o perfil de competências exigido, a composição do júri, os métodos e critérios de seleção e outras informações de interesse para apresentação das candidaturas e para o desenvolvimento do procedimento concursal em apreço, constam da publicitação integral do aviso de abertura, inserto na página eletrónica da Unidade Local de Saúde da Póvoa de Varzim/Vila do Conde, EPE, *in* **www.chpvvc.min-saude.pt**

O Presidente do Conselho de Administração, *Dr. José Gaspar Pinto de Andrade Pais*

Universidade de Aveiro

Processo de Seleção e Recrutamento (M/F)

Publicita-se a abertura do seguinte processo de seleção e recrutamento no sítio da Área de Recursos Humanos da Universidade de Aveiro (https://www.ua.pt/pt/sgrh/pessoal-tag-novos-concursos-e-ofertas): Nos termos da alínea c) do n.º 3 do artigo 23.º dos Estatutos da Universidade de Aveiro, na versão homologada pelo Despacho Normativo n.º 1-C/2017, publicados na 2ª Série do *Diário da República*, de 24 de abril de 2017, e do Regulamento de Carreiras, Retribuições e Contratação do Pessoal Técnico, Administrativo e de Gestão em regime de contrato de trabalho da Universidade de Aveiro, publicado na 2ª Série do *Diário da República* n.º 173, de 4 de setembro de 2020, alterado pelo Despacho n.º 8321/2023, publicado na 2.ª Série do *Diário da República* n.º 158, de 16 de agosto de 2023, pretende-se contratar em regime de contrato de trabalho sem termo, ao abrigo do Código do Trabalho, aprovado e publicado em anexo pela Lei n.º 7/2009, de 12 de Fevereiro

Ref.ª CND-CTST-121-SGRH/2024 – Um (1) Gestor de Ciência e Tecnologia, na 1ª posição remuneratória, nível 20 (€ 1.658,27), acrescido do direito a subsídios de refeição, de férias e de Natal, para exercer as seguintes funções:

- Apoio à elaboração e submissão de candidaturas no âmbito de programas de financiamento internacionais e nacionais em copromoção com entidades empresariais, com especial incidência nas componentes técnico-administrativa, financeira e de revisão de propostas;
- Apoio à elaboração, acompanhamento e gestão de contratos de prestação de serviços de I&D;
- Apoio técnico no âmbito da contratualização, implementação e gestão de projetos de investigação e desenvolvimento tecnológico nacionais e internacionais;
- Interface entre a unidade e instituições externas, nomeadamente empresas e entidades do Sistema Científico e Tecnológico Nacional.

REQUISITOS DE ADMISSIBILIDADE:
HABILITAÇÕES:

- Licenciatura em Química, Bioquímica ou Biologia.

Caso a habilitação académica tenha sido obtida no estrangeiro, exige-se reconhecimento, equivalência ou registo do grau nos termos da legislação aplicável.

OUTROS REQUISITOS:

- Experiência profissional comprovada superior a 3 anos no desempenho de funções análogas às atribuições indicadas no ponto I, em instituições congéneres;
- Conhecimento sobre programas de financiamento nacional e internacional de projetos de I&D;
- Conhecimento da orgânica e funcionamento da Instituição;
- Formação em Gestão de Projetos e Empreendedorismo será valorizada;
- Experiência de trabalho em ambientes multiculturais e possuir domínio oral e escrito das línguas portuguesa e inglesa;
- Possuir um bom domínio na área de informática na ótica do utilizador, nomeadamente em MS-Office 365.

O prazo de candidatura é de 10 dias úteis, contados a partir da data da publicitação do anúncio no jornal.

Universidade de Aveiro, em 15 de julho de 2024
O Reitor, Prof. Doutor *Paulo Jorge dos Santos Gonçalves Ferreira*

ALTERAÇÃO AO ALVARÁ DE LOTEAMENTO N.º 3/2005 – "CAMPO DAS CORDOARIAS"

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO (LT/2013/545)

Frederico Alexandre Aljustrel da Costa Rosa, presidente da Câmara Municipal do Barreiro, nos termos do disposto nos números 4 e 5 do artigo 34-A, do Regulamento Municipal de Operações Urbanísticas Particulares (RMOUP), conjugados com o artigo 27.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de Dezembro, na sua atual redação, torna público que, por iniciativa da Câmara Municipal do Barreiro, contribuinte n.º 506673626, foi proposta a alteração da especificação do Alvará de Loteamento n.º 3/05 denominado "Alvará de Loteamento Campo das Cordoarias", designadamente no que se refere às características do lote n.1, as quais passarão a ser as seguintes:

Lote n.º 1
Área do Lote – 16.426,40 m²;
Área de implantação, máxima – 15.850,00 m²;
Área de construção, máxima – 29.677,56 m²;
Área de comércio/serviços, máxima – 27.500,00 m²;
Área em cave para estacionamento, máxima 32.852,80 m²;
Número de pisos – 4/5/6/P – Habitação;
– 2/3P – Comércio/Serviços
– 2CV – Estacionamento;
Número de fogos máximo – 45.

Mantêm-se válidas todas as disposições constantes do Alvará de Loteamento n.º 3/2005, que não se encontram alteradas com a presente proposta de aditamento.

Nos termos do disposto no n.º 3 do artigo 27.º do Decreto-Lei n.º 555/99 de 16/12, na sua atual redação, a alteração da licença de operação de loteamento não pode ser aprovada se ocorrer oposição escrita da maioria dos proprietários dos lotes constantes do alvará.

Nos termos dos supra citados preceitos legais, o projeto apresentado está sujeito a discussão pública pelo prazo de 10 dias úteis, decorridos que sejam oito dias úteis sobre a data da publicação do presente aviso, podendo ser consultado, juntamente com a informação técnica elaborada pelos serviços municipais, no Balcão Único da Câmara Municipal do Barreiro, sito na Avenida do Bocage, 12, no horário das 9:00h às 11:30h, e das 14:00h às 15:30h, aí podendo também ser apresentadas, por escrito, reclamações, observações ou sugestões.

Câmara Municipal do Barreiro, 1 de agosto de 2024

O Presidente da Câmara, *Frederico Rosa*

Fome das mães aumenta o risco de diabetes para os filhos na vida adulta — a Ucrânia prova-o

A grande fome *Holodomor*, na Ucrânia dominada pela União Soviética nos anos 1930, é um exemplo do que acontece quando há fome durante a gestação: o risco dos filhos terem diabetes de tipo 2 duplica

Tiago Ramalho

A fome não é apenas fome. Para quem está a gerar o filho, a fome acarreta consigo um conjunto de problemas para o futuro, já que a alimentação da mãe tem efeitos claros no desenvolvimento do feto. Quando a carência é extrema, como no período de grande fome na Ucrânia (conhecido como *Holodomor*, entre 1932 e 1933), uma das consequências é o risco muito mais elevado de esses fetos virem a desenvolver diabetes de tipo 2 na vida adulta – mesmo que haja abundância e uma boa nutrição desde o momento do nascimento.

Mais concretamente, o risco de desenvolver diabetes para os filhos de mães que passaram fome extrema durante o primeiro trimestre de gestação é mais do dobro face a quem não esteve numa situação destas. Nas províncias ucranianas mais afectadas pela *Holodomor* ("matar de fome" em ucraniano), uma política de colectivização forçada da agricultura pelo regime soviético que terá provocado quatro milhões de mortes em excesso (face à média de mortes no território ucraniano), o risco acrescido chega a superar o dobro.

Os resultados agora publicados na revista *Science* por uma equipa internacional, onde se incluem três investigadores ucranianos, acrescentam um pormenor particularmente relevante e até agora desconhecido: os efeitos da fome têm impacto particularmente no primeiro trimestre de gestação. "As mães que estavam numa fase inicial da gravidez nos picos de fome tiveram crianças com um risco maior de alterações metabólicas", sublinha Marta Silvestre, investigadora em nutrição e diabetes da Universidade Nova de Lisboa.

Nos anos 1930, a Ucrânia já tinha registos detalhados sobre os nascimentos e mortes nas suas províncias, algo que permite cruzar o período de gestação e os primeiros anos com os períodos de fome. Além disso, para mostrar o peso que tem no risco de desenvolver diabetes, alinharam esses dados com os casos detectados da doença entre 2000 e 2008 – só de quem nasceu entre 1930 e 1938, para poder comparar com pessoas que não passaram por esta fase da história ucraniana.

Não foi assim tão fácil de recolher estes dados. Os registos originais ucranianos tinham sido destruídos durante a Segunda Guerra Mundial, conta Oleh Wolowyna, investigador ucraniano radicado há duas décadas na Universidade da Carolina do Norte (Estados Unidos). Porém, em Moscovo estavam cópias dos censos, para onde partiu Oleh Wolowyna e um grupo de outros cientistas ucranianos interessados em estudar a *Holodomor*: "Fizemos duas viagens a Moscovo e recolhemos todos os dados que nos faltavam da Ucrânia", recorda.

No total, foram analisados dados de mais de 125 mil pessoas, notando-se que o início da gestação durante os primeiros seis meses de 1933 (a principal fase da fome *Holodomor*) acarretou um aumento muito significativo da probabilidade de ter diabetes.

"Os primeiros 1000 dias desde a fecundação são cruciais para a fase de desenvolvimento humano em que qualquer carência ou excesso nutricional terá consequências na vida adulta e potencialmente negativas", nota Alejandro Santos, investigador em nutrição da Universidade do Porto.

O dobro do risco é um número avassalador para o desenvolvimento de uma doença crónica, como reforça Marta Silvestre. "Além disso, estamos a viver um momento em que há crises de fome e de transporte e dis-

ALEXANDER WIENERBERGER

Em baixo, fotografia de cadáver em Carcóvia (Kharkiv, Ucrânia) tirada em 1932 durante a *Holodomor*; à esquerda, pinturas de Ivan Novobranets inspiradas na fome e morte deste período

Cientistas alertam para as situações de fome, como em Gaza, que poderão criar problemas futuros na saúde e até na economia

tribuição alimentar", lembra. As conclusões soam a recado do passado para o presente e futuro em vários pontos do planeta.

Alerta para Gaza

Oleh Wolowyna nasceu em Lviv (Ucrânia), de onde partiu cedo para a Argentina e depois para os Estados Unidos. Aos 85 anos, esteve em Maidan, nas manifestações contra o Presidente pró-russo Viktor Ianukovich e em prol dos valores europeus. Visitava regularmente o seu país em viagens científicas, mas agora deixou de ir à Ucrânia, até por segurança, sem esquecer a devida menção aos familiares que combatem contra a invasão russa. "Para lhe dar uma ideia dos efeitos da fome na Ucrânia, a população em 1937 era mais baixa do que em 1926", indica, salientando um período de enorme crescimento populacional.

Os paralelos com a actualidade intervêm na conversa pela voz do investigador, que sublinha o cerco de Mariupol, na Ucrânia, durante três meses pelos soldados russos – era o início da invasão em 2022. "A nossa missão é informar o mundo sobre esta fome, mas também dar uma lição para o futuro sobre o que acontece a uma população quando se deixa este tipo de fomes serem organizadas artificialmente pelo Governo de um país", diz.

A fome e a ausência de mantimentos lembram outros casos, em países com poucos recursos e sobretudo no continente africano, mas também em zonas de conflito, como a Faixa de Gaza. Ainda no início de Julho, as Nações Unidas alertaram para as mortes de crianças palestinianas como consequência de fome e desnutrição, não deixando margem para dúvidas do alastramento da fome extrema por todo este território palestiniano, como resultado dos ataques e da política de cerco de Israel.

"Infelizmente, acredito que uma parte substancial das crianças que nasçam ao longo deste ano ou até no próximo ano, cujas mães forma sujeitas a situações de fortíssima restrição alimentar, sejam, no futuro, mais um caso de estudo do efeito das fomes na programação fetal e na doença futura", lamenta Alejandro Santos. Os riscos são sobretudo imediatos para as populações, mas também há problemas para a saúde de quem ainda é apenas um feto.

O que explica este risco?

Não há explicações directas para esta associação, mas há uma boa hipótese em cima da mesa, mencionada tanto por Alejandro Santos como por Marta Silvestre: a hipótese dos genes poupadores. Ou seja, quando há carência nutricional, isto modifica a forma como os genes são expressos, de tal forma que essa escassez se torna o normal. Depois, já enquanto bebés, quando são expostos à situação oposta (de nutrição mais abundante), são mais susceptíveis a problemas metabólicos, como a obesidade, por exemplo.

"Durante o primeiro trimestre de gestação, o feto é exposto a um ambiente altamente restritivo e o seu metabolismo vai ser programado para viver num ambiente restritivo. E, portanto, quando posteriormente, ao longo da vida, esta pessoa é exposta exactamente à situação oposta, isto é uma situação de hiperabundância energética e alimentar", explica Alejandro Santos. Ou seja, esta carência nutricional parece moldar geneticamente quem se formou durante este período de fome, tornando esse indivíduo mal adaptado e, como consequência, com maior probabilidade de desenvolver algumas patologias.

Não é propriamente uma novidade, dado que já se tinham observado problemas de longo prazo e uma maior predisposição para patologias metabólicas nos estudos efectuados na fome de Amesterdão (Países Baixos), quando a Alemanha nazi bloqueou o envio de mantimentos para a capital neerlandesa, ou durante a Grande Fome na China entre 1959 e 1961, assim conhecida pelos elevados números de mortes (entre 15 milhões e 55 milhões, estima-se) provocada pela política económica de Mao Tsetung e pela seca que conduziram a enormes quebras na produção agrícola.

O risco acrescido de desenvolver diabetes é indiciado em vários destes trabalhos sobre períodos de fome no século XX, algo confirmado pelo trabalho agora publicado na *Science*, cujo volume de dados analisado é bastante maior. No entanto, ainda há dúvidas por esclarecer no que respeita aos mecanismos que permitem esta implicação para a vida adulta.

"A alteração metabólica pode não ser directamente ligada à incidência em diabetes", nota Marta Silvestre. A outra opção é que, ao ser mais "poupadora", a pessoa tenha uma propensão para o excesso de peso ou a obesidade quando surge uma disponibilidade alimentar normal – o que para um corpo "treinado" para a escassez se torna abundância. Como o excesso de peso ou a obesidade são factores de risco para a diabetes de tipo 2, esta pode ser uma consequência em segundo grau. Em vez de ser resultado da fome, é resultado da propensão para o excesso de peso.

O estudo dos mecanismos desenvolvidos nesse primeiro trimestre de gestação terá de ser analisado no futuro, para compreender o funcionamento biológico do feto em tempo de escassez. Mas, para já, este conhecimento tem utilidade nas situações de fome que grassam por todo o mundo, quer para alertar, quer para minimizar os danos futuros para a saúde pública e até para a economia dos países.

Como *Os Simpsons* e companhia jogam o dominó Disney

Matt Groening, Seth MacFarlane, Loren Bouchard e Mike Judge são autores fora do baralho que gozam dos privilégios Disney e gozam com a Disney. Estiveram na D23

Joana Amaral Cardoso , em Anaheim

Dezenas de milhares de pessoas comuns que se mascaram por três dias. Ou simplesmente vão à caça de coleccionáveis e "viver a magia". Emanam felicidade. Estão em Anaheim, na zona de Los Angeles, na D23, a maior convenção de fãs do império da Walt Disney Company. E misturam tudo. Há uma Branca de Neve que também é uma caçadora de recompensas *Mandalorian*, uma Pocahontas de patins em linha, filas para a feira de *Abbott Elementary*, a cozinha de *The Bear* ou a conversa com o autor de *Shogun*. São histórias diferentes, mas às vezes convém dar a volta e regressar a casa. A animação.

David X. Cohen, co-autor de *Futurama*, pergunta ao seu colega Matt Groening, que também é autor de uma pequena série chamada *Os Simpsons*, o que pingou da animação clássica Disney para o seu estilo. "Todas as personagens de *Os Simpsons* e *Futurama* são identificáveis em silhueta e isso é porque o Rato Mickey é identificável em silhueta – mesmo quando se vira de lado as duas orelhas são visíveis. Quando reparei nisso achei genial", responde Groening, simpático, descontraído, a distribuir desenhos das suas personagens saídos de um livro de esboços A3 num painel que reuniu "os grandes da animação". Nenhum deles faz filmes Disney, mas são herdeiros Disney – ou uns dos outros.

Matt Groening (*Os Simpsons*, *Futurama*), Seth MacFarlane (*Family Guy*, *American Dad*), Loren Bouchard (*Bob's Burgers*) e Mike Judge (*King of the Hill*) falaram disso mesmo perante fãs que são testemunhos ambulantes das várias facetas de um estúdio que começou na animação e que agora é uma casa enorme. Que pode situar-se numa galáxia muito, muito distante, onde vive um Capitão América negro, onde há Jedi em Lego, uma família de cães australianos com duas filhas chamadas Bluey e Bingo, ou uma família amarela, ou ainda simples "americanos médios", como descreveu Mike Judge, a propósito da sua série, *King of the Hill*.

Num dos mega-auditórios da D23, a reunião de fãs (e cerca de 800 jornalistas de todo o mundo) que a cada dois anos mostra o que a Disney tem de novo nas suas muitas facetas, criou-se uma amostra animada e autocrítica do íman desta megaempresa no entretenimento. Jason Mantzoukas (o Jay de *Big Mouth*, mas também o actor de *The League* ou da série *Percy Jackson*) resumiu logo à cabeça que ali estavam "pela primeira vez juntos publicamente quatro dos criadores de animação mais influentes do nosso tempo", responsáveis por "duas mil horas de programação, 80 dias das nossas vidas".

Mesmo assim, no final da tarde de sábado, a sala estava só meio cheia. "Estes lugares deviam estar todos cheios? Sinto-me num comício do Trump", atirou Seth MacFarlane à chegada. O comentário político, e mais uns palavrões e piadas às custas da Disney, marcaram o tom de um painel que tinha princesas aos montes, peluches de ombro (sim, é uma mania Disney), Jedi, cartazes alusivos a episódios de *Os Simpsons*, gente de todas as idades, géneros e etnias na audiência.

Ao mesmo tempo, foi uma espécie de reunião dos miúdos gozões da turma Disney, tal como na véspera os bons alunos que escreveram *The Handmaid's Tale* ou *Shogun*, a série mais nomeada (25) para os Emmys deste ano, debateram a adaptação de livros de sucesso para televisão. As duas conversas tiveram dois pontos em comum: frisar a importância da escolha de um bom elenco e o contorcionismo de se ser uma voz diferente dentro do mundo Disney. "Não consegui um clip '*family friendly*' para mostrar aqui, nem o genérico é adequado a famílias", riu-se Bruce Miller sobre *The Handmaid's Tale*, criada a partir da emblemática obra de Margaret Atwood. "Mandámos 14 opções e cortaram 13."

Quem está na D23 é mesmo, mesmo fã. Quem está usa muitas versões diferentes de orelhas Mickey, como aquela em que elas são feitas dos inconfundíveis *donuts* de cobertura rosa já trincados de *Os Simpsons*. E os autores de *Os Simpsons* são os primeiros a brincar com os temores surgidos quando a Fox foi comprada pela Disney, em 2019, e se pensou no que o ideal familiar do megaestúdio poderia fazer à irreverência da mais duradoura série de animação para adultos, por exemplo.

Brian Kelley, que escreve para *Os Simpsons* há 21 temporadas, leu

Asad Ayaz: "Fazemo-nos à medida" dos diferentes pú

No primeiro dia da convenção D23, um vídeo do actor Ryan Reynolds brincava com a Disney e a Marvel, dizendo ter salvado o estúdio com o seu recente *Deadpool & Wolverine*. Reynolds, a par de Hugh Jackman, é em parte responsável por um Verão de sucesso para o cinema da Disney depois de um primeiro semestre lucrativo para a empresa. Mas há muita reestruturação nos bastidores e o trabalho de Asad Ayaz é precisamente fazer com que essas obras não sejam visíveis enquanto os sucessos se vão construindo.

Ayaz é o primeiro director de marcas da Disney, cargo criado para que presida ao marketing dos seus estúdios, da plataforma de *streaming* Disney+ e das muitas chancelas de entretenimento do grupo. Em conversa com os jornalistas na manhã de sábado em Anaheim, na Califórnia, durante a convenção D23, respondeu ao PÚBLICO que cada projecto "é uma entidade única" e que "todos têm tons diferentes, o que mantém as coisas frescas e dá a diferentes públicos algo de que gostam".

Para Asad Ayaz, "o que define a Disney é a ligação emocional", o que foi evidente na forma como vários visitantes da convenção espelharam em testemunhos físicos ou verbais como diferentes séries e obras os marcaram ou ajudaram a ultrapassar momentos fulcrais das suas vidas.

Mas Disney é também negócio e é considerada uma das potenciais candidatas a terminar no pódio no campeonato do *streaming*, por exemplo. Aí, Ayaz revela como constroem diferentes campanhas para diferentes países através de testes com *"focus groups"* e "relatórios das equipas locais sobre se há certas personagens ou elementos da história que podem ter mais impacto" em determinadas geografias. "Fazemo-nos à medida, mas se

FOTOS: CORTESIA: THE WALT DISNEY COMPANY

FRANK MICELOTTA/DISNEY

Neste encontro de fãs da galáxia Disney, todos puderam brincar ao faz-de-conta no sofá de *Os Simpsons* ou na cozinha de *The Bear*. Em cima, Lee Supercinski e Matt Groening em conferência

úblicos no mundo

nos basearmos no mundo das redes sociais, há muitas coisas que são muito globais", contrabalança.

Dois dos desafios que tem pela frente são a conquista da geração Z, que parece menos presente entre estes superfãs que estão na convenção (talvez pelos preços praticados e pelo impacto da inflação e do estreito horizonte laboral desses jovens), e o uso da inteligência artificial (IA). As duas perguntas sobre o tema têm respostas muito "à marketing" de Asad Ayaz. "A geração Z é uma oportunidade tremenda e é importante ter as séries e filmes certos para este público, mas também estar onde eles passam a maior parte do tempo — no TikTok, no YouTube, nos jogos", tendo o grupo apresentado novidades sobre a sua presença no Fortnite. Quanto à IA, também é "um factor importante e uma oportunidade" no que toca à "eficiência operacional", mas "a empresa está a ser muito ponderada".

uma colectânea de *emails* trocados com o departamento legal da Disney sobre a aprovação de cenas ou temas para episódios. "O espantoso Calças-Aranha – não é OK. Mas o aquário gigante com o Aquaman lá dentro – OK. 'Todos os desenhos aprovados excepto o feijão rotativo' – é o *email* mais insano que li na vida", riu-se. "Por favor cortem a referência a Sylvia Plath, a Disney teve problemas com os descendentes dela no passado", citou, para gáudio da assistência. "Umas semanas depois, recebemos outro *mail*: 'Sylvia Plath foi retroactivamente aprovada'."

A hidra tem muitas cabeças

Esta convenção chama-se D23 porque foi em 1923 que Walt Disney fundou o seu estúdio; este é também o nome do clube de fãs da Disney, condição prévia para poder estar no encontro e vestir fatos de licra ou comprar aqueles bonecos de *Haunted Mansion* que não há em mais lado nenhum. Pagam entre cerca de 100 e 130 euros por ano para ser membros do clube e depois mais o bilhete para um ou os três dias da convenção, que custa entre os 80 e os 2600 euros (para os melhores lugares).

A Disney tem a Lucasfilm e com ela *Star Wars* e *Indiana Jones*; a Pixar e com ela o filme de animação com a estreia mais rentável de sempre, *Divertida-mente 2*; a Marvel e o outro campeão de bilheteira deste Verão, *Deadpool & Wolverine*; a plataforma Disney+ e aquilo que agrega em Portugal (os títulos dos canais FX, Fox ou ABC, e da plataforma Hulu) bem como o mundo visto pela National Geographic ou pela família Kardashian. Do centro de convenções podem ouvir-se os gritos vindos da Disneyland, o primeiro parque temático do grupo.

Matt Groening, de longe o nome mais reverenciado no grupo de animadores reunido no sábado, revelou outra influência Disney que teve, o que por seu turno desencadeou um efeito dominó do impacto que cada uma destas séries teve nas outras. "O [programa de televisão norte-americano] Clube Mickey Mouse tinha um genérico muito longo, e no fim o Pato Donald tocava um gongo de uma forma sempre diferente. Daí veio a ideia para o sofá e o fim do genérico de *Os Simpsons*."

E depois veio o resto. "Quando estudava Artes queria desesperadamente ser animador da Disney. E depois surgiram *Os Simpsons* e mudaram a trajectória da minha vida", disse Seth MacFarlane logo de seguida. "Quero fazer exactamente aquilo", pensou na altura. "E fiz exactamente aquilo", riu-se, acompanhado pelo público que sabe dos anos de paralelos e críticas feitas a *Family Guy* por ter uma estrutura familiar similar à de *Os Simpsons*.

O que tinha a série de revolucionário? "Foi a primeira vez que me ri de verdade em vez de apenas reconhecer que algo era engraçado", explicou MacFarlane. "Vieram *Os Simpsons*, sim, e depois as vossas séries provaram que era possível fazê-lo outra vez", ripostou Loren Bouchard. "Havia dúvidas, *Family Guy* chegou a ser cancelado, *King of the Hill* estabeleceu algo e eu cheguei depois", completa sobre *Bob's Burgers*. "Mas vocês tinham personagens que falavam por cima umas das outras, havia uma improvisação, antes havia uma rigidez nas vozes da animação", continuou MacFarlane, "e nós também fomos roubar a *Bob's Burgers*".

Todas as séries estão ainda no ar ou vão voltar, como é o caso de *Futurama* ou *King of the Hill*. Tal como *Os Flinstones*, os *Looney Tunes* ou *DuckTales*, "são totémicos", como descreve Mantzoukas. E lá volta o dominó a distribuir-se na mesa. "Quando *King of the Hill* dava a seguir a *Os Simpsons*, os meus filhos saíam da sala a correr, odiavam; passaram uns meses e subitamente saltavam *Os Simpsons* e só queriam *King of the Hill*", contou Matt Groening. "A certa altura, o meu filho também me disse que na escola *Os Simpsons* eram coisa de velhos e que *Family Guy* é que era fixe. E eu disse-lhe: 'Então diz ao *Family Guy* para te comprar aquela consola'. E ele respondeu: 'Quem me dera que o Seth MacFarlane fosse o meu pai'."

"Isso é a coisa mais triste que já ouvi", comentou MacFarlane.

Pura diversão

Walt Disney não será o pai de todos estes autores, mas o seu legado, e o espaço que abriu para a animação é inegável. Por muitas piadas feitas às custas da empresa que detém os espaços onde as suas séries são exibidas, é sob o seu telhado que se vão estrear em exclusivo na Disney+ quatro episódios originais de *Os Simpsons*, "um pouco experimentais, um pouco doidos" porque o *streaming* dá mais liberdade criativa, diz paradoxalmente Matt Sellman, o *showrunner* de *Os Simpsons*.

O primeiro dos quais, um episódio duplo e por altura do Natal, estreia-se a 17 de Dezembro, o dia em que *Os Simpsons* foram exibidos pela primeira vez no canal generalista Fox.

A conversa focou-se depois em cada série, convidando novos nomes para o palco. Enquanto Sellman falava, o animador e realizador David Silverman desenhava no ecrã várias misturas de figuras Disney com as de *Os Simpsons*. Um Homer Ursinho Puff, o Comic Book Guy como Aladino, Mr. Burns como Jack Skellington de *O Estranho Mundo de Jack*. Na calha está também um episódio *à la* programa da natureza chamado *Yellow Planet*, mais uma brincadeira com vizinhos no grupo, desta feita a National Geographic.

Ao fim da manhã de sábado, uma jornalista perguntava ao presidente de marketing da Walt Disney Company, Asad Ayaz, como é que a Disney se iria manter relevante nos próximos cem anos (ver texto nestas páginas). Talvez a a questão seja respondida pel'*Os Simpsons*. Há muito que é uma mania da Internet achar que a série previu alguns dos grandes ou bizarros acontecimentos dos últimos 35 anos.

Matt Groening responde candidamente. "Fizemos tantas piadas ao longo dos anos que acabaríamos por ter razão em algumas coisas. Escrevemos sempre piadas com base na possibilidade mais absurda e hoje em dia parece que é assim que o mundo é", disse. "Por isso, tudo parece tornar-se realidade. Só posso dizer que parem de escrever coisas más sobre mim no Twitter. Não sou comunista, satânico, nem maçom. É só salutar diversão."

> **Fizemos tantas piadas ao longo dos anos que acabaríamos por ter razão em algumas coisas. Escrevemos sempre piadas com base na possibilidade mais absurda e hoje em dia parece que é assim que o mundo é**
>
> **Matt Groening**
> Criador de *Os Simpsons*

O PÚBLICO viajou a convite da The Walt Disney Company

JOSÉ COELHO/LUSA

Roger Schmidt abandona o relvado cabisbaixo, depois de uma exibição sem chama

Benfica derrete-se ao primeiro sorriso

Famalicão repete no arranque de época o triunfo que há três meses “enterrou” as últimas aspirações da equipa de Roger Schmidt de poder chegar ao título

Crónica de jogo

Augusto Bernardino

Bastou um golo de Sorriso para derreter por completo a entrada do Benfica na Liga 2024-25. Tudo no mesmo estádio onde na época passada as “águias” entregaram o campeonato ao Sporting, após derrota por 2-0, resultado que se repetiu com novo triunfo dos locais, fechado por Zaydou, o suspeito do costume.

O Benfica tentou corrigir na segunda parte, período em que se foi expondo ao risco, pelo que o jogo poderia ter conhecido um desfecho diferente, tanto para o bem como para o mal dos “encarnados”, que não tiveram a eficácia necessária, mas tiveram Trubin... a evitar um resultado mais carregado, mas não o golo da confirmação.

Pressionado pelos triunfos claros dos principais candidatos ao título, Roger Schmidt apostou na fórmula que o ajudou, numa pré-temporada animadora, a restaurar a confiança entre os benfiquistas. De reserva ficaram os internacionais António Silva, Di María e Kokçu, com o treinador alemão a ter de olhar para o banco mais cedo do que desejaria. Isto porque o Famalicão, num 4x4x2 que destacava Gustavo Sá para uma missão mais ofensiva, ao lado de Aranda, mantinha a organização que lhe garantiu o oitavo lugar na campanha 2023-24.

Mesmo sem referências importantes como Chiquinho, Puma Rodríguez ou Jhonder Cádiz, os minhotos mantiveram o núcleo duro de uma estrutura que começou com reforços como Gil Dias e Mario González no banco. Em tese, a iniciativa de jogo seria uma incumbência benfiquista, que se apresentou de início com os reforços Leandro Barreiro, Beste e Pavlidis. Porém, na prática, até ao intervalo, os “encarnados” não foram além de uma curta superioridade na posse de bola. No capítulo do remate, dos quatro ensaios nenhum foi enquadrado com a baliza, ao contrário do adversário, que acertou nos dois realizados, com um deles a ser fatal para o Benfica: Aranda atraiu a marcação, rodou e isolou Sorriso, que bateu Trubin (12’).

Schmidt precisava de uma reacção pronta, que nem Prestianni, nem Aursnes (de regresso à sua posição de raiz), nem o homem de área, Pavlidis, eram capazes de dar. Aproveitava o Famalicão para ensaiar nova versão do lance que lhe dera vantagem, com Sorriso a chegar um segundo atrasado para alívio dos vice-campeões. O cenário estava longe do idealizado pelo Benfica, que até ao intervalo não criara qualquer situação de perigo.

Dos balneários já não regressaria Prestianni. Era a vez de Kokçu tentar ajudar a mudar a sorte do jogo, o que o turco poderia ter cumprido com assistência para João Mário, que atirou a rasar.

O Famalicão procurava gerir a vantagem em segurança, juntando a equipa, que passava a viver cada vez mais de transições à medida que o Benfica assentava arraiais no meio-campo ofensivo. Após um par de investidas goradas, Schmidt reforçava o ataque com Marcos Leonardo, prescindindo de Florentino e, pouco depois, de Leandro Barreiro, para lançar Di María.

Era o tudo ou nada na corrida contra o tempo e o cansaço, um dos grandes inimigos nesta fase da temporada. A verdade é que Di María teve um efeito positivo, conquistando na primeira intervenção um livre frontal à baliza famalicense. Livre que o próprio Di María executou, levando a bola a passar muito perto da baliza. O jogo partiu-se, com o Benfica exposto às primeiras transições de real perigo que Zaydou e Aranda não conseguiram consumar. Porém, Zaydou, que no último jogo com o Benfica fechara as contas, voltou a selar o triunfo, deixando o adversário sem pontos.

Famalicão 2
Sorriso 12’, Zaydou 90’

Benfica 0

Estádio Municipal de Famalicão.

Famalicão Luiz Júnior ●66’; Calegari (Rodrigo, 68’), Mihaj, Justin de Haas, Francisco Moura; Sorriso (Gil Dias, 62’), Zaydou ●73’, Topic, Rochinha (Mario González, 86’); Gustavo Sá (Van de Looi, 68’), Óscar Aranda (Samuel Lobato, 86’ ●90+2’).
Treinador Armando Evangelista

Benfica Trubin; Bah (Tiago Gouveia, 86’), Tomás Araújo, Morato, Beste (Marcos Leonardo, 62’); Florentino (Carreras, 61’ ●80’), Leandro Barreiro; João Mário ●16’, Prestianni ●45+3’ (Kokçu, 46’ ●57’), Aursnes; Pavlidis.
Treinador Roger Schmidt

Árbitro Fábio Veríssimo (AF Leiria)
VAR Hélder Malheiro (AF Lisboa)

Positivo/Negativo

(+) **Zaydou**
Tarde em pleno, a pisar todos os terrenos, a ameaçar Trubin e a marcar o golo que confirmou o triunfo minhoto.

Sorriso
Atacou a profundidade sem tremer na hora de finalizar e bater Trubin. Teve novo ensejo, mas chegou um segundo atrasado.

Trubin
Sofreu dois golos, mas evitou outros dois, cotando-se como o elemento mais relevante do Benfica.

Óscar Aranda
Assistências primorosas e duas oportunidades para marcar. Faltou o golo.

Gustavo Sá
Mais avançado e sobre a direita, criou e ajudou a fazer a diferença.

(−) **Roger Schmidt**
Entrada em falso na Liga. Tentou um Benfica de pré-época que não funcionou no primeiro jogo a sério.

Sp. Braga supera desinspiração europeia, mas Estrela empata no fim

Augusto Bernardino

Golo de El Ouazzani foi insuficiente na noite da Pedreira. Nani estreou-se e Kikas garantiu um ponto na recta final do jogo

O Sp. Braga entrou na Liga 2024-25 com um empate (1-1) frente ao Estrela da Amadora numa noite de domingo que ajudou a corrigir alguns problemas de inspiração da última ronda europeia, mas não chegou para superar um adversário que acreditou, chamou Nani à boca de cena e chegou ao empate na recta final.

O Sp. Braga precisava de um desempenho diferente do da noite europeia, com o Servette, adversário que voltará a defrontar esta semana em jogo decisivo. E, de certa forma, conseguiu-o.

Porém, quando muitos acreditavam que chegara a altura de pensar um pouco no compromisso de quinta-feira para a Liga Europa, o jogo sofreu um safanão, com as emoções à flor da pele e o árbitro a perder a conta aos cartões.

Perante um Estrela da Amadora que escondeu os seus trunfos nesta pré-época, não restava outra alternativa que não fosse uma abordagem assertiva, sem grandes hesitações ou dúvidas.

MANUEL FERNANDO ARAÚJO/LUSA

O experiente João Moutinho voltou a ser titular no meio-campo do Sp. Braga

O técnico dos "arsenalistas" apostou num "onze" com algumas alterações, a começar pela inclusão de Vítor Carvalho, um pilar do meio-campo que permitiu maior liberdade a Moutinho e Zalazar num desenho de 4x3x3.

No ataque, a ausência de Bruma e a passagem de Roger para o flanco esquerdo – com Ricardo Horta à direita – levaram ainda à troca de ponta-de-lança, com El Ouazzani a recuperar a titularidade. E, de facto, notou-se uma evolução no jogo dos minhotos, com Roger a criar situações de perigo suficientes para estabelecer a diferença.

Só que o Estrela da Amadora não viajara até Braga para aceitar o papel de mero espectador, ficando a dever a si próprio o primeiro golo da partida, em lance de André Luiz que o guardião Matheus limpou. O jogo do Estrela tinha a dose certa de veneno, com Rodrigo Pinho e Kikas ameaçadores. Faltava apenas discernimento. O intervalo chegou sem sinal de golos, situação com que o Sp. Braga não se conformava. E, mesmo sem alterações para a segunda parte, a pressão aumentou e com ela a vantagem, conseguida numa insistência de Moutinho e cruzamento de Zalazar que El Ouazzani converteu no primeiro golo pelo Sp. Braga.

O Estrela ainda tinha vultos como Nani e Alan Ruiz no banco à espera da estreia na Liga, com o internacional português a regressar ao futebol nacional aos 67 minutos

O Estrela ainda tinha vultos como Nani e Alan Ruiz no banco à espera da estreia na Liga, com o internacional português ex-Sporting a regressar ao futebol português aos 67 minutos. Daniel Sousa respondeu iniciando uma troca que lhe permitisse simultaneamente acautelar o resultado do jogo e gerir alguns elementos para o compromisso de Genebra.

O jogo caminhava para o fim, mas o Estrela encontrou forças para ripostar. Nani ainda viu um golo anulado por posição irregular de um companheiro. Mas o sinal estava dado e Kikas conseguiria mesmo empatar aos 80'. E só não bisou para a vitória do Estrela porque Matheus fez enorme defesa.

Pedro Neto vai continuar na Premier League, mas agora com as cores do Chelsea

O avançado internacional português Pedro Neto assinou contrato por sete épocas com o Chelsea, após cinco temporadas no Wolverhampton, anunciou ontem o clube londrino da Liga inglesa de futebol.

"Sinto-me muito grato por me poder juntar a este clube. Trabalhei muito na minha carreira para estar aqui e estou ansioso para entrar em campo com esta camisola", afirmou Pedro Neto, de 24 anos, que disputou 135 jogos pelo Wolverhampton, também da Premier League.

O Chelsea, que integra no plantel mais dois jogadores portugueses, o defesa Renato Veiga e o avançado Diego Moreira, não revelou o valor

Pedro Neto

da transferência, mas a comunicação social britânica noticia que rondará os 60 milhões de euros.

O jogador português, que na época passada disputou 24 jogos pelos *"wolves"*, tendo marcado três golos e efectuado dez assistências, assistiu já ontem ao jogo particular entre os *"blues"* e o Inter Milão, em Londres, e integrará "nos próximos dias" os treinos sob a orientação do treinador Enzo Maresca.

"Estou muito entusiasmado. Ele pode oferecer muitas coisas. Pode jogar na direita, na esquerda, é muito forte no um contra um", resumiu o técnico dos *"blues"*. "É mais uma opção que temos, porque vamos ter muitos jogos e a época é muito longa", acrescentou.

Pedro Neto tem 10 internacionalizações e um golo marcado pela selecção portuguesa, tendo como participação mais recente a presença no Europeu de 2024, torneio no qual a equipa das "quinas" foi eliminada pela França nos quartos-de-final.

O avançado iniciou a carreira profissional no Sp. Braga – que terá direito a uma compensação, ao abrigo do mecanismo de solidariedade da FIFA – e, após uma passagem pelos italianos da Lazio, por empréstimo dos minhotos, rumou em Agosto de 2019 ao Wolverhampton, onde se manteve até agora.

I Liga

Jornada 1

Sporting-Rio Ave	**3-1**
AVS-Nacional	**1-1**
Casa Pia-Boavista	**0-1**
FC Porto-Gil Vicente	**3-0**
Estoril-Santa Clara	**1-4**
Farense-Moreirense	**1-2**
Famalicão-Benfica	**2-0**
Sp. Braga-Est. Amadora	**1-1**
Arouca-Vitória SC	**20h15, SPTV**

	J	V	E	D	M-S	P
1 Santa Clara	1	1	0	0	4-1	3
2 FC Porto	1	1	0	0	3-0	3
3 Sporting	1	1	0	0	3-1	3
4 Famalicão	1	1	0	0	2-0	3
5 Moreirense	1	1	0	0	2-1	3
6 Boavista	1	1	0	0	1-0	3
7 Sp. Braga	1	0	1	0	1-1	1
8 E. Amadora	1	0	1	0	1-1	1
9 Nacional	1	0	1	0	1-1	1
10 AVS	1	0	1	0	1-1	1
11 Arouca	0	0	0	0	0-0	0
12 Vitória SC	0	0	0	0	0-0	0
13 Farense	1	0	0	1	1-2	0
14 Casa Pia	1	0	0	1	0-1	0
15 Rio Ave	1	0	0	1	1-3	0
16 Benfica	1	0	0	1	0-2	0
17 Estoril	1	0	0	1	1-4	0
18 Gil Vicente	1	0	0	1	0-3	0

Próxima jornada Santa Clara-FC Porto, Gil Vicente-AVS, Rio Ave-Farense, Nacional-Sporting, Benfica-Casa Pia, Moreirense-Arouca, Vitória SC-Estoril, Boavista-Sp. Braga, E. Amadora-Famalicão

II Liga

Jornada 1

Marítimo-Tondela	**2-2**
Mafra-P. Ferreira	**0-1**
Leixões-Benfica B	**2-1**
Ac. Viseu-Desp. Chaves	**2-1**
Penafiel-Oliveirense	**4-3**
Torreense-Feirense	**0-1**
FC Porto B-Alverca	**1-1**
U. Leiria-Vizela	**0-2**
Felgueiras-Portimonense	**18h, SPTV**

	J	V	E	D	M-S	P
1 Vizela	1	1	0	0	2-0	3
2 Penafiel	1	1	0	0	4-3	3
3 Leixões	1	1	0	0	2-1	3
4 Ac. Viseu	1	1	0	0	2-1	3
5 P. Ferreira	1	1	0	0	1-0	3
6 Feirense	1	1	0	0	1-0	3
7 Tondela	1	0	1	0	2-2	1
8 Marítimo	1	0	1	0	2-2	1
9 FC Porto B	1	0	1	0	1-1	1
10 Alverca	1	0	1	0	1-1	1
11 Portimonense	0	0	0	0	0-0	0
12 Felgueiras	0	0	0	0	0-0	0
13 Oliveirense	1	0	0	1	3-4	0
14 Benfica B	1	0	0	1	1-2	0
15 Desp. Chaves	1	0	0	1	1-2	0
16 Mafra	1	0	0	1	0-1	0
17 Torreense	1	0	0	1	0-1	0
18 U. Leiria	1	0	0	1	0-2	0

Próxima jornada Alverca-Felgueiras, Oliveirense-Mafra, Portimonense-U. Leiria, P. Ferreira-Marítimo, Feirense-Ac. Viseu, Vizela-Penafiel, Desp. Chaves-Leixões, Benfica B-Torreense, Tondela-FC Porto B

MELHORES MARCADORES

I Liga

2 golos Pedro Gonçalves (Sporting) **1 golo** Clayton Silva (Rio Ave), Ivan Jaime (FC Porto) ...

II Liga

2 golos Roberto (Tondela) **1 golo** Martim Tavares (Marítimo), Patrick (Marítimo)

Diário de Um Cientista

Página 10

Diana Lobo Texto
André Carrilho Ilustração

Como um gene de cão pode ter ajudado o lobo-ibérico a sobreviver: uma história com 3000 anos

Ao contrário de várias populações de lobo que se extinguiram na Europa, o lobo-ibérico tem resistido e apresenta uma característica muito singular. Esta história começou há mais de 3000 anos e há um gene de cão "perdido" que ajuda a contar o que aconteceu

"Quando estamos sozinhos na montanha e sentimos um arrepio repentino na nuca é porque o lobo está perto." Imaginem ouvir isto numa aldeia cheia de gente, onde as crianças brincam na rua, os mais velhos fazem da agricultura o seu sustento, e o som da Natureza se sobrepõe a todos os outros... Assim era a aldeia minhota de Aboim da Nóbrega nos anos 90, onde cresci.

Nos nossos serões em família, os meus avós contavam muitas histórias do passado na aldeia, e o lobo assumia o papel de personagem principal em muitas delas – e não era o de herói. Diziam-me que durante a sua juventude era frequente os lobos descerem da montanha para se alimentarem dos rebanhos: as pessoas assustavam-se e os homens juntavam-se para caçar estes impiedosos predadores. Conseguia perceber nas suas vozes e olhares o medo e o ódio que estas criaturas esquivas e misteriosas despertavam. E eu, ainda com seis anos, dava por mim a temer o lobo e a não o querer por perto.

A verdade é que a situação tinha mudado e o frequente avistamento de lobos tornara-se algo quase

A origem das ideias, o caminho percorrido até elas ganharem forma, as notas de campo e os objectos de estudo: 26 cientistas contam as suas histórias — sobre lobos e cavalos-marinhos, víboras e morcegos, gatos-bravos, sobreiros e muito mais. Um projecto inédito da associação científica Biopolis e do Azul, que junta cientistas e jornalistas para falar de ciência de uma forma diferente. **Faça todos os dias um *quiz*, para saber mais sobre o mundo vivo que nos rodeia, e ouça o *podcast* em publico.pt/interactivos/diario-de-um-cientista**

fantasioso. Nunca vi um lobo na aldeia, nem indícios da sua presença...

Pode parecer um sentimento inofensivo, mas este medo generalizado na população é fruto de uma história antiga de perseguição ao lobo que quase levou à sua extinção na década de 70. O declínio da população foi muito acentuado: nos anos 50, o lobo existia em praticamente toda a Península Ibérica; vinte anos mais tarde, ficou reduzido a poucas centenas na região Norte.

Há marcos históricos desta perseguição ainda visíveis nas nossas paisagens, como é o caso dos impactantes fojos do lobo – muros em pedra, em forma de "V", com uma extensão que pode chegar aos dois quilómetros. Os lobos eram atraídos para dentro destas muralhas e perseguidos até uma armadilha: um fosso, onde ficavam aprisionados.

Ao longo dos anos, fui percebendo que o lobo é mais vítima do que vilão — e é importante desmistificar que muito deste medo é infundado.

E, apesar de toda a perseguição, a que se juntava a destruição de habitat, o lobo-ibérico foi capaz de sobreviver e recuperar, contrariando a extinção de várias populações de lobo na Europa. Mas como é que se tornou capaz de sobreviver nestes ambientes tão hostis?

A Diana Lobo que estuda lobos – uma coincidência quase predestinada

Quando era pequena, e ouvia as histórias assustadoras sobre lobos, não imaginava que um dia viria a estudá-los. O receio foi-se transformando em fascínio e essa foi uma das razões, assim como o meu interesse pela evolução das espécies, que me levaram a fazer o mestrado no Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto (Cibio).

Durante as aulas, a investigadora Raquel Godinho, que liderava projectos de investigação do lobo, e que mais tarde viria a ser minha orientadora de doutoramento, explicava como utilizava ferramentas genéticas – que explicarei mais em detalhe nos parágrafos seguintes – para estudar o lobo-ibérico (*Canis lupus signatus*). Mas foi uma das muitas conversas que se seguiram no laboratório com a Raquel que aguçou a minha curiosidade: "O nosso lobo não se mexe muito!", dizia-me ela, enquanto mostrava mapas da Península Ibérica com trajectórias dos lobos, obtidas por colares GPS.

Isto era sem dúvida algo único: estava habituada a ouvir casos de lobos que percorrem centenas de quilómetros, não o oposto.

Começámos a questionar-nos se este comportamento poderia estar associado à capacidade de o lobo-ibérico sobreviver; e, se sim, qual seria a razão para o terem desenvolvido? Foram estas questões que deram origem à minha tese de doutoramento e é neste momento que os cães entram na história! Mas para tudo fazer sentido, vamos fazer uma (longa) viagem ao passado...

A domesticação dos nossos melhores amigos

Vamos viajar no tempo e andar uns 40.000 a 20.000 anos para trás, algures entre o continente Europeu e Asiático. Foi aqui que os nossos antepassados fizeram algo que mudaria para sempre a forma como vivemos – domesticaram uma população de lobos, que viria a dar origem aos cães.

Provavelmente, estão a pensar que os vossos cães não podiam ser mais diferentes de um lobo, sobretudo se tiverem um pequeno caniche, como eu. Mas o processo de domesticação (e consequente evolução) não foi instantâneo. Muita coisa mudou...

Os cães desenvolveram uma série de comportamentos, em resposta a uma forte selecção artificial imposta pelos humanos, como a docilidade e a capacidade de se manterem por perto, que os tornou muito díspares dos lobos, mas perfeitamente adaptados a viver com as pessoas. Do ponto de vista evolutivo, 40.000 anos é muito pouco tempo, o que faz com que lobos e cães partilhem cerca de 99% do seu ADN (incluindo os cães mais pequenos).

Esta proximidade genética permite que lobos e cães se possam reproduzir e que os híbridos resultantes deste cruzamento sejam férteis. Em Portugal e Espanha, estes casos de hibridação são eventos raros, mas sabemos que acontecem e, muito provavelmente, sempre aconteceram.

Quando os híbridos se reproduzem novamente com os lobos, há porções de ADN dos cães – os bocadinhos a que chamamos genes – que passam para o ADN dos lobos. Pensem nos genes como uma receita no livro de culinária da vida. Os genes contêm as instruções que dizem ao nosso corpo como fazer proteínas, que são os "ingredientes" necessários para manter o nosso corpo a funcionar, desde os músculos até ao cabelo.

Se genes dos nossos cães passam para o ADN dos lobos, será que alguns comportamentos típicos de cão também podem passar? Esta questão fez-me acreditar que talvez a adaptabilidade do lobo-ibérico e o seu comportamento peculiar de não se dispersar por longas distâncias estivessem associados a genes de cão adquiridos através de hibridação.

À procura do gene perdido

Como fazemos para encontrar genes de cão no ADN dos lobos? É uma tarefa difícil, diria mesmo que é como procurar uma agulha num palheiro de agulhas, porque o ADN de ambos é quase idêntico. Mas, através de técnicas recentes, é possível analisar todo o ADN – o genoma – de vários organismos de forma relativamente rápida.

Foram várias as horas que passei no laboratório, e tantas outras em frente ao computador, para conseguir analisar centenas de amostras de lobo-ibérico. Estas amostras, que normalmente são tecidos extraídos da pele ou do músculo, chegam-nos, sobretudo, de animais encontrados mortos.

No caso dos lobos que vivem nos dias de hoje, obter amostras é relativamente fácil. Mas como podemos estudar os lobos que viveram no passado e analisar o seu genoma? Infelizmente não é possível viajar no tempo, mas há algo muito próximo disso: as colecções de história natural.

Visitei vários museus em Portugal e Espanha onde encontrei colecções muito ricas de grandes carnívoros, que outrora viveram em abundância nas nossas paisagens. E uma quantidade de peles de lobo impressionante!

Foi impossível não ficar fascinada com tudo o que vi e imaginar o que aqueles animais viveram no passado... Tive acesso a amostras de lobos que viveram ainda noutro século e em regiões do país onde seria actualmente inimaginável, como Setúbal e Alentejo.

Seguiu-se um trabalho intensivo no laboratório, e finalmente, a análise dos genomas e a procura de genes de cão no genoma do lobo-ibérico...

Alerta de "*spoiler*": encontrámos!

Os resultados dos testes estatísticos eram convincentes e apontavam na mesma direcção: um gene de cão tinha passado para o genoma do lobo-ibérico! A primeira coisa que me ocorreu foi: "Mas, então, qual será a função deste gene?".

Como muitos genes são idênticos e partilhados entre mamíferos, fui investigar este gene no catálogo genómico dos humanos, visto que somos o organismo mais bem estudado de todos. Descobri que está associado a mecanismos cognitivos e de desenvolvimento, o que me fez pensar que pode ter afectado o comportamento do lobo-ibérico, tornando-o mais juvenil. Ou seja, o lobo-ibérico retém na idade adulta características típicas da sua forma mais jovem, como o facto de não se dispersar por longas distâncias. Este processo é típico de animais domésticos, como o cão.

A longo prazo, este comportamento poderá ter levado a que o lobo se mantivesse mais próximo das alcateias de origem – o que acaba por aumentar as chances de sobrevivência, uma vez que diminui os encontros indesejados com os humanos. *Et voilà*, tudo parecia fazer sentido!

Ainda assim, faltava responder a uma pergunta: quando é que este evento de hibridação aconteceu?

A próxima parte da história tem mais de 3000 anos

Se tivessem de viver em terras muito áridas, onde a água escasseia e as temperaturas são altas, para onde iriam? Este foi o cenário que os povos da Península Ibérica enfrentaram há cerca de 4000 anos, quando um evento climático extremo atingiu a bacia do Mediterrâneo. Estas condições levaram a que as pessoas (e os seus cães) migrassem para a costa, e regressassem para o interior apenas centenas de anos mais tarde, quando as condições climatéricas normalizaram. Acreditamos que o mesmo tenha acontecido com o lobo.

Sabemos que a hibridação com o cão é mais frequente em locais para onde o lobo se está a expandir, uma vez que são tipicamente indivíduos solitários e não têm par reprodutor. Por isso, o momento de regresso para terras do interior reunia as condições perfeitas para a hibridação acontecer. Através de ferramentas bioinformáticas – programas e algoritmos que usamos para analisar dados biológicos e moleculares –, consegui estimar uma data para este evento de hibridação que pode ter mudado para sempre o comportamento do lobo-ibérico: 3000 anos!

De repente, tudo fez sentido. Esta data coincidia com a expansão após o período de aridez, e as peças do *puzzle* encaixaram na perfeição. Para mim, este foi o verdadeiro momento "*eureka*" deste trabalho – o que é um privilégio enquanto cientista, porque nem sempre chegamos a momentos de conclusões evidentes. Ainda temos um longo trabalho pela frente para perceber melhor este fascinante animal, mas essas futuras descobertas ficam para uma próxima história. A verdade é que o lobo tem um papel fundamental no ecossistema e é nosso dever assegurar a protecção de todas as espécies do nosso planeta.

Comecei esta história a dizer que nunca tinha visto nem um lobo na aldeia, nem indícios da sua presença... Pois bem, quero dizer-vos que isso mudou com um belo uivo longínquo que ouvi numa aldeia, perto de Aboim da Nóbrega, numa noite de Verão do ano passado.

Para mim, não foi só um uivo: trazia consigo a mudança dos tempos e a certeza de que os lobos estão de volta. E, desta vez, espero que seja para ficar.

Diana Lobo

Investigadora doutorada

Bióloga desde 2011, quando me licenciei na Universidade do Minho, tento agora perceber na minha investigação como é que as espécies se adaptam e evoluem num mundo altamente modificado pelos humanos. A minha espécie-alvo é o lobo-ibérico, uma paixão antiga inspirada pelas histórias da minha infância passada na aldeia minhota de Aboim da Nóbrega. Adoro literatura, viajar, e caminhar na natureza.

Grupo de Investigação no Biopolis-Cibio

Genética da Conservação e Gestão de Fauna Selvagem (ECONGEN)

Entrevista de vida

Ana Galvão

“Gosto da vida salpicada por momentos rock’n’roll. Fujo da vida sempre igual”

Aos 50 anos, é uma das vozes mais conhecidas da rádio portuguesa. Conhecida pela boa disposição, não se leva demasiado a sério, mas é uma mulher de causas e defensora ávida dos direitos dos animais

Entrevista

Inês Duarte de Freitas Texto
Rui Gaudêncio Fotografia

É uma das gargalhadas mais reconhecidas da rádio portuguesa. Todas as manhãs, Ana Galvão chega aos ouvidos de milhares n'As Três da Manhã da Renascença. De riso fácil, tem sempre o trocadilho na ponta da língua, mas é menos irrequieta do que se possa pensar. Quando se senta para conversar, acompanhada da pequena cadela, *Vicky*, abranda o ritmo e reflecte sobre os mais de 30 anos de rádio e 50 de vida. "A sociedade e as redes sociais obrigam-nos a ser coisas que não somos, e isso só nos traz infelicidade", declara ao PÚBLICO.

Mãe de um adolescente de 15 anos, Pedro, fruto do casamento com o também radialista Nuno Markl, confessa-se preocupada com a "cultura da incultura" da era da Internet e das redes sociais. Ainda assim, não vive presa na ideia de que a rádio terá de viver para sempre. "Vai ser um *puzzle* de conteúdos", prevê, deixando de lado a ideia da programação fixa que continua a sobreviver nas últimas décadas.

Nos últimos cinco anos, tem contribuído para rejuvenescer a Rádio Renascença, ao lado de Joana Marques e, mais recentemente, de Inês Lopes Gonçalves. As três dão voz ao *podcast* Extremamente Desagradável, o mais ouvido do país, adorado por muitos, mas sem estar isento de críticas no que toca aos limites de humor. Ana Galvão não tem rodeios em definir o problema: "Um dos grandes motores do stress é o nosso ego, levarmo-nos demasiado a sério." Faz questão de não o fazer, apesar de ser uma mulher de objectivos com a determinação que acredita ter herdado da mãe espanhola. Celebrou 50 anos a 22 de Junho e já tem traçados planos, não só na rádio, como na televisão. Vai para a universidade em Setembro e o resto logo se vê, com uma certeza apenas: "Quero morrer a fazer rádio."

Há algum trocadilho que defina a sua vida?
O meu nome poderia ser Anatómica, em vez de Ana. Exprime muito a minha maneira de ser.

É uma pessoa irrequieta? Ou explosiva?
Sou algo irrequieta, mas mais por fora. Por exemplo, para mim é impossível estar em almoços de duas horas, mas por dentro sou mais tranquila do que pode parecer.

E que há em si mais de espanhola e mais de portuguesa?
Gosto muito de pensar que tenho a tranquilidade portuguesa e uma maior aceitação. Temos percursos na história de que não nos devemos vangloriar, mas acho que temos uma aptidão muitíssimo maior para aceitar o outro do que o espanhol. Espanha é um país muito mais racista e mais fechado. Já o português também consegue ser passivo em muitas coisas e eu padeço disso. O espanhol é muitíssimo mais reivindicativo. De Espanha trago eventualmente algum entusiasmo constante e sempre bastante barulho (risos).

Na rádio, costuma recordar muito a avó espanhola. Como é que essa avó a moldou?
Tínhamos uma avó espectacular que era muito risonha e a quem pregávamos muitas partidas. Acho que uma infância feliz acaba por definir a nossa segurança na vida adulta. A minha avó era a personificação da alegria e quero acreditar que trago alguma coisa dessa felicidade.

Foi um choque cultural quando cá chegou aos 14 anos?
Tenho uma família portuguesa com quem passava todos os Verões, mas estava completamente integrada em Espanha. Só não foi tão grande o choque, porque, quando cá cheguei, fui para o Instituto Espanhol e parte dos meus colegas eram espanhóis. Com 14 anos, mudei de amigos, mudei de casa...

Isso reflectiu-se numa adolescência de rebeldia?
Na adolescência, estamos a mudar tudo por dentro e acho que é um momento muito complicado para mudar por fora. Reprovei, portei-me horrivelmente mal. Digo que foi pela mudança, porque isso desculpa-me. Quando estava ainda no Instituto Espanhol, fiz amigos em Carcavelos e comecei a namorar com um rapaz que era o Nuno "*crazy*" – baldei-me dois meses às aulas.

Foi o primeiro amor?
Não, eu apaixonava-me a toda a hora (risos). Achava a escola uma seca e baldava-me. Então o que é que fazia? Isto é horrível, sou mãe de uma criança com a mesma idade agora. A minha mãe estava a tomar banho para ir trabalhar e eu batia à porta e dizia "adeus", mas ficava escondida debaixo da cama à espera que ela saísse. E depois passava dias na rua. Aquilo acabou por se tornar um purgatório também, porque depois já não podia voltar à escola. Só se resolveu porque o meu irmão, mais novo, mas muito mais responsável, disse aos meus pais. Eles entraram no quarto e rasgaram-me os pósteres todos dos Wet Wet Wet. Fiquei de castigo o Verão todo.

> **A primeira vez que contactei com a rádio foi porque fui com o meu pai visitar uma amiga e fiquei maravilhada. Pensei: "É isto que eu quero fazer"**

> **Não é muito fácil conviver comigo, porque não sou muito apegada à rotina e à vida como tem de ser**

> **A rádio, como é agora, tenho a certeza de que vai mudar. Vai ser um *puzzle* de conteúdos**

> **Um dos grandes motores do stress é o nosso ego, levarmo-nos demasiado a sério. Quando nos despimos disso, a vida é muito melhor**

> **Apesar de ser uma mãe bastante galinha, também sou tranquila. As mães não podem fechar os filhos num casulo**

E os seus pais estavam os dois ligados à música. Nunca quis seguir os seus passos?
O meu pai foi produtor musical até morrer. E a minha mãe fez parte de uma banda chamada Aguaviva. Adorava ter seguido, mas canto muito mal. Tenho mau sentido rítmico, mas a primeira vez que contactei com a rádio foi porque fui com o meu pai visitar uma amiga e fiquei maravilhada. Pensei: "É isto que eu quero fazer."

Foi em que rádio?
Na Rádio Comercial da Linha onde, curiosamente, estava o José Carlos Malato a fazer programas de fim-de-semana. Queria ser aquilo e aquela rádio acabou por fazer um curso de Comunicação Social. Ou seja, na verdade foi a música que me levou a isto. Encantou-me uma profissão onde se trabalhava com música. As paredes dos estúdios eram forradas com discos. E ainda por cima era uma rádio sem *playlist*. Era muito giro, porque colocávamos uma música e tínhamos de pensar o que é que ficava bem a seguir. Aquilo nem sequer era um trabalho, mas brincar à música.

Qual era a sensação quando se ligava o microfone?
Eu era péssima. As primeiras experiências que tive naquela rádio foram num programa português, com o nome altamente fascista, Frente Nacional, que hoje seria impensável. A primeira vez que me puseram no ar tinha de dar notícias de música portuguesa. Li muito contida com aquela voz que se põe quando estamos a começar na rádio e repeti uma notícia. O pânico foi tal que disse no ar: "Esta eu já disse." Ficou silêncio e não consegui falar mais.

Mas falava da "voz de rádio". Como é que encontrou a sua voz?
Foi muito tarde, porque ainda apanhei a rádio das vozes graves e postas. Fumei para ter uma voz mais grossa – não funciona (risos).

Cada rádio por onde passou revelou facetas diferentes?
Sim, até porque há uma evolução com a idade. Comecei muito miúda, aos 18 ou 19 naquela rádio, a fazer o curso e a pôr os discos. Em termos económicos, fui forçada, de facto, a crescer mais rápido do que o normal. As minhas amigas ainda estavam a fazer faculdade e eu já estava a fazer este curso profissional. E tive sorte, porque uma das primeiras experiências foi a Rádio Expo em espanhol. Aquilo para mim foi bombástico. Tinha vinte e poucos anos e passei a ganhar muito bem. Nunca tinha tido tanto dinheiro na vida, porque venho de uma família de classe média.

A música é um meio instável. Sentia essa instabilidade na infância?
Havia alturas em que o meu pai não trabalhava e tínhamos de ter mais contenção. Mas depois havia momentos espectaculares, e isso marcou-me muitíssimo na vida. O meu pai, quando gravava discos e era chefe de produção, vinha com malas de dinheiro para casa. Acordávamos para ir para a escola e ele abria a mala e atirava o dinheiro pelos ares. Achava uma coisa muito rock'n'roll. Ainda hoje procuro pessoas que têm essa maneira de ser. Gosto da vida salpicada por momentos rock'n'roll. Fujo muito da vida sempre igual.

Não é uma pessoa de rotinas?
Tenho a rotina da rádio, mas de resto, não. Não é muito fácil conviver comigo, porque não sou muito apegada à rotina e à vida como tem de ser. Acho que nós copiamos padrões e a minha vida foi de zero rotinada. Ou estávamos a jogar Monopólio às 22h ou, de repente, estávamos a ir para o estúdio visitar [o meu pai], ou choviam notas na sala ou tínhamos menos dinheiro, porque o meu pai não estava a trabalhar.

Mas, ainda assim, esteve 20 anos na mesma rádio, a Antena 3.
Cheguei lá com 24 anos e saí com mais de 40 para a Renascença. Fiz basicamente tudo lá. Era um rádio muito selvagem. De repente, diziam-me "fala" e tinha de estar 35 minutos no ar. Valorizo isso, porque hoje não tenho medo de que me atirem a qualquer sítio.

Qual o sítio mais insólito em que já fez uma emissão de rádio?
Num balão de ar quente: aterrámos contra uma árvore e estávamos em directo. Já fiz reportagens em sítios insólitos. Uma vez, falharam-me convidados e bati à porta de uma casa. Eram uns criadores de peixe, parecia de propósito e foi óptimo.

A liberdade da Antena 3 foi um contraste com a Renascença?
Foi um contraste completo. Quando cheguei à Renascença e percebi que os segundos estão contados, porque as notícias têm de entrar a horas e o bloco de publicidade também e com as músicas controladas, chocou-me imenso.

Já faz rádio há 30 anos e sempre se falou da morte da rádio, mas é um meio que se tem reinventado?
Mesmo assim está anunciada a morte da rádio tradicional. O meu filho já não ouve rádio –

→

Entrevista de vida

ou seja, nós usufruímos ainda de gerações que escutam rádio. A nova geração é *on demand*. É difícil as crianças entenderem que não podem mudar a música que está a passar na rádio. E se temos essa arma de escolher o que queremos, porque é que temos de estar a ouvir rádio? Esta habituação de "eu ponho o que quero quando quero" vai transformar muito os meios de comunicação.

Enquanto mãe, preocupa-a esta cultura do imediatismo?
Preocupa-me, porque eu faço rádio e preocupa-me como é que vai ser. Mas sou expectante. Tenho muita curiosidade em saber como será esta geração do meu filho quando forem crescidos. Mas a rádio como é agora tenho a certeza de que vai mudar. Vai ser um *puzzle* de conteúdos.

Mas acha que nos últimos anos têm conseguido trazer mais jovens para a rádio com As Três da Manhã?
Sim, mas é pelo *podcast*. O Extremamente Desagradável é o *podcast* mais ouvido no país e os miúdos acham graça. Esta é uma geração ligada a tudo. Acham piada à Joana e rapidamente sabem de quem é que ela está a falar. Nunca tivemos gente tão informada dos acontecimentos, dos *memes* – mas não ouvem o programa todo.

A Ana e a Inês estão muito envolvidas no *podcast* da Joana. Já enfrentou algumas polémicas na Internet por esse motivo?
Sim. Mas tenho pena das pessoas; consigo entender também o outro lado, de quem é visado. Acho que as pessoas dão importância a mais [ao *podcast*] e admiro a maneira como a Joana vê aquilo como um trabalho puro e duro, sem maldade nenhuma.

Dá-se um peso ao humor que ele não tem?
Completamente. É o que o Ricardo Araújo Pereira está sempre a dizer. Se dermos um soco a alguém fora do ringue, é violência. Se dermos dentro do ringue, são as regras do boxe. O humor faz-nos bem. No outro dia, estava a ler um médico que dizia que um dos grandes motores do stress é o nosso ego, levarmo-nos demasiado a sério. Andamos num constante sobressalto, "Ai, não me escolheram a mim". Quando finalmente nos despimos disso, a vida é muito melhor.

Vivemos autocentrados?
Completamente. E a filosofia é isso: "És o melhor, luta por ti." Acho que isso é perigosíssimo, porque nos está a retirar uma ideia de grupo que é importantíssima para a sobrevivência do ser humano. Por exemplo, no Japão, é famosa esta ideia da reconstrução da cidade depois de um sismo: primeiro ajudar o vizinho. Acho que essa filosofia do "eu" é terrível e as redes sociais dão-nos isso. A noção do colectivo, da empresa em que somos todos colegas, é difícil de entender para estas pessoas. Também sou uma velha do Restelo a comentar, mas parece-me perigosa a política do eu.

Como é que lida com esta exposição das redes sociais, sendo "velha do Restelo"?
Sou velha do Restelo no sentido em que a Internet está a comer-nos completamente. As redes sociais são o culto da imagem. Quando nos preocupamos muito com a parte de fora, não nos sobra muito tempo para nos preocuparmos com o interior. É tudo muito sôfrego. Não conseguimos tirar conclusões de nada. É muito fácil a pessoa chegar aqui e mandar umas postas de pescada sobre o Trump e sobre o Biden. Mas perguntamos: quais são os teus argumentos? Nem sabem bem. É a cultura da incultura.

O humor sempre foi uma ferramenta que utilizou na rádio?
Sim, mas não tanto como agora. Não sou uma pessoa que faça humor, mas rio-me muito. Sou um bom *sidekick* para pessoas que fazem humor.

Mas como é que apareceram os trocadilhos?
Isso não é fazer humor, é brincar com as palavras. O meu pai fazia muito isso, conservo agendas dele com trocadilhos. Agora tenho a oportunidade de os dizer, de chatear os outros com isso.

Como é que não leva os dias menos bons para a rádio? Por vezes, é preciso vestir uma personagem?
É impossível ter um programa todos os dias e manter uma personagem. Nós somos nós. Agora, levo sempre a boa disposição para a rádio por uma razão que é a mais importante: aquilo é um trabalho. Da mesma maneira que a pessoa que trabalha nas finanças tem de preencher como deve ser os papéis, nós estamos ali para isso, pagam-nos para isso. Mas eu também tenho uma maneira de ser assim. Não me custa muito.

O seu filho tem os dois pais que trabalham na rádio. Já tem o destino traçado?
Acho que sim. Às vezes também temos repulsa das coisas que os pais fazem, mas acho que, pelo menos, haverá uma tendência de escrever ou de criar coisas. Ele tem uma

Estou a viver a vida que queria ter. Agora sim. Neste momento, tenho a sorte de ter pessoas de quem gosto à minha volta e faço com o tempo livre aquilo que quero. Isso é uma bênção

facilidade em expressar-se com palavras, mas logo se verá.

Como é que está a ser a adolescência dele para si?
Em casa parecemos colegas de casa, às vezes, porque eu não o vejo. Ele fecha-se no quarto e só ouço a porta a abrir e os passos do ogre para ir à cozinha comer. Mas depois penso sempre: como é que eu era com esta idade? Acho que o bom de ter filhos é observá-los de fora com todas as suas fases. Estou a tentar fazer isso. Às vezes, rio-me. Outras vezes, está bruto e tenho de dizer: "De 0 a 10 quão adolescente estás hoje?" Apesar de ser uma mãe bastante galinha, acho que também sou tranquila. Acho que a vida tem de ser liberdade. E não falo só do Pedro, mas de todos. Detesto pessoas que nos fecham, que nos inibem. Não gosto de o fazer ao Pedro. Gosto de me leccionar: ele tem de aprender a fazer escolhas. As mães não podem fechar os filhos num casulo.

Sempre falou abertamente sobre vários temas da esfera pessoal. Por exemplo, começou a falar sobre o vegetarianismo quando ainda era pouco comum. Era quase olhada como um extraterrestre?
É verdade que agora é um tema muito mais falado e ainda bem. Perdi a conta às vezes que tive de explicar por que motivo não comia carne. E respondia: "Porque gosto muito de animais."

Foi esse o motivo?
Se eu não como o meu cão, como é que vou comer uma vaca? É igual. Só não estabelecemos a relação com a vaca. Não consigo entender essa diferenciação. Foi por várias razões, mas sobretudo porque a criação de animais é medonha. Tinha já esta ideia de deixar de comer carne há muito tempo, mas adorava. Até que, num fim de ano no Brasil, fomos ao rodízio e o senhor disse – não sei se a brincar: "Esta carne é óptima porque nós espancamos os animais antes de os matar." Era o sinal que esperava. Isto foi em 2000.

Vai voltar a estudar. Porquê agora?
Porque tenho tempo. Não fiz a universidade, porque me meti no curso de rádio e ainda fiz algumas tentativas, mas era mãe na altura e foi demasiado ambicioso. E agora finalmente tenho um horário que vai manter-se e tenho um filho crescido. É giro, porque quase vamos coincidir na universidade.

Foi uma resolução dos 50 anos?
Sim. Tenho duas: voltar a correr – essa ainda não fiz, mas vou – e entrar na universidade. Queria mesmo fazer em tempo de vida útil para estudar com gozo. Adorava conseguir, porque quero ir para Serviço Social. Acho que é muito importante para todos nós, até nesta área da comunicação, em que podemos fazer coisas, conhecemos pessoas, estamos mais ligados aos ouvintes. É agora ou nunca.

Os 50 foram um marco?
Sim, quando penso nisso. Eventualmente, o meu corpo não vai reagir às coisas da mesma maneira. Se calhar, vou ter de começar a fazer as coisas de uma maneira diferente ou a ter outros cuidados, porque o corpo muda também com a menopausa. Mas, por outro lado, não penso nisso e estou bem.

A sociedade é mais dura com as mulheres no que toca ao envelhecimento?
Há uma desigualdade completa. Eu tenho uma irmã com 20 anos, que nasceu quando o meu pai tinha 61 anos. É uma coisa que nós não podemos fazer. O nosso corpo tem uma validade para ter filhos, salvo raríssimas excepções. O nosso físico conta muitíssimo para a escolha de muitas coisas. Na televisão, por exemplo, um tipo com cabelo branco é um charme e uma mulher de cabelo branco é uma velha. É-se muitíssimo mais exigente. Também não nos podemos perder a pensar nisso. A natureza é muito dura. A menopausa é uma porcaria. Ainda não estou lá, mas já senti algumas coisas da sua chegada. Mete insónia, mete dor...

E continua a ser um tabu falar de menopausa, mesmo entre mulheres?
Acho que se acha muito: "Se eu falo disto, isto vai fazer com que os homens ainda se afastem mais." Não se fala minimamente da menopausa. Só comecei a perceber qual era o pacote da menopausa quando comecei a sofrer de algumas coisas e fui pesquisar.

Os 50 anos trouxeram sabedoria? Se fosse dar um conselho de vida, o que é que diria?
Vou dar três. O primeiro conselho: andarmos mais devagar. Segundo: devemos respeitar muito aquilo que somos. A sociedade e as redes sociais obrigam-nos a ser coisas que não somos e isso só nos traz infelicidade. Perdemos muito tempo e energia estando em sítios que não nos são adequados. E terceiro: perceber que não somos assim tão importantes.

E aos 50 está onde queria estar?
Estou. Estou a viver a vida que queria ter. Agora sim. Não significa que aos 51 esteja, ou aos 52. Somos seres mutáveis. Neste momento, tenho a sorte de ter pessoas de quem gosto à minha volta e faço com o tempo livre aquilo que quero. Isso é uma bênção.

E quer fazer rádio até que a voz lhe doa?
(risos) Quero morrer a fazer rádio.

Ecrãs

publico.pt/streaming

Ren Faire: as loucuras do Rei George

Há uma crise de sucessão na maior feira do renascimento americana. George Coulam, o fundador de 86 anos, quer reformar-se. Esta minissérie filma tudo isso

Rodrigo Nogueira

Traições e gente a ser apunhalada nas costas por causa de uma luta pelo poder e o domínio de um vasto império. Quem é que vai ficar com tudo quando o rei se retirar? É esta a premissa de *Ren Faire*, uma minissérie documental de Lance Oppenheim para a HBO cujos três episódios saíram em Junho. Tem produção executiva dos irmãos Safdie e Ronald Bronstein, com a chancela da sua Elara Pictures. Tudo se passa não numa empresa normal, mas numa feira do renascimento, uma feira ao ar livre em que se reconstitui a época renascentista. Mais propriamente, no Texas Renaissance Festival (TRF), a maior do género nos Estados Unidos. É capaz de ser o melhor objecto audiovisual no meio de feiras do renascimento desde *Os Cavaleiros da Lenda*, o filme (que não é de terror) de George A. Romero de 1981.

George Coulam fundou este certame em Todd Mission, no Texas, em 1974. Agora com 86 anos, quer retirar-se, prevendo que irá morrer aos 95 anos. Para quê? Para passar os próximos nove anos que terá de vida a ir atrás de mulheres e para fazer arte no seu jardim. Pelo menos, é isso que nos diz no primeiro episódio. A realidade talvez seja mais complicada. Sobre a primeira parte do que quer fazer quando entregar a coroa – ele refere-se a ele próprio como rei –, vemo-lo em encontros inconvenientes em restaurantes de *fast food* com mulheres (muito) mais novas. Ele está, aliás, inscrito em vários *sites* para *sugar daddies*, homens mais velhos com dinheiro que querem a companhia de mulheres, neste caso entre os 30 e os 50 anos. Não é ele que os gere: tem um assistente para lhe mexer no computador.

A competir pelo seu trono estão Jeffrey Baldwin, o director-geral que está na feira há mais de 40 anos; Louie Migliaccio, que vende pipoca doce na feira, bebe bebidas energéticas como se não houvesse amanhã e quer, com a ajuda da família, comprar a operação; e, só aparecendo no segundo episódio, Darla Smith, que é uma novata no TRF, mas tem experiência neste universo e também a treinar elefantes.

São estas personagens coloridas que nos vão sendo mostradas, protagonistas de um negócio que movimenta milhões de dólares todos os anos e que Oppenheim filmou ao longo de mais de três anos nesta série que co-criou com a ajuda do jornalista David Gauvey Herbert. Começou, diz em entrevistas, por encarar o projecto como uma comédia, mas acabou por ver tudo como uma tragédia. Isto graças às acções e comportamentos de Coulam, uma pessoa tão desbocada que leva a que seja fácil apontar-lhe uma câmara e pô-lo a falar para encontrar algo de bizarro, único e hilariante. É, também, alguém capaz de ser manipulador e tratar mal quem o rodeia.

Ao *Vulture*, *site* da revista *New York*, o realizador afirmou que se foi, à medida que a rodagem foi avançando, interessando cada vez menos pela questão da sucessão, e mais por este "homem de idade avançada que continua a agarrar-se desesperadamente ao poder que tem no sistema, o feudo, que ele criou". "É o retrato de um império americano em declínio, em miniatura", continua. "Há este ciclo que George inflige nos outros, e acho que há muitos Georges diferentes na nossa sociedade que infligem esse tipo de dor em muitas outras pessoas", conclui.

Esse texto tinha como título: "E se *A Guerra dos Tronos* e *Succession* tivessem um bebé documental?", que é uma descrição perfeita do que se passa ao longo destes três episódios de quase uma hora.

DR

Outros destaques da semana

FILMIN

Sangue e Dinheiro: Parte 2
Terça-feira
Criada por Xavier Giannoli, que é também um dos realizadores, esta série de *thriller* de crime francês que teve estreia na edição do ano passado do Festival de Veneza está de volta para completar a primeira temporada. Com Vincent Lindon no centro, lida com o célebre escândalo de 2008 e 2009 da fraude à volta da taxa de carbono.

DISNEY+

Star Wars: As Aventuras do Jovens Jedi T2
Quarta-feira
Está de volta esta série Star Wars para a idade pré-escolar orientada por Michael Olson a partir da criação de, claro está, George Lucas. Segue as aventuras de jovens aspirantes a jedis séculos antes dos filmes originais da saga, a aprenderem a lidar com a Força e a tornarem-se cavaleiros.

TVCINE EDITION

Ronija: A Filha do Dragão
Quarta-feira, 22h10
Baseado no livro de fantasia para crianças escrito pela sueca Astrid Lindgren, a autora de *Pipi das Meias Altas*, em 1981. Já tinha dado um filme sueco e uma série japonesa e, em Março, deu esta nova série Netflix que agora chega ao TVCine Edition. Ronja é uma miúda rebelde que cresceu no meio de um grupo de ladrões que viviam num castelo medieval e se aventura pela floresta mágica, cheia de criaturas estranhas e perigos por todo o lado. É assim que conhece Birk, que pertence a um grupo rival e cuja amizade irá espoletar um conflito entre clãs.

NETFLIX

Pais e Filhas
Quarta-feira
Angela Patton é uma activista que fundou, em 2012, a organização Girls for a Change. Num dos campos por ela organizados, há sempre uma dança de pais e filhas. Quando reparou que muitas filhas não podiam dançar com os pais por estes estarem encarcerados, decidiu convencer prisões e começar uma iniciativa para juntá-los durante uma noite. Este documentário de Natalie Rae conta a história desse evento.

Cinema

Borderlands

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt

Estreias

Banel & Adama

De Ramata-Toulaye Sy. Com Khady Mane, Mamadou Diallo, Binta Racine Sy, Moussa Sow. FRA/Senegal/Mali/Qatar. 2023. 87m. Drama. M12.
Banel e Adama nunca saíram da pequena aldeia senegalesa onde nasceram. Apesar de serem muito diferentes, eles estão apaixonados e dispostos aos maiores sacrifícios para viver o seu amor.

A Ilha Vermelha

De Robin Campillo. Com Nadia Tereszkiewicz, Quim Gutiérrez, Charlie Vauselle, Amely Rakotoarimalala. BEL/FRA/Madagáscar/Afeganistão. 2023. 117m. Drama. M12.
Início da década de 1970, quando em Madagáscar existia uma das últimas bases militares francesas. Naquele lugar paradisíaco viviam várias pessoas ligadas aos militares destacados. Entre eles está Thomas, um miúdo de dez anos que, à medida que vai crescendo, vai vendo com novos olhos tudo o que se passa à sua volta.

Depois do Ensaio

De Ingmar Bergman. Com Erland Josephson, Lena Olin, Ingrid Thulin. SUE/FRA. 1983. 72m. Drama. M12.
Depois de um ensaio, o encenador Henrik tem um encontro com Anna, filha de Rakel, uma antiga amante. Em conversa, ela partilha com ele várias histórias relacionadas com a mãe, já falecida e com quem tinha um mau relacionamento.

Isto Acaba Aqui

De Justin Baldoni. Com Blake Lively, Justin Baldoni, Jenny Slate, Hasan Minhaj. EUA. 2024. m. Drama, Romance. M12.
A história, que é uma reflexão sobre relações tóxicas, segue Lily a partir do momento em que conhece Ryle, um cirurgião por quem se apaixona perdidamente e com quem inicia uma relação amorosa.

Borderlands

De Eli Roth. Com Gina Gershon, Cate Blanchett, Haley Bennett, Kevin Hart, Jack Black, Jamie Lee Curtis, Ariana Greenblatt. EUA. 2024. 102m. Comédia, Acção. M12.
Inspirado num dos mais conhecidos videojogos da Gearbox Software, "Borderlands" acompanha um grupo de desajustados que chega ao planeta Pandora para resgatar a filha desaparecida do dono de uma das mais poderosas empresas de armas da galáxia.

Mulheres Que Esperam

De Ingmar Bergman. Com Anita Bjork, Maj-Britt Nilsson, Eva Dahlbeck, Gunnar Bjornstrand. SUE. 1952. 107m. Comédia Dramática. M12.
Quatro mulheres aguardam o regresso dos seus respectivos maridos, todos irmãos. À volta de uma mesa, elas partilham segredos e discorrem sobre os seus casamentos.

Super Wings O Filme: Velocidade Máxima

Com Zhang JiaQi (Voz), Youxuan Wu (Voz). China/Coreia do Sul. 2023. 79m. Animação. M6.
A história passa-se quando o vilão Billy Willy elabora um plano para raptar alguns influenciadores da Cidade Grande e enviá-los para o espaço. Quem tem a responsabilidade de salvar o dia são os elementos dos Super Wings que, quando se juntam, são capazes das maiores proezas.

As estrelas P

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Armadilha	—	—	★★☆☆☆
Banel e Adama	★★★☆☆	—	★★★☆☆
Borderlands	—	★☆☆☆☆	—
O Colecionador de Almas	★★☆☆☆	—	—
Deadpool & Wolverine	—	★☆☆☆☆	—
Depois do Ensaio	★★★★☆	★★★★★	★★★★★
Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★★☆☆☆
Geração Low Cost	—	★★★☆☆	★★★★☆
A Ilha Vermelha	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★☆☆☆☆
Mais que Nunca	—	★☆☆☆☆	★★☆☆☆
Mulheres que Esperam	—	★★★★★	★★★★☆
Podia Ter Esperado por Agosto	—	●	●
Tornados	★★☆☆☆	●	★☆☆☆☆
A Travessia	★★☆☆☆	★★★☆☆	★★☆☆☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Lisboa

Cinema City Alvalade
Av. de Roma, 100. T. 214221030
Banel & Adama M12. 13h30, 19h40; **A Última Sessão de Freud** M12. 15h20; **A Ama de Cabo Verde** M12. 13h40; **Divertida-Mente 2** M6. 13h25, 15h35, 17h40 (VP), 19h50 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 15h10, 21h45; **A Ilha Vermelha** M12. 17h30; **Crossing - A Travessia** M14. 19h25; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 17h20, 21h30; **Oh Lá Lá!** M12. 15h25, 21h35; **Isto Acaba Aqui** M12. 17h45, 21h45; **Yupumá** M12. 20h15; **Juan Mariné: Um Signo de Cinema** 13h25

Cinema City Campo Pequeno
Centro de Lazer. T. 214221030
Gru 4 13h15, 15h45 (VP); **Divertida-Mente 2** 13h25, 15h15, 15h40, 17h30, 19h45, 21h45 (VP), 17h40, 19h35, 21h35 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 13h25, 15h20, 16h05, 17h50, 18h45, 19h10, 21h25, 21h50; **O Coleccionador de Almas** M16. 22h; **Oh Lá Lá!** M12. 17h55, 19h50; **Armadilha** M12. 13h30, 21h30; **Borderlands** M12. 13h10, 15h10, 19h40, 21h55; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h10, 16h15, 17h10, 19h15, 21h40; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 13h35, 15h35 (VP)

Cinema Ideal
Rua do Loreto, 15/17. T. 210998295
Banel & Adama M12. 19h50; **A Ilha Vermelha** M12. 15h45, 21h30; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 18h

Cinemas Nos Alvaláxia
R. Francisco Stromp. T. 16996
Banel & Adama M12. 13h05, 15h20, 17h30, 19h40, 21h50; **Gru 4** 13h20, 15h40, 18h40 (VP), 21h10 (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 21h25; **Divertida-Mente 2** M6. 13h45, 16h15, 18h40 (VP), 20h40 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h10, 15h50, 18h30, 21h20; **Tornados** M12. 13h30, 16h10; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 14h, 17h10, 21h; **O Coleccionador de Almas** M16. 20h50; **A Ilha Vermelha** M12. 13h40, 16h20, 19h, 21h35; **Oh Lá Lá!** M12. 13h25, 15h45, 18h20; **Armadilha** M12. 13h35, 16h, 18h35, 21h05; **Borderlands** M12. 14h30, 16h50, 19h10, 21h30; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h15, 16h05, 18h55, 21h45; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 13h50, 16h25, 19h05 (VP); **Geração Low-cost** M14. 21h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 18h50, 21h40 (3D)

Cinemas Nos Amoreiras
C.C. Amoreiras. Av. Engº Duarte Pacheco.
Banel & Adama M12. 13h20, 15h30; **A Última Sessão de Freud** M12. 20h50; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h40, 16h20, 18h40 (VP), 20h40 (VO); **Divertida-Mente 2** M6. 13h25, 15h50, 18h20 (VP), 21h (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h10, 15h45, 18h20, 21h; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h10, 16h10, 18h55, 21h40; **A Ilha Vermelha** M12. 18h; **Oh Lá Lá!** M12. 13h30, 16h, 19h, 21h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h45, 16h50, 20h25

Cinemas Nos Colombo
Edifício Colombo, loja A203. Av. Lusíada.
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h20, 16h20, 18h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h10, 15h50, 18h20 (VP), 13h40, 16h30 (VP/3D), 19h, 21h, 23h30 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 17h40, 20h30, 24h; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 14h, 17h, 20h40, 23h50; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Imax - 12h40, 15h30, 21h30, 00h25; **O Coleccionador de Almas** M16. 21h50, 00h20; **Armadilha** M12. 13h30, 16h, 18h30, 21h40, 00h15; **Borderlands** M12. 13h, 15h40, 18h, 21h10, 24h; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h50, 17h20, 20h50, 00h10; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 12h50, 15h15 (VP); **Pacto de Redenção** M12. 21h20, 23h40; **Borderlands** M12. Sala Imax - 18h40

Cinemas Nos Vasco da Gama
C.C. Vasco da Gama, Parque das Nações.
Divertida-Mente 2 10h50, 13h20, 15h50, 18h30 (VP), 21h (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h15, 15h55; **Tornados** M12. 18h45, 21h30; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 13h10, 16h10, 19h05, 22h, 23h40; **Armadilha** M12. 13h05, 15h45, 18h25, 21h05, 23h50; **Borderlands** M12. 13h30, 16h, 18h40, 21h10, 23h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h25, 16h30, 20h45, 23h45; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 11h (VP)

Medeia Nimas
Depois do Ensaio M12. 22h; **O Grande Amor da Minha Vida** M12. 19h30; **O Amor Louco** M12. 13h30; **O Ritual** M16. 18h;

UCI Cinemas - El Corte Inglés
Av. Ant. Aug. Aguiar, 31. T. 213801400
Patti Smith, Poeta do Rock M12. 19h30; **Banel & Adama** M12. 17h, 19h15; **A Última Sessão de Freud** M12. 16h25, 19h05, 21h40; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 14h10 (VP); **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 15h50; **Divertida-Mente 2** M6. 13h50, 16h20, 18h45 (VP), 21h10 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 13h45, 18h50; **Memória** M14. 13h35, 18h40; **Podia Ter Esperado por Agosto** 16h05, 21h25; **Tornados** M12. 14h20, 21h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h20, 14h, 16h10, 16h55, 19h, 21h05, 21h50; **O Coleccionador de Almas** M16. 19h10, 21h55; **A Ilha Vermelha** M12. 16h15, 19h; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 16h35, 21h45; **Oh Lá Lá!** M12. 13h40, 16h30, 18h55, 21h20; **Armadilha** M12. 13h30, 19h30, 22h; **Borderlands** M12. 14h15, 16h50, 19h20, 21h55; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h15, 13h45, 16h, 16h40, 18h50, 21h15, 21h40; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 14h30, 16h45 (VP); **Mais Que Nunca** M14. 13h25, 21h35

Almada

Cinemas Nos Almada Fórum
R. Sérgio Malpique 2. T. 16996
Gru 4 M6. 12h50, 15h10, 17h30, 19h50 (VP/2D), 13h40, 16h (VP/3D), 22h10 (VO/2D); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 18h05, 20h40, 23h; **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h20, 17h40, 20h (VP), 13h20, 15h50, 18h10, 20h35, 23h10 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 12h25, 15h15; **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h55, 15h40, 18h20, 20h55, 23h35; **Tornados** M12. 12h45, 15h20, 17h55, 21h20; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 13h, 15h55, 18h40, 21h30 (2D), 18h20, 21h05 (3D); **O Coleccionador de Almas** M16. 22h15; **Oh Lá Lá!** 13h15, 15h45, 17h55, 20h30, 23h20; **Armadilha** M12. 13h30, 16h05, 18h30, 21h15, 23h40; **Borderlands** M12. 13h25, 15h40, 18h20, 21h10, 23h25; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h20, 15h, 18h, 20h50, 23h35; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 14h, 16h20 (VP); **Pacto de Redenção** M12. 18h50, 21h40; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala 4DX - 12h10, 15h05, 17h45, 20h50, 23h30; **Borderlands** M12. Sala 4DX - 12h50

Cascais

Cinemas Nos CascaiShopping
Gru 4 M6. 12h30, 15h, 17h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h30, 16h30, 19h (VP), 22h15 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h50, 17h, 20h; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h40, 15h30, 18h30, 21h30, 22h35; **O Coleccionador de Almas** M16. 21h45; **Oh Lá Lá!** M12. 13h40, 16h15, 19h15; **Armadilha** 20h10; **Borderlands** M12. 13h15, 15h50, 18h10, 20h30, 23h; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h, 16h, 18h50, 21h50, 22h45; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Imax - 14h, 16h45, 22h; **Borderlands** M12. Sala Imax - 19h30

Sintra

Castello Lopes - Alegro Sintra
Alegro Sintra, Alto do Forte. T. 219184352
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h10, 15h20, 17h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h15, 16h30, 18h45, 21h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h15, 15h20, 17h25, 19h30 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 14h15, 16h40, 19h05, 21h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h35, 16h10, 18h45, 21h20; **Oh Lá Lá!** M12. 19h40, 21h40; **Armadilha** M12. 21h35; **Borderlands** M12. 13h10, 15h15, 17h20, 19h25, 21h35; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h20, 16h, 18h40, 21h20

Loures

Cineplace - Loures Shopping
Quinta do Infantado, Loja A003.
Gru 4 M6. 12h20, 13h, 14h10, 17h10 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h, 17h10, 19h20, 21h30 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h40; **Deadpool & Wolverine** M12. 16h10, 18h50, 21h30; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 13h20, 15h20 (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 17h20; **Armadilha** M12. 21h30; **Borderlands** M12. 15h, 19h10, 21h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h40, 16h20, 19h, 21h40; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 13h30, 15h30, 17h30, 19h30 (VP)

Odivelas

Cinemas Nos Odivelas Strada
C.C. Strada Shopping, Estr. da Paiã.
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h30, 16h10, 18h40 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h20, 18h (VP), 20h50 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h50, 15h40, 18h30, 21h20; **Oh Lá Lá!** M12. 13h40, 16h20; **Borderlands** M12. 19h, 21h30; **Isto Acaba Aqui** 12h40, 15h30, 18h20, 21h10

Oeiras

Cinemas Nos Oeiras Parque
C. C. Oeirashopping, Av. António Bernardo Cabral de Macedo. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 12h55, 15h25, 17h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h, 13h30, 16h20, 19h10 (VP/2D), 14h30, 17h (VP/3D); **Podia Ter Esperado por Agosto** 22h15; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h45, 15h45, 18h45, 21h45 (2D), 20h, 22h45 (3D); **A Ilha Vermelha** M12. 20h15, 23h; **Oh Lá Lá!** M12. 13h45, 16h, 18h20, 21h; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h35, 15h30, 18h25, 21h20

Lazer

VISITAS

Dia Internacional da Juventude

SINTRA Vários locais. Dia 12/8. Até 25 anos. Grátis

Sintra tem um presente para os mais novos neste Dia Internacional da Juventude: entrada gratuita, até aos 25 anos (inclusive), nos Palácios Nacionais de Sintra e Queluz, no Parque da Pena, no Castelo dos Mouros, no Convento dos Capuchos, no Chalet da Condessa d'Edla e no Parque e Palácio de Monserrate. Basta fazer prova da idade, com a apresentação do Cartão do Cidadão na bilheteira de cada local. A oferta é da Parques de Sintra, que, dos espaços que gere, só não inclui o Palácio da Pena na promoção.

EXPOSIÇÃO

World Press Photo

PORTIMÃO Antiga Lota. De 29/7 a 20/8. Todos os dias, a qualquer hora. Grátis

"Composta com cuidado e respeito, oferecendo ao mesmo tempo um vislumbre metafórico e literal de uma perda inimaginável" – foi com estas palavras que o júri da World Press Photo justificou a atribuição do título de foto do ano a *Mulher Palestiniana Abraça o Cadáver da Sua Sobrinha*. Foi captada no Hospital Nasser, para a agência Reuters, pelo palestiniano Mohammed Salem, que assim se tornou repetente no galardão máximo, que já tinha recebido em 2010. A tragédia da(s) guerra(s) deixa a sua impressão nesta edição dos maiores prémios mundiais de fotojornalismo, assim como migrações, pobreza, alterações climáticas ou demência. Mas também há histórias de "perseverança, coragem, amor, família e sonhos", assinala a organização. Tudo o que é humano, portanto. Aqui nem há lugar para imagens produzidas por inteligência artificial. As fotografias distinguidas – 33 entre 61.062, oriundas de 130 países – estão reunidas numa exposição que percorre várias cidades do mundo, convidando quem as vê "a sair do ciclo noticioso e a olhar com mais profundidade tanto as histórias proeminentes que conhecemos como aquelas que passam despercebidas". Em Portugal, cabe a Portimão acolhê-la.

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos

Cruzadas 12.520

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

HORIZONTAIS: 1 - Vai pagar 2 milhões de euros por ano pelo consumo de água da albufeira de Alqueva. O tio dos americanos. **2 -** "Os (...), uns nascem para santos, outros para tamancos". Abranda. **3 -** Andar. Sem preparação. Muitos (fig.). **4 -** (...) ao consumo, no mesmo banco, há particulares a obter vários no espaço de meses. Abreviatura de manuscrito. **5 -** Ligação (fig.). Ligai. **6 -** Franzina. Computador Pessoal. Um dos dígrafos da língua portuguesa. **7 -** Baldio de (...), situado no coração da serra da Estrela, é apontado como exemplo de boa gestão florestal. **8 -** Converter em lâminas à força de martelar. Prefixo (afastamento). **9 -** Artigo antigo. Sociedade Anónima. Conjunto das primeiras posições numa classificação. **10 -** "É o peão de Putin para condicionar as negociações com os EUA", diz Andrés Malamud. **11 -** Joga. Sentir tonturas.

VERTICAIS: 1 - Empresa Pública. Preposição que indica companhia. Parte superior de um diamante quando lapidado. **2 -** Abandonar. Aprovação (fig.). **3 -** Espécie de polme de legumes. Sistema que não é sólido nem líquido. Observei. **4 -** Elas. Liquescer. **5 -** Emboscada. «Em» + «a». **6 -** Farto. Entidade Reguladora dos Serviços Energéticos. **7 -** Arrufo. Plural (abrev.). Oportunidade. **8 -** Enxada pequena (regional). Interjeição designativa de dor. **9 -** Anuência. Adquirir. **10 -** Seguros de (...), estão a crescer rapidamente em Portugal. Onda nos estádios. 11 - Zelador dos regulamentos policiais. Tornar volumoso ou balofo.

Solução do problema anterior:
HORIZONTAIS: 1 - Natureza. Cl. **2 -** Ver. Vereda. **3 -** Bombeiros. **4 -** Pasto. SPA. **5 -** Bronca. Gear. **6 -** Ro. Do. **7 -** Ta. Inédita. **8 -** SaladaCésar. **9 -** Ab. Ni. ONU. **10 -** Fukuyama. Ag. **11 -** Libras. LA.
VERTICAIS: 1 - Bobo. Safa. **2 -** Avo. Tabu. **3 -** Temporal. Kl. **4 -** Urbano. Aqui. **5 -** Esc. Id. Yb. **6 -** Evita. Nanar. **7 -** Zero. Décima. **8 -** Aro. Godé. As. **9 -** Esse. Iso. **10 -** CD. Pantanal. **11 -** Lavar. Aruga. segunda

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1								■			
2					■						
3	■			■				■			
4									■		
5		■	■				■				
6						■			■		
7	■										■
8							■			■	
9			■		■			■			
10		■									
11						■					

Bridge

João Fanha
fanhabridge.pt

Dador: Sul
Vul: NS

NORTE
♠A5
♥A32
♦KJ1094
♣832

OESTE
♠Q1062
♥Q104
♦865
♣AQ7

ESTE
♠K874
♥76
♦732
♣J1094

SUL
♠J93
♥KJ985
♦AQ
♣K65

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♥
passo	2♦	passo	2♥
passo	4♥	Todos passam	

Leilão: Equipas ou partida livre (IMP).
Carteio: 6♠. Qual a melhor linha de jogo?

Solução: O naipe de ouros vai ser crucial para nos livrarmos das perdentes a paus. Podemos afirmar que estamos perante um caso de balda rápida. Mas, embora essa seja uma razão para se adiar o destrunfar, neste caso não é bem assim. Dado que o risco de um dos adversários vir a cortar a terceira volta de ouros é grande, é importante tomar algumas cautelas quanto a isso. E, porque não podemos permitir que a defesa tenha a mão, ou podemos perder num ápice três vazas a paus, temos que bater Ás e Rei de trunfo à cabeça e esperar que os trunfos estejam divididos 3-2 (e alguma conjugação simpática dos ouros ou da Dama de trunfo na mão mais comprida a ouros).

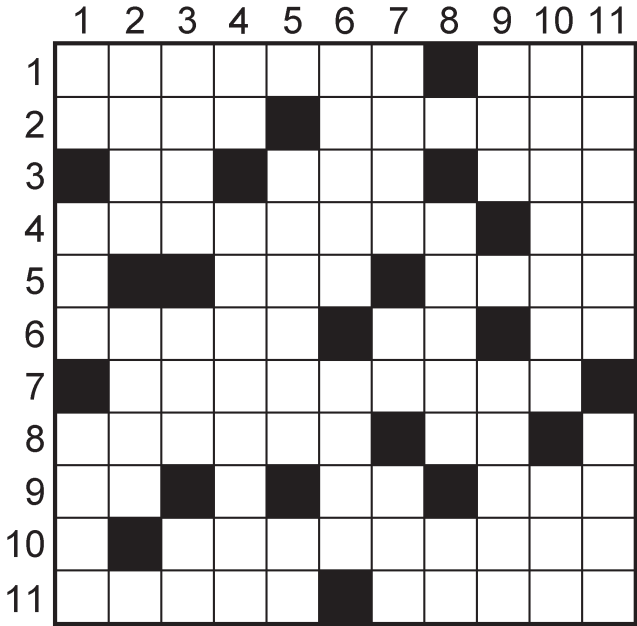
A boa linha de jogo: Ás de espadas (sim, nem se atreva a deixar passar porque a defesa irá fazer quatro vazas à cabeça), seguido por Ás e Rei de trunfo. Ás de ouros e a Dama de ouros que prendemos com o Rei do morto. Valete de ouros onde baldamos o 5 de paus e o 10 de ouros para baldar também o 6 de paus. A defesa poderá cortar com a Dama de trunfo, mas no máximo só poderá fazer mais uma vaza a paus e outra a espadas.

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
1♠	passo	2♥	
passo	2♠	passo	?

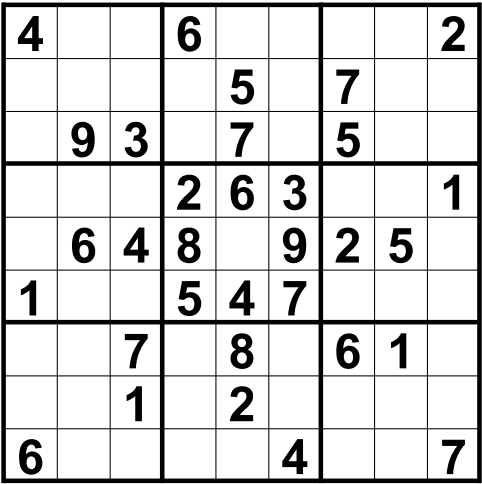
O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠AK ♥AJ1084 ♦852 ♣KQ5

Resposta: O parceiro não promete seis cartas em espadas, mas pode tê-las. Se ele tiver uma mão perfeitamente mínima com comprimento num naipe pobre, está confinado a repetir o seu naipe de cinco cartas. Bom, mas nós temos ainda margem de progressão e nada melhor do que mudar de naipe novamente para forçar o parceiro a falar: 3♣. Esperemos que a próxima voz do parceiro nos esclareça sobre o contrato a jogar, seja ele 3ST, 4♠ ou 6♠!

Novos cursos de Bridge estão aí à porta. Setembro e Outubro com novos horários e em diferentes níveis, do zero aos níveis mais avançados. No Centro de Bridge de Lisboa existe uma equipa de dez professores. Saiba mais através do *e-mail* centrodebridge@gmail.com, ou pelo bridgepublico@gmail.com.

Sudoku

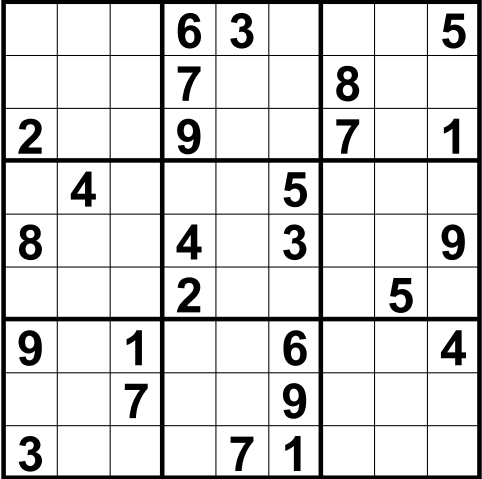
© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com

Problema 12.804 (Fácil)

4			6					2
				5		7		
	9	3		7		5		
			2	6	3			1
	6	4	8		9	2	5	
1			5	4	7			
		7		8		6	1	
		1		2				
6					4			7

Solução 12.802

4	6	9	1	2	3	7	8	5
1	2	3	8	5	7	6	9	4
8	5	7	4	9	6	2	3	1
2	3	6	5	4	8	9	1	7
9	4	8	7	1	2	5	6	3
5	7	1	6	3	9	8	4	2
6	8	5	3	7	4	1	2	9
3	1	2	9	6	5	4	7	8
7	9	4	2	8	1	3	5	6

Problema 12.805 (Médio)

			6	3				5
			7			8		
2			9			7		1
	4				5			
8			4		3			9
			2				5	
9		1			6			4
		7			9			
3				7	1			

Solução 12.803

6	2	5	4	9	3	8	1	7
3	1	7	8	2	6	4	5	9
9	4	8	1	5	7	6	2	3
5	9	2	3	6	1	7	8	4
8	6	4	2	7	9	1	3	5
7	3	1	5	8	4	2	9	6
2	7	6	9	3	8	5	4	1
1	5	9	6	4	2	3	7	8
4	8	3	7	1	5	9	6	2

CINEMA

Nas Teias da Corrupção
TVCine Action, 21h15
No ano 2000, depois de dois anos na gaveta, estreou-se este filme de James Gray, baseado numa história de corrupção verídica na cidade de Nova Iorque que envolveu o seu próprio pai. Co-escrito por Matt Reeves, que mais tarde viria a ser responsável por *The Batman* e a saga recente de *O Planeta dos Macacos*, centra-se em Leo Handler (Mark Wahlberg), que, saído da prisão em liberdade condicional, começa a trabalhar como mecânico numa empresa que disputa contratos para reparar carruagens de metro. É o pretexto para explorar uma vasta teia de corrupção municipal, com subornos a políticos e muito pouca licitude. Foi o segundo filme de Gray, e conta também com Joaquin Phoenix, Charlize Theron, James Caan, Ellen Burstyn e Steve Lawrence no elenco.

Uma Livraria em Paris
RTP2, 22h55
Vincenzo dedica-se de corpo e alma à sua livraria, situada no centro de Paris, aqui recriado de forma fantasiosa nos estúdios Cinecittà, e a Albertine, a sua filha adolescente, que se recusa a falar ou andar desde que teve um acidente. As suas vidas decorrem tranquilamente até ao dia em que Yolande, uma actriz cheia de energia e entusiasmo pela vida, entra na livraria. Uma comédia romântica realizada por Sergio Castellitto em 2021, a partir de uma história escrita e não filmada pelo realizador Ettore Scola, que morreu cinco anos antes e aqui foi responsável pelo argumento, ao lado da filha Silvia e de Furio Scarpelli, desaparecido em 2010.

SÉRIES

As Caminhantes
RTP2, 14h11
Estreia. Seis mulheres que se uniram por todas serem assoladas, de uma forma ou de outra, pelo cancro, decidem unir esforços e escalar até ao topo da montanha Dôme de la Lauze, em Saint-Christophe-en-Oisans. É esta a premissa de uma minissérie francesa criada por Fanny Riedberger, Sylvie Audcoeur e Anna Fregonese e estreada originalmente em 2022.

Condor
RTP1, 0h45
Um analista de sistemas da CIA descobre uma enorme conspiração e um plano secreto que põe em risco a vida de milhões de pessoas. Não tarda até haver um alvo nas suas costas. Datada de 2020, esta é a segunda temporada de *Condor*, a série baseada tanto em *Os Seis Dias do Condor*, livro de James Grady, quanto na sua adaptação cinematográfica, *Os Sete Dias do Condor*, realizada por Sydney Pollack em 1975. No elenco encabeçado por Max Irons (filho de Jeremy) cabem nomes como o falecido William Hurt, Bob Balaban ou Constance Zimmer.

Solar Opposites
Disney+, *streaming*
Estreia da quinta temporada. A animação co-criada por Mike McMahan e Justin Roiland, que também fazia a voz principal e foi despedido em 2023 dos seus trabalhos na indústria depois de acusações de abuso e violência sexual e doméstica, tem nova leva de episódios que se estreia entre nós exactamente ao mesmo tempo que no resto do mundo. É a história cómica de um grupo de extraterrestres que se despenham na Terra e ficam relutantemente entre nós, entre outras tramas passadas à volta do universo.

Industry
Max, *streaming*
Estreia da terceira temporada. A HBO deu a esta série criada por Mickey Down e Konrad Kay em 2020 o mesmo horário que dava a *House of the Dragon*, o que traz a esta produção uma atenção redobrada e um carácter de grande aposta para substituir galinhas dos ovos de ouro como essa ou a finada *Succession*. Industry passa-se no mundo cruel e sem escrúpulos da alta finança em Londres.

Reginald the Vampire
Syfy, 22h15
Último episódio da segunda temporada. Chega ao fim esta comédia de terror criada por Harley Peyton, veterano que trabalhou em séries como *Twin Peaks* nos anos 1990. A saga de Reginal Andres (Jacob Batalon), que se transformou em vampiro para conseguir salvar a própria vida, era adaptada de uma série de livros, *Fat Vampire*, escrita por Johnny B. Truant.

DOCUMENTÁRIO

Grandes Monumentos Naturais: Islândia
RTP2, 20h35
As paisagens da Islândia, com especial enfoque nos vulcões e tudo o que estes proporcionam, são o foco deste episódio desta produção francesa com o selo do Arte e assinada pelo realizador Herlé Jouon.

Televisão

Os mais vistos da TV
Sábado, 10

		% Aud.	Share
Primeiro Jornal	SIC	7,7	23,0
Congela	TVI	7,4	18,1
A Sentença	TVI	6,1	18,7
A Promessa	SIC	6,0	14,1
Jornal Nacional	TVI	5,8	14,5

FONTE: CAEM

RTP1	8,0%
RTP2	5,8
SIC	12,1
TVI	13,8
Cabo	39,6

RTP1

6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.15** Hora da Sorte - Lotaria Clássica **14.20** Escrava Mãe **15.24** A Nossa Tarde **17.30** Portugal em Directo **19.06** O Preço Certo

19.59 Telejornal

21.01 Salto de Fé

21.38 Joker

22.38 Taskmaster

0.29 Condor

2.10 Escrava Mãe

RTP2

6.33 Caminhos **7.00** Espaço Zig Zag **13.07** E2 - Escola Superior de Comunicação Social **13.34** Viva Saúde **14.04** Folha de Sala **14.11** As Caminhantes **14.55** A Fé dos Homens **15.29** Primeiro Estranha Depois Entranha **15.54** País de Gales - Terra Selvagem **16.47** Espaço Zig Zag **20.37** Grandes Monumentos Naturais: Islândia

21.30 Jornal 2 **22.01** O Veterinário de Província **22.46** Folha de Sala **22.53** Uma Livraria em Paris

0.31 Sangue em Viena **1.16** Esec TV **1.44** Prova Oral **3.01** I Am Really the Underground **3.53** Folha de Sala **3.59** A Praia da Amália **4.40** Afazeres do Mês **4.47** As Zebras: Sobredotação e Altas Capacidades **5.52** Folha de Sala

SIC

6.00 Edição da Manhã **8.10** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.30** Querida Filha **15.55** Linha Aberta **17.15** Júlia **18.30** Terra e Paixão

19.57 Jornal da Noite

21.55 A Promessa

22.45 Senhora do Mar

0.00 Nazaré

0.40 Papel Principal **0.55** Travessia **1.40** Passadeira Vermelha **3.00** Terra Brava

TVI

6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois às 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** TVI - Em Cima da Hora **14.30** A Sentença **15.35** A Herdeira **16.30** Goucha **17.45** Dilema

19.57 Jornal Nacional

21.25 Dilema

22.00 Cacau **22.35** Morangos com Açúcar

0.00 Dilema **2.00** O Beijo do Escorpião **2.35** Deixa Que Te Leve

TVCINE TOP

18.15 A Besta **19.49** Todos Menos Tu **21.30** Beautiful Wedding: Um Casamento Maravilhoso **23.05** Big Driver **0.30** Terror na Pradaria

STAR MOVIES

17.37 O Exterminador Implacável 2 - O Dia do Julgamento **19.50** Duelo na Estrada **21.15** Jogo de Traições **22.58** Actos de Vingança **0.27** Joshua Tree - A Fúria de um Duro

HOLLYWOOD

17.54 Getaway - Em fuga **19.22** Esquecido **21.30** Duro de Roer **23.12** Tekken - O Filme **0.46** As Pequenas Coisas

AXN

18.03 The Rookie **21.06** Hudson & Rex **22.00** Alert: Unidade de Pessoas Desaparecidas **22.54** Correio de Risco **0.31** Alert: Unidade de Pessoas Desaparecidas

STAR CHANNEL

17.20 Investigação Criminal: Los Angeles **18.56** Magnum P.I. **20.29** Hawai Força Especial **22.15** CSI: Vegas **23.03** Chicago P.D. **0.43** Magnum P.I. **2.10** A Branca de Neve e o Caçador

DISNEY CHANNEL

17.15 Miraculous - As Aventuras de Ladybug **18.55** Monstros: Ao Trabalho! **19.15** Hamster & Gretel **20.00** Os Green na Cidade Grande

DISCOVERY

16.24 Mestres do Restauro **19.06** Mestres do Restauro - Os Melhores Negócio **20.03** Aventura à Flor da Pele XL **21.00** No Centro da Polémica **21.57** Aventura à Flor da Pele XL **1.26** No Centro da Polémica

HISTÓRIA

17.00 Napoleão: Ascensão e Queda **17.57** A Guerra Mundial: 1914-1945 **19.37** Salazar, Lisboa e a Segunda Guerra Mundial **20.31** Tácticas de Guerra **22.15** As Serviçais de Hitler

ODISSEIA

16.52 Planeta Terra **18.35** Clima Letal **20.17** Mundo à Vista **20.50** Viagens de Comboio Pelas Costas Britânicas

Meteorologia

PORTUGAL

Viana do Castelo 18º 25º
Bragança 16º 33º
Braga 16º 30º
Vila Real 15º 30º
Porto 17º 25º
Aveiro 16º 25º
Viseu 15º 31º
Guarda 14º 34º
Coimbra 17º 27º
Castelo Branco 17º 35º
Leiria 18º 24º
Santarém 18º 33º
Portalegre 15º 32º
Lisboa 19º 28º
Setúbal 19º 30º
Évora 17º 34º
Sines 18º 23º
Beja 17º 34º
Sagres 19º 21º
Faro 21º 28º

18º 1,0m
18º 1,0m
22º 0,8m

Açores

Corvo
Flores 24º 27º
Graciosa
São Jorge
Terceira 22º 27º
Faial
Pico
São Miguel
Ponta Delgada 21º 26º
Sta Maria

26º 1,5m
26º 1,2m
25º 1,2m

Madeira

Porto Santo 22º 27º
Madeira
Funchal 22º 27º

24º 0,5m
24º 1,0m

MARÉS

Preia-mar / Baixa-mar *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Preia-mar 08h30	2,7	Preia-mar 08h07	2,7	Preia-mar 08h08	2,6
Baixa-mar 14h32	1,4	Baixa-mar 14h09	1,5	Baixa-mar 14h00	1,4
Preia-mar 20h49	2,6	Preia-mar 20h26	2,6	Preia-mar 20h31	2,6
Baixa-mar 03h05*	1,4	Baixa-mar 02h39*	1,5	Baixa-mar 02h31*	1,4

PRÓXIMOS DIAS LISBOA

	Terça-feira, 13	Quarta-feira, 14	Quinta-feira, 15
Mín./Máx.	19º 27º	18º 27º	20º 34º
Índice UV	M. alto	M. alto	M. alto
Vento	Fraco	Moderado	Fraco
Humidade	78%	71%	55%

MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havai
Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 4 Ago.	424,18
Há um ano	420,16
Há dez anos	397,93
Semana de 28 Jul.	424,88
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal

- Excelente
- Razoável
- Mau
- Não é saudável
- Nada saudável
- Perigoso

Porto, Coimbra, Lisboa, Évora, Faro

SOL

Nascente 06h48
Poente 20h34

LUA

12 Ago.	16h19
19 Ago.	19h26
26 Ago.	10h28
3 Set.	02h55

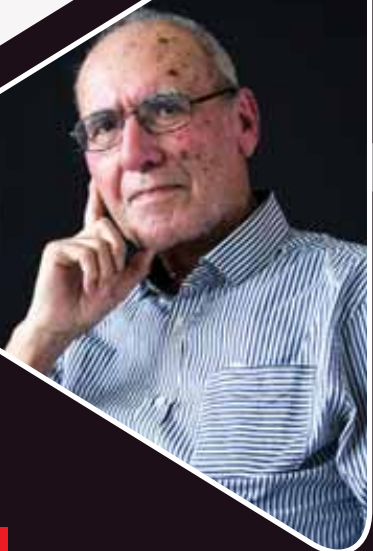
Nascente 14h26
Poente 00h15*
*de amanhã

EUROPA

Oslo, Estocolmo, Helsínquia, Talin, Riga, Copenhaga, Vílnius, Dublin, Londres, Amesterdão, Berlim, Varsóvia, Bruxelas, Praga, Paris, Viena, Budapeste, Genebra, Milão, Roma, Istambul, Lisboa, Madrid, Atenas

TEMPERATURAS ºC

	Mín.	Máx.		Mín.	Máx.
Amesterdão	21	32	Roma	22	37
Atenas	25	35	Viena	21	34
Berlim	15	28	Bissau	26	31
Bruxelas	20	34	Buenos Aires	7	12
Bucareste	21	37	Cairo	27	37
Budapeste	20	34	Caracas	20	29
Copenhaga	13	21	Cid. do Cabo	10	15
Dublin	14	22	Cid. do México	13	23
Estocolmo	13	22	Dili	21	31
Frankfurt	21	33	Hong Kong	27	32
Genebra	18	33	Jerusalém	20	31
Istambul	23	32	Los Angeles	18	30
Kiev	16	25	Luanda	20	25
Londres	15	32	Nova Deli	26	30
Madrid	22	36	Nova Iorque	18	27
Milão	24	36	Pequim	23	31
Moscovo	12	18	Praia	25	30
Oslo	12	24	Rio de Janeiro	14	24
Paris	20	38	Riga	14	20
Praga	17	31	Singapura	26	32

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

BARTOON LUÍS AFONSO

Joaquin Phoenix abandona filme. Com medo das cenas *gay*?

Vasco Câmara

Uma história de detectives e uma *love story* homossexual explícita nas cenas de sexo foi cancelada pela desistência do actor

Começou por ser um exclusivo do site *Indiewire*, espalhou-se entretanto pela revista *Variety* e pela publicação *online* Deadline e chegou a ser destaque no diário britânico *The Guardian*: Joaquin Phoenix, soube agora o *site*, abandonou em Julho um filme do cineasta Todd Haynes cinco dias antes de a rodagem começar. O projecto, conduzido pela produtora e habitual cúmplice de Haynes Christine Vachon, que colabora com o cineasta de Los Angeles desde os seus inícios, desde *Poison/Veneno* (1991) e dos alvores do New Queer Cinema, vai mesmo ser cancelado, uma vez que assentava de tal maneira em Phoenix que não faz sentido procurar um substituto.

Ficou, por isso, toda uma equipa de rodagem em Guadalajara, no México, onde o *untitled project* seria filmado, com a vida em suspenso. À espera de salários e com meses sem trabalho e muito tempo pela frente.

Dir-se-á que isto em si não é inédito, faz parte das imprevisibilidades da máquina industrial que não está oleada para colocar o factor humano no mais alto nível da sua fasquia. Porque é que, então, o ruído em torno da desistência do actor se espalhou?

JUANJO MARTIN/EPA

Joaquin Phoenix, de 49 anos, é conhecido por levar ao extremo os papéis que interpreta

Primeiro, porque se trata do destemido Joaquin Phoenix, mas também conhecido pela sua intensidade e volatilidade, e esta sua desistência acontece poucas semanas antes da apresentação mundial, no Festival de Veneza, de *Joker: Folie à Deux*, continuação do filme que lhe deu o Óscar em 2020 e que o vai voltar a colocar nas bocas do mundo. Ou seja: o *show* já começou.

Mas a razão principal é que, nesse "filme sem título" de Todd Haynes, Phoenix interpretava uma personagem homossexual. Fora um projecto que o actor levara ao realizador, movido "pela sua ousadia, pelo seu desejo de derrubar barreiras e de se colocar no lugar desconfortável" que é a relação entre as duas personagens masculinas, contou o próprio Haynes no final de 2023 à revista *online Indiewire*, durante a campanha de imprensa para a candidatura ao Óscar do anterior *May/December*.

Seria uma *detective story* passada nos anos 30 e uma história de amor – Phoenix iria contracenar com Danny Ramirez. Não era só o actor principal, desenvolvera também o argumento com Haynes e com Jon Raymond, um dos autores da minissérie do realizador para a HBO *Mildred Pierce*.

Um realizador fora, assim, desafiado por um actor ("Mais longe, vamos mais longe") e respondera-lhe com um repto: ser o mais explícito possível em termos de cenas de sexo, fazer um filme para a classificação NC-17, isto é, não aconselhável a menores de 17 anos. Terá sido por essa intenção explicitada por Haynes que, à beira da rodagem começar, Joaquin se retirou. Embora não tenha havido declarações do actor, as fontes da *Indiewire* dão uma razão: teve medo (a expressão no *Guardian* é "acobardou-se").

O facto está a repercutir-se sobre a própria produtora, que alguns criticam por ter escolhido "um actor heterossexual" para interpretar a personagem de um homossexual. Mas não é limitativa a visão de que apenas um homossexual possa interpretar um homossexual? Ou será que, como alguém enunciou (as redes sociais de Christine Vachon estão já com propostas "doutrinárias"), os projectos LGBTQ só são aprovados se tiverem o apoio de uma vedeta heterossexual?

"Não vão por aí...", protestou Vachon no seu Instagram, "só iria piorar uma situação que já é terrível". O projecto, sublinha, foi-lhe trazido pelo próprio Phoenix, "era dele". A Killer Films, produtora por ela fundada, "tem um currículo que fala por si de trabalho com actores/equipa/realizadores LGBTQ".